

**Universidade de São Paulo
Faculdade de Saúde Pública**

**ENCONTROS COM SAPOPEMBA: coletivos em
movimento produzindo vida e saúde**

Rosiane Dantas Pacheco

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Área de Concentração: Saúde Pública
Orientação: Prof. Dr. Marco Akerman

**SÃO PAULO
2022**

ENCONTROS COM SAPOPEMBA: coletivos em movimento produzindo vida e saúde

Rosiane Dantas Pacheco

Versão original

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Área de Concentração: Saúde Pública
Orientação: Prof. Dr. Marco Akerman

**SÃO PAULO
2022**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a)
Bibliotecária da FSP/USP: Maria do Carmo Alvarez - CRB-8/4359

Pacheco, Rosiane
ENCONTROS EM SAPOEMBA : coletivos em movimento
produzindo vida e saúde / Rosiane Pacheco; orientador
Marco Akerman. -- São Paulo, 2022.
179 p.

Tese (Doutorado) -- Faculdade de Saúde Pública da
Universidade de São Paulo, 2022.

1. Movimento sociais. 2. Coletivos. 3. Encontros. 4.
Território. I. Akerman, Marco, orient. II. Título.

FICHA DE AVALIAÇÃO

PACHECO, R. D. ENCONTROS COM SAPOPEMBA: coletivos em movimento produzindo vida e saúde. 202. Tese (Doutorado em Ciências) –Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Profa. Dra. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento _____

Dedico esse trabalho a

Jaqueline, Raifah, Rosangela, Sandra,
Thais, Elizabeth, Monique, Crecia,
Thais Santos, Seu Cicero, Seu Luis Marra,
Miriam, Railda, Fabinho, Nice, Michele, Carlão, Douglas, Marcelo,
Marcel, Cristiano, Karen, Mayre, Fiote, Marina
Dieguinho, Juliana, Juliana, Mariana
e a todas mulheres erveiras
que, gentilmente,
compartilharam as suas experiências e tornaram essa pesquisa possível.
Ela não seria possível se eu não tivesse encontrado pessoas como vocês que
fazem a diferença.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Rosinete (em memória) e a meu pai Helio (em memória) que me apoiaram incondicionalmente na minha decisão de ir em busca dos meus ideais;

Agradeço a minha segunda mãe, tia Rosilda, mulher a frente do seu tempo que me acolheu e me inspira;

Agradeço a minha filha, Julye Louise Subtil Palmas que me acompanhou nessa jornada e pôde experimentar a grandeza da metrópole que é SP;

Agradeço ao meu companheiro, Magno Evangelista Pereira que me acompanhou pelas caminhadas no território e que tolerou as loucuras de uma pesquisadora em plena pandemia... amor de outrora;

Agradeço a minha irmã Anne Rose Dantas e Regiane Pacheco que cuidaram de Julye nos momentos em que precisei deixá-la só para participar do processo seletivo e para os trabalhos de campo;

Agradeço aos meus irmãos e sobrinhos;

Aos Renegados Neto, Nizete, Kelly e Keury, que me possibilitaram reviver várias memórias do tempo de faculdade;

Agradeço aos meus amigos que sempre confiaram em mim: Karine, Dani, Jana, Fred, Rosângela, Priscila, Adriana, Lavinia, Giu e Felipe;

Agradeço aos meus companheiros do MOPS, que se mantiveram firme cuidando da sala de cuidado do campus: Dona Josefa, Junior, Meire, Dona Udinha, Carla Kaline e Roberto;

Agradeço aos professores da Faculdade de Saúde Pública e Medicina que me mostraram outras possibilidades de debates dentro da saúde coletiva;

Agradeço a banca: Janaina, Laura, Rogerio, Cris, Fred e Crécia;

Agradeço as minhas colegas de doutorado: Fer, Soraya, Alê, Gabi pelos espaços de debates em sala de aula e Monique e Ju pelas trocas no grupo;

Agradeço a Ana Lucia de Jesus Almeida e Luís Roberto de Oliveira por me iniciarem na pesquisa científica com paciência e amorosidade;

**E, em especial, agradeço ao meu querido orientador Marco Akerman
uma pessoa formidável, Inteligente, gentil, parceiro,
camarada, comprometido.**

É preciso ter esperança,
mas ter esperança do verbo esperar;
porque tem gente que tem esperança do verbo esperar.
E esperança do verbo esperar não é esperança,
é espera.
Esperança é se levantar,
esperança é ir atrás,
esperança é construir,
esperança é não desistir!
Esperança é levar adiante,
esperança é juntar-se com outros para fazer de outro modo...

Paulo Freire

RESUMO

PACHECO, R. D. ENCONTROS COM SAPOPEMBA: coletivos em movimento produzindo vida e saúde. 202. Tese (Doutorado em Ciências) –Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

A minha trajetória de vida como docente me inquietou e me inquieta por perceber inúmeras lacunas no processo de ensino na comunidade. E é tentando desvelar esses elementos que me propus durante o doutorado estudar os encontros possíveis dentro do território que possibilitam entender as práticas de produção de saúde para além do serviço de saúde e da visita domiciliar. As perguntas centrais desta pesquisa são: há encontros produtores de saúde nos territórios? Como encontrá-los? Quem produz esses encontros? Como esses encontros são produzidos? O que se produz nesses encontros? Quais os efeitos produzidos por esses encontros? A produção de saúde é considerada uma transversal da vida e codetermina a ação: produzir saúde é produzir vida e subjetividades, que instituem novas maneiras de vida e se dá de modo coletivo e cooperativo, entre sujeitos, e se faz numa rede de relações que exigem interação e diálogo permanentes. Por isso pretendemos, com essa tese, encontrar espaços coletivos de luta e resistência no território de Sapopemba, identificar as estratégias utilizadas pelos coletivos que mobilizam a comunidade, entender as relações que são produzidas e compartilhadas e os efeitos e afetos produzidos. E com isso apontar a capacidade da mobilização comunitária e do encontro para se aumentar a potência de vida das pessoas, produzindo lugares saudáveis em contextos de experiências coletivas e comunitárias. De acordo como o delineamento, caracteriza-se como documental e de campo. A técnica utilizada para o levantamento de dados foi o diário de campo e as narrativas dos sujeitos entrevistados. As narrativas foram transcritas literalmente e analisadas. O cenário foi o Distrito de Sapopemba e as organizações populares (coletivos e associações) que mobilizam a comunidade a partir de suas pautas reivindicatórias. Os sujeitos da pesquisa foram as lideranças comunitárias e outros sujeitos sociais que participam ou participaram das atividades dos coletivos. Para me aproximar dos coletivos, fiz contato por e-mail, ligação telefônica, *whatsapp*, *direct*, *messenger*, *lives* e presencialmente. Utilizamos a técnica de entrevistas narrativas semiestruturadas, técnica que se apoia na memória dos indivíduos e leva em consideração a intensidade e as características de suas vivências em função do contexto sociocultural, dos indícios. Identificamos a produção de saúde em vários espaços no território, nos coletivos e associações. As pessoas que conseguem acessar esses espaços vivem uma experiência de existir coletivamente, de pensar sobre outras formas de existência mais cooperativa e menos egocêntricas. Partindo da ideia que pode se ampliar a potência de vida a partir dos encontros conseguimos identificar no território várias espaço onde as pessoas se encontram, estabelecem momentos de falas e de escuta e se organizam para resolução de problemas de forma coletiva. Esses encontros fazem com que as pessoas aumentem a sua potência de agir e de viver, porque a partir das falas se percebe que afetos de alegria são produzidos.

Palavras-chave: Produção de Saúde; Território; Encontros

ABSTRACT

PACHECO, R. D. MEETINGS WITH SAPOPEMBA: collectives in movement producing life and health. 202. Thesis (Doctorate in Science) – Faculty of Public Health, University of São Paulo, São Paulo, 2022.

My life trajectory as a teacher worried me and I am worried about perceiving countless gaps in the teaching process in the community. And it is trying to reveal these elements that I proposed during my doctorate to study the possible encounters within the territory that make it possible to understand health production practices beyond the health service and home visits. The central questions of this research are: are there meetings that produce health in the territories? How to find them? Who produces these meetings? How are these encounters produced? What happens in these meetings? What effects did these encounters produce? The production of health is considered a cross section of life and co-determines the action: to produce health is to produce life and subjectivities, which establish new ways of life and takes place collectively and cooperatively, between subjects, and is done in a network of relationships that require permanent interaction and dialogue. That is why we intend, with this thesis, to find collective spaces of struggle and resistance in the territory of Sapopemba, to identify the strategies used by the collectives that mobilize the community, to understand the relationships that are produced and shared and the effects and affections produced. And with that, pointing out the ability of community mobilization and meetings to increase people's life potential, producing healthy places in contexts of collective and community experiences. According to the design, it is characterized as documental and field. The technique used for data collection was the field diary and the narratives of the interviewed subjects. The narratives were transcribed literally and analyzed. The scenario was the District of Sapopemba and the popular organizations (collectives and associations) that mobilize the community based on their demands. The research subjects were community leaders and other social subjects who participate or participated in the activities of the collectives. To get closer to the collectives, I made contact via email, phone call, whatsapp, direct, messenger, lives and in person. We used the technique of semi-structured narrative interviews, a technique that is based on the memory of individuals and takes into account the intensity and characteristics of their experiences in terms of the sociocultural context, of the evidence. We identified health production in various spaces in the territory, in collectives and associations. People who manage to access these spaces live an experience of existing collectively, of thinking about other forms of existence that are more cooperative and less egocentric. Starting from the idea that the power of life can be expanded from the encounters, we were able to identify in the territory several spaces where people meet, establish moments of speech and listening and organize themselves to solve problems collectively. These encounters make people increase their power to act and live, because from the speeches it is perceived that feelings of joy are produced.

Keywords: Health Production; Territory; meetings

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. CAMINHOS POR ONDE ANDEI E ENCONTROS QUE FORAM SENDO PRODUZIDOS.....	23
3. O ENCONTRO COM O TERRITÓRIO.....	56
3.1 O TERRITÓRIO E SUA RELAÇÃO COM A PRODUÇÃO DE SAÚDE.....	56
3.2 PROCESSO DE OCUPAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO TERRITÓRIO.....	58
3.3 DESIGUALDADES EM SAPOEMBA REVELADO EM NÚMEROS.....	60
3.4 DIFERENTES SIGNIFICADOS PARA O LUGAR.....	64
4. O ENCONTRO COM OS COLETIVOS E COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS NO TERRITÓRIO.....	66
4.1 MOVIMENTOS LIGADOS À IGREJA CATÓLICA.....	68
4.2 MOVIMENTO DE LUTA POR MORADIA E INFRAESTRUTURA URBANA.....	71
4.3 MOVIMENTO DE MULHERES.....	78
4.4 MOVIMENTO NEGRO E LGBTQIAP+.....	81
4.5 MOVIMENTO EM DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS, DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES.....	84
4.6 MOVIMENTO ECOLÓGICO.....	97
4.7 MODELO DE ORGANIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS.....	103
4.8 RELAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS COM O ESTADO.....	106
4.9 DESAFIOS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS.....	109
5. O ENCONTRO COM OS SUJEITOS SOCIAIS EM SAPOEMBA.....	111
5.1 INGRESSO NOS MOVIMENTOS SOCIAIS.....	111
5.2 MODO DE VIDA COMUNITÁRIO: “é nós por nós”.....	117
5.3 SUJEITO PERIFÉRICO.....	119
6. ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA A PRODUÇÃO DE ENCONTROS.....	123
6.1 O ACOLHIMENTO, A ESCUTA QUALIFICADA E O DIÁLOGO.....	124
6.2 METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS.....	125
6.2.1 Roda de Conversa.....	127
6.2.2 Oficinas.....	130
6.3 A ARTE E A CULTURA.....	133
6.3.1 Bloco de Carnaval.....	133

6.3.2 Hip Hop.....	134
6.3.3 Maracatu.....	137
6.3.4 Roda de Samba.....	138
6.3.5 Saraus, Encontros e Feiras.....	139
6.3.6 Filmes e Documentários.....	142
6.4 PRODUÇÃO DOS ENCONTROS: ações multiestratégicas e intersetoriais.....	145
7. AFETOS E EFEITOS PRODUZIDOS PELOS ENCONTROS....	148
7.1 ESPERANÇA: partilha de memórias de lutas e conquistas.....	149
7.2 AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE.....	150
7.3 FORMAÇÃO, EMANCIPAÇÃO E COMPROMISSO ÉTICO.....	152
7.4 SOLIDARIEDADE CRÍTICA.....	155
7.5 CONSCIÊNCIA CRÍTICA. ENGAJAMENTO E PARTICIPAÇÃO....	157
7.6 LUTA POR DIREITOS.....	159
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	162
9. REFERÊNCIAS.....	171
10. ANEXOS.....	178

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Croqui construído no início da pesquisa de campo
- Figura 2 – Croqui construído no decorrer da pesquisa de campo
- Figura 3 – Becos, Ruas, Escadarias e produções artísticas pelas ruas de Sapopemba
- Figura 4 – Rua Augustin Luberti - Fazenda da Juta e ao Fundo, Mauá
- Figura 5 – Horta pertencente a Associação de Agricultores da Zona Leste
- Figura 6 – Recorte de jornal
- Figura 7 – Ruas do Parque Santa Madalena
- Figura 8 – Diversas formas de moradia na Fazenda da Juta
- Figura 9 – Ocupação irregular no Parque Fazenda da Juta
- Figura 10 – CCA Margarida Marielle
- Figura 11 – Trajeto do ônibus circular 5026 – Jd. São Roberto/Cj. Teotônio Vilela
- Figura 12 – Oficina de educação ambiental
- Figura 13 – Croqui da área destinada as atividades de educação ambiental da SEDE
- Figura 14 – Tanque de Peixe – Sr. Macoco
- Figura 15 – Área de vivencia feita com pallets e preparação da terra para cultivo
- Figura 16 – Caminho feito com pedaços de telhas de amianto
- Figura 17 – Apresentação do Grupo de Maracatu Agô Anama, Juquitiba-SP e oficina na Praça das Artes do Teatro Municipal de São Paulo
- Figura 18 – Local do primeiro encontro com as famílias no CCA Margarida Marielle
- Figura 19 – Organização de horta no CCA Margarida Marielle
- Figura 20 – Imagens da cartilha produzidas pelas mulheres erveiras
- Figura 21 – Centro Comunitário Joilson de Jesus
- Figura 22 – Rua Rodrigues dos Santos
- Figura 23 – Mapa dos equipamentos sociais de Sapopemba
- Figura 24 – Sede do Instituto Daniel Comboni, Centro de Desenvolvimento Social e Produtivo (CEDESP) e Centro Cultural Vivarte
- Figura 25 – Creche e Centro Dia para Idosos da Associação União da Juta
- Figura 26 – Mutirantes no Centro Comunitário da Juta durante as obras do Mutirão

Figura 27 – Revista produzida pela Coletiva Emana

Figura 28 – Ato contra a LGBTFOBIA

Figura 29 – Folder de apresentação do CEDECA

Figura 30 – Assembleia das crianças, das famílias e reuniões com os parceiros

Figura 31 – Vista aérea de Sapopemba

Figura 32 – Área de intervenção do projeto de educação ambiental da Sede

Figura 33 – Área da horta comunitária Joilson de Jesus

Figura 34 – Horta Comunitária do Centro Comunitário Joilson de Jesus

Figura 35 – Área destinada ao Parque da Juta

Figura 36 – Organização da Sede nos moldes da Sociocracia

Figura 37 - Roda de conversa sobre violência no encontro de mulheres do Vilela

Figura 38 – Folder de divulgação do Coletivo Pontes da Terra

Figura 39 – Apresentação do Eureka em São Bernardo do Campo

Figura 40 – Grafite do coletivo Família Febre na Av. Francesco Usper em Sapopemba, 2021

Figura 41 – Folder do Projeto “Essa Biblioteca dá Samba”

Figura 42 – Convite do Sarau das Minas e da Feira das Mulheres

Figura 43 – Convite para debate sobre filmes

Figura 44 – Card do documentário “Sapopemba 2072”

Figura 45 – Card do documentário “Mulheres Além do Tempo”

Figura 46 - Card do evento Profilaxia Pré-Exposição ao HIV (PrEP)

1. INTRODUÇÃO

As perguntas centrais desta pesquisa são: há encontros produtores de saúde nos territórios? Como encontrá-los? Quem produz esses encontros? Como esses encontros são produzidos? O que se produz nesses encontros? Quais os efeitos produzidos por esses encontros?

Entendemos por produção de saúde, a possibilidade de produzir possibilidades de vida e de criar condições para transformar a realidade, de maneira que as pessoas encontrem uma forma de existir que seja saudável.

A produção de saúde é considerada uma transversal da vida e codetermina a ação: produzir saúde é produzir vida e subjetividades. Muito mais do que um domínio da ciência, a produção da saúde é da ordem da afirmação da vida, do cotidiano, de estilos e formas de viver, que instituem novas maneiras de vida e se dá de modo coletivo e cooperativo, entre sujeitos, e se faz numa rede de relações que exigem interação e diálogo permanentes (COSTA; BERNARDES, 2012).

Para COSTA e BERNARDES (2012), o conceito de produção de saúde não apresenta um marco identitário, na medida em que reside justamente em uma diferença que gera diferença. Neste caso, a produção de saúde se situa na esfera social/pública, pois é o espaço privilegiado do coletivo, da diferença, ou seja, da própria alteridade.

Saúde é produzida através do encontro entre pessoas que atuam uma sobre a outra, criando momentos de falas, escutas e interpretações, nos quais há a produção de uma acolhida ou não das intenções que essas pessoas colocam nesses encontros; momentos de cumplicidade, em que há produção de uma corresponsabilização em torno dos problemas que serão enfrentados; momentos de confiabilidade e esperança, quando são produzidas relações de vínculo e aceitação (MALTA; MERHY, 2003).

Para GOMES e MERHY (2014) encontro é algo que faz os corpos colidirem mesmo sem contato visceral, direto, físico, mas que altera os corpos, afetando-o, efetuando não só a mistura dos mesmos, mas modificando-os, aumentando ou diminuindo a sua potência de ação no mundo, forjada em ato.

Essa potência de agir é aumentada ou diminuída pelo afeto produzido. Para SPINOZA (2009) as afecções são resultantes do corpo sendo afetado pelo mundo,

é o encontro de um corpo com outro, corpos que se relacionam e se afetam. Ao ser afetado por outros corpos podemos nos transformar e ampliar ou reduzir nossa potência. As relações se compõem e aumentam a capacidade de agir no mundo, porque no bom encontro encontramos um corpo que combina com o nosso, que possui propriedades que se compõe com as nossas.

Nessa mesma linha, STRAPPAZZON e MAHEIRIE (2016), afirmam que quando o corpo está imerso em um afeto de alegria, tem a sua potência aumentada, sua ação no mundo é potencializada e o encaminha para desvencilhar-se da servidão, possibilitando a liberdade. Por outro lado, se o afeto é de tristeza, ele está sujeito à potência de padecer, perde sua autonomia e está subordinado a uma relação de servidão.

Os bons encontros são sempre um momento onde nos tornamos mais próximos do mundo e de nós mesmos, ampliando a nossa capacidade de afetar e ser afetado. Por outro lado, um afeto de tristeza acontece quando uma afecção nos leva para uma condição menor de potência, ou seja, nosso conatus (desejo) diminui, nossa força para existir e agir, afetar e ser afetado, diminui, passamos para uma perfeição menor, complementa (SPINOZA, 2009).

PESCUMA (2013) diz que para Spinoza é pela organização dos encontros que podemos conquistar a posse de nossa potência, pois conseguimos fazer predominar as relações que produzem afetos alegres, e que aumentam a força de existir.

Esses encontros denominados de encontros convenientes nos aproximam da plena posse de nossa potência de agir e nos torna sujeitos autônomos com potencial de transformação. Por outro lado, nos encontros inconvenientes, a produção de afetos tristes nos mantém passivos.

O corpo quer produzir afecções ativas, ser preenchido por alegrias. Contudo vivemos em uma ordem dos encontros convenientes e inconvenientes. Dos afetos primários, alegria e tristeza, nascem todos os outros. O amor, por exemplo, é a alegria acompanhada de uma causa exterior; o ódio é a tristeza acompanhada de uma causa exterior (SPINOZA, 2009).

Há também encontros que podem ser transformadores, ao despertar potencialidades, resgatar o sentido da vida, promover resiliência, isto é, a

capacidade humana de fazer frente às adversidades da vida, superar e sair delas fortalecidos e, inclusive, transformados (ALVAREZ; DE ALVARENGA; RINA, 2009).

Encontros em que os atores estão em situações diferentes em um mesmo espaço, são denominados de encontros desiguais. e de acordo com GONÇALVES et al. (2015) nos encontros desiguais, o contato pode ser marcado pelo medo. Mesmo, que seja um medo abstrato, coloca em evidência a barreira emocional. Estes encontros, de alguma forma, são vividos como arriscados, pois a possibilidade de contato mais íntimo com o outro pode gerar algum tipo de desconforto. São considerados encontros desiguais de “contatos mistos”, ou seja, “momentos em que os estigmatizados e os normais estão na mesma ‘situação social’, ou seja, na presença física imediata um do outro, quer durante uma conversa, quer na mera presença simultânea em uma reunião informal”. Para o autor, o estigma não é uma condição para estabelecer um encontro desigual. Este pode acontecer por meio de marcadores sociais da diferença, que necessariamente não se constituem um estigma no sentido de “anormalidade”.

Nesse sentido, BROCA e FERREIRA (2012) afirmam que as habilidades de comunicação e empatia é importante para estabelecer encontros satisfatórios. Essa habilidade permeia todas as relações interpessoais e a forma como é desenvolvido pode facilitar ou dificultar a confiança e o vínculo.

Em síntese, os encontros convenientes e transformadores, seja em espaços institucionais ou em cenários fora das redes instituídas produzem vida, portanto são também encontros produtores de saúde.

O encontro entre quem produz e quem recebe, é singular e se dá no próprio ato e pode ser conflituoso e ao mesmo tempo dialógico e transformador.

Dessa forma a produção de encontros pode provocar desconforto, quando no cotidiano se desdobra em conflitos derivados da pouca habilidade desenvolvida para a negociação. Ao tempo que também pode ser transformador ao ressignificar saberes de diferentes sujeitos

Os encontros também podem ativar o processo expressivo e interativo de narrativas e de dialogicidade. Portanto, para que o encontro seja potente, a relação entre precisa ser mediada pela troca de conhecimentos e articulação de um “campo de produção” comum a todos. O estabelecimento de uma relação dialógica pode contribuir para a superação de relações conflitantes (ARAÚJO; ROCHA, 2007)

Nesse sentido, a ativação dos encontros é um dos desafios no processo de produção de saúde. É preciso reativar nos encontros a capacidade de cuidar ou estar atento para acolher, tendo como princípios norteadores: o coletivo como plano de produção da vida; o cotidiano como plano ao mesmo tempo de reprodução, de experimentação e invenção de modos de vida; e a indissociabilidade entre o modo de nos produzirmos como sujeitos e os modos de se estar nos verbos da vida (trabalhar, viver, amar, sentir, produzir), como aponta (SALGADO; PENA; CALDEIRA, 2014).

A principal aposta da promoção de encontros é a possibilidade de desenvolvimento de atributos como cooperação, vínculos, comunicação, adaptação crítica e reflexiva à realidade, ligadas ao desenvolvimento sustentável da comunidade e empoderamento das pessoas (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2016). Os encontros devem fomentar espaços de diálogos e reflexão para compreender a vida coletiva e como fazê-la de forma eficiente. Para que os encontros provoquem transformação é importante que tenha objetivos comuns e priorizados de forma democrática para que seja interesse do coletivo.

O encontro é considerado uma ferramenta potencializadora por possibilitar a construção compartilhada do conhecimento e a reflexão acerca da realidade vivida. Provoca reflexões e amplia a capacidade para resolução dos problemas. Isso gera comprometimento, organização, significação de suas próprias experiências, sensações, percepções, emoções e pensamentos. (DO NASCIMENTO; DE OLIVEIRA, 2016).

Portanto, o encontro no território pode ativar afetos de alegria, produzir esperança, confiança, vínculo, respeito às diferenças. Tem potencial de nos desvencilhar da servidão e possibilitar autonomia e liberdade. Nesse sentido, refletir sobre a prática do encontro no cotidiano pode transformar ou reafirmar outras formas de existir.

Nesse sentido, refletir e investir na prática do encontro no cotidiano da saúde e da vida pode transformar ou reafirmar outras formas de existir. A mobilização de saberes e a troca de experiências podem ampliar a potência de vida e as práticas de cuidado e autocuidado podem ser incorporadas no cotidiano da vida e da saúde.

Contudo, vivemos um momento da história onde as práticas coletivas de cuidado deram lugar às práticas individuais, pois....

a nossa cultura cotidiana, da mídia, do consumo e da publicidade, é amplamente dominada pelo bem-estar individual, pelo lazer, o interesse pelo corpo, os valores individualistas do sucesso pessoal e do dinheiro. Desde a entrada das nossas sociedades na era do consumo de massa, predominam os valores individualistas do prazer e da felicidade, da satisfação íntima, não mais a entrega da pessoa a uma causa, a uma virtude austera, a renúncia de si mesmo (AUGUSTI, 2005, p.1)

Por isso, encontrar espaços coletivos no território é desafiador, mas importante para mobilizar a comunidade e fortalecer a participação popular, para a emancipação coletiva, para garantir a multiplicação, o respeito à diversidade de saberes e práticas presentes na comunidade.

Dada a importância desse tema e os enfrentamentos oriundos de uma sociedade desigual e individualista é que os espaços coletivos que resistem precisam ganhar visibilidade no território e fazer parte das parcerias possíveis de serem realizadas pelos serviços de saúde, educação, assistência social, entre outros.

Muitas vezes, no cotidiano do trabalho em saúde, nos deparamos com situações problemas que precisam de ações intersetoriais, de mobilização comunitária para serem resolvidas. Mas, com raras exceções, consegue-se desenvolver ações em conjunto com a comunidade. Isso é muito frustrante, quando o discurso, a literatura, as recomendações não condizem com o que se consegue produzir de fato.

Por isso pretendemos, com essa tese, encontrar espaços coletivos de luta e resistência no território de Sapopemba, identificar as estratégias utilizadas pelos coletivos que mobilizam a comunidade, entender as relações que são produzidas e compartilhadas e os efeitos e afetos produzidos. E com isso apontar a capacidade da mobilização comunitária e do encontro para se aumentar a potência de vida das pessoas, produzindo lugares saudáveis em contextos de experiências coletivas e comunitárias.

Esta pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa, que se preocupou com uma realidade, que é periférica e responde a questões muito particulares, trabalhando um universo de significados, crenças e valores que correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos encontros, dos afetos e dos efeitos produzidos.

Essa perspectiva leva em conta a compreensão, a inteligibilidade dos fenômenos sociais, nesse caso os encontros, o significado e a intencionalidade atribuída aos atores.

De acordo como o delineamento, caracteriza-se como documental e de campo. A técnica utilizada para o levantamento de dados foi o diário de campo e as narrativas dos sujeitos entrevistados. As narrativas foram transcritas literalmente e analisadas.

O cenário foi o Distrito de Sapopemba e as organizações populares¹ (coletivos e associações) que mobilizam a comunidade a partir de suas pautas reivindicatórias. São eles:

1. Movimentos Sociais Religiosos
 - a. Ligados à Igreja Católica
 - i. Instituto de Juventude Iniciação e Formação, Capacitação Profissional “Daniel Comboni”
 - ii. Associação Comunitária e Educacional Maria de Nazaré
 - iii. Grupo de Apoio à Vida - GAVI
 - iv. Associação Nossa Senhora Aparecida e Vó Sebastiana
 - v. CECAPAS - Centro Capuchinho de Ação Socioeducativa
 - vi. CCA - Centro de Ação Crista
 - vii. Associação Casa de Apoio Amigos da Vida
 - viii. Centro Comunitário Joilson de Jesus

2. Movimentos Sociais de Categorias Específicas:
 - a. Movimentos de Mulheres
 - i. Mulheres do Vilela
 - ii. NASCE – Núcleo de Apoio Social ao Cantinho da Esperança
 - iii. Comunidade Cantinho da Paz
 - iv. Associação Clube de Mães do Jardim Sapopemba
 - v. AMJAC Associação de Mulheres Jardim Colorado
 - vi. Coletiva Emaná

 - b. Movimento Negro
 - i. Periferia Preta - Espaço de Artes Pretas e TLGBQIAP+

 - c. Movimento LGBTQIAP+
 - i. Periferia Preta - Espaço de Artes Pretas e TLGBQIAP+

3. Movimentos Sociais a partir de Lutas Gerais
 - a. Lutas pela Preservação do Meio Ambiente
 - i. Coletivo de Educação Ambiental

¹ Organizações populares são grupos formados por cidadãos que se unem buscando reivindicar melhorias e mudanças na sociedade. Elas surgem quando há uma insatisfação popular relacionada a uma questão social, que leva cidadãs e cidadãos a se organizarem para juntar forças a favor de uma causa ou ideia.

- b. Luta em Defesa da Criança e Adolescente
 - i. CEDECA
 - ii. Centro Comunitário Joilson de Jesus
 - c. Luta em Defesa dos Direitos Humanos
 - i. CDHS
 - d. Luta em Defesa das Pessoas Privadas de Liberdade
 - i. AMPARAR
4. Movimentos Sociais Urbanos:
- a. Movimentos Populares: Movimentos Econômicos, Reivindicatórios de Bens e Equipamentos.
 - i. GRMA - Grêmio Recreativo Mutirão e Amizade - A Sede
 - ii. Associação União da Juta
 - iii. Sociedade Amigos Bairro do Conj. Habitacional Jd. Sapopemba
 - iv. Centro de Promoção e Inclusão Social 26 de Julho
 - v. Associação Social do Movimento por Moradia Unidos Venceremos
 - vi. Associação dos Moradores do Conjunto Promorar do Jardim Sapopemba
 - vii. Associação Comunitária e Cultural de Vila Bancária

Os sujeitos da pesquisa foram as lideranças comunitárias e outros sujeitos sociais que participam ou participaram das atividades dos coletivos. Identificamos inicialmente 28 cenários para a pesquisa, contudo, ao iniciar a atividade de campo, outros cenários foram surgindo, a partir de informações dos participantes da pesquisa, como o coletivo zoom e a coletiva emana.

O fechamento do tamanho da amostra se deu por saturação teórica. A suspensão de inclusão de novos participantes se deu quando os dados obtidos passaram a ser repetitivos, quando o novo deixou de aparecer. Para FONTANELLA, RICAS e TURATO (2008), saturação teórica é a constatação do momento de interromper a coleta de informações de uma investigação qualitativa.

Antes de se iniciar o trabalho de coleta de dados, foi realizada uma etapa exploratória para levantamento das associações, coletivos, centros comunitários, cooperativas e outras organizações que atuam no Distrito de Sapopemba.

Para obtenção dos relatos, me aproximei dos coletivos ou grupos comunitários para falar do trabalho a ser realizado, esclarecendo os objetivos e convidando

algumas pessoas a colaborar, através de chamada de vídeo ou presencial.

Nesse contexto de pandemia, o caminho que encontramos para iniciar essa pesquisa foi realizar as entrevistas utilizando a chamada de vídeo, que abriu diversas janelas de possibilidade e acabou sendo o principal meio que permitiu a pesquisa ir adiante.

Partimos da pesquisa documental, tais como: sites, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, entre outros, por entendermos que é um rico complemento para contextualização histórica, cultural, social e econômica do grupo ou coletivo, em determinado momento da história.

Identificamos inúmeras organizações populares em Sapopemba, através dos sites de busca e redes sociais. Outros movimentos foram surgindo durante a pesquisa de campo.

Com essas informações, fizemos um mapa para observar a distribuição dos movimentos no território, o que permitiu fazer uma leitura que há uma concentração maior na parte leste de Sapopemba, especialmente no Parque Santa Madalena, na Fazenda da Juta, no Teotônio Vilela e no Promorar.

Para me aproximar dos coletivos, fiz contato por e-mail, ligação telefônica, *whatsapp*, *direct*, *messenger*, *lives* e presencialmente.

A elaboração de um diário de campo foi a estratégia utilizada no registro da observação, nele descrevi as reflexões pessoais, assim como as vivências, as percepções, as expectativas, as relações estabelecidas com os sujeitos, seus sentimentos, suas expressões. Procurei descrever detalhadamente as impressões, os pensamentos, os cenários, as pessoas, contando com vídeos e fotografias que auxiliaram no registro e na posterior análise das entrevistas.

Para LACERDA (2017), os diários de campo possibilitam descrever as forças e fraquezas da pesquisa e possibilitam uma “descrição narrativa” para compreensão dos fenômenos estudados, considerando, principalmente, a subjetividade do pesquisador.

Utilizamos a técnica de entrevistas narrativas semiestruturadas, técnica que se apoia na memória dos indivíduos e leva em consideração a intensidade e as características de suas vivências em função do contexto sociocultural, dos indícios de temporalidade representados e da ordem - real ou situacional - em que foram narradas. O método narrativo caracteriza-se como inovador por considerar como

um de seus instrumentos de pesquisa a subjetividade individual, oferecendo a oportunidade de dar voz aos sujeitos que pouco eram ouvidos ou tinham um pequeno espaço para se expor.

Tendo por base o estudo de FLICK (2004), cada entrevista narrativa desta investigação foi conduzida da forma como mostra o roteiro apresentado no quadro 1.

Quadro 1 - Roteiro para Entrevista Individual Narrativa

Questão gerativa narrativa	Gostaria que me falasse sobre a sua experiência no coletivo! A melhor maneira de você fazer isso seria começar pelo seu primeiro dia, e, então, contar as coisas que aconteceram até o dia de hoje. Não precisa ter pressa, e também pode dar detalhes, falar dos lugares, das coisas e das pessoas, e o que considerar importante, porque tudo o que for importante pra você, interessa.
Complementação o de fragmentos	Você falou sobre (algo importante), você pode me contar essa parte da história com um pouco mais de detalhes?
Complementação o de fragmentos	Você falou muito sobre (essa vivência)? Como se sentiu ao vivenciar?
Complementação o de fragmentos	Que outras vivências você teve? Como se sentiu
Complementação o de fragmentos	Quantas pessoas você conheceu ou se aproximou a partir dessas vivências, que se tornaram importante pra você
Equilíbrio/ significação	Que mudanças poderiam ser feitas ou foram feitas no seu modo de perceber a vida e como isso interferiu no seu modo de viver?
Equilíbrio/ significação	Que mudanças poderiam ser feitas nesses encontros para que você se sinta melhor?
Fechamento	Tem mais alguma coisa que você gostaria falar?

Extraído de: FLICK (2014) adaptado pela pesquisadora

Foi priorizada a expressividade dos sujeitos como detentor de experiências com mobilização popular, assim, os incentivos partiram dos cenários subjetivos, psicoemocionais e afetivos.

A observação participativa implicou no encontro entre mim e sujeitos entrevistados, mediado pela percepção e pelo desejo por informação por parte do primeiro. Além da observação participante e da elaboração do diário de campo, também foi feita a entrevista que possibilitou conhecer um pouco mais sobre a mobilização popular e a produção de encontros.

Para a transcrição das entrevistas, utilizamos o software Nvivo 11 Pro, procedendo o processo de leitura minuciosa para exame e extração dos primeiros códigos.

Fizemos a decomposição das falas em fragmentos que tinham relação com as questões do estudo. Realizamos a análise de conteúdo com a técnica de análise temática transversal, e a partir daí foram propostas as inferências e as interpretações para produzir os elementos teóricos sobre o tema da pesquisa.

A cada narrativa, os dados coletados faziam mais sentido, estabelecendo relação com o objeto da pesquisa que formulamos progressivamente.

Este projeto de pesquisa cumpriu todas as normas e recomendações da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e foi submetido à apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade.

Apesar de toda pesquisa com seres humanos envolver riscos, e neste tipo que desenvolvemos serem mínimos, ocorreram situações de desconfortos relacionados a aspectos psicológicos que a produção da narrativa estimulou, já que durante seu desenvolvimento o participante foi convidado a resgatar momentos que marcaram sua trajetória, o que desencadeou diferentes reflexões, as quais deixaram alguns participantes emocionados.

Os resultados serão apresentados para os coletivos/grupos pesquisados logo após a defesa.

Espera-se apontar a capacidade da mobilização comunitária e do encontro como possibilidades para se aumentar a potência de vida das pessoas, produzindo lugares saudáveis em contextos de experiências coletivas e comunitárias.

2. CAMINHOS POR ONDE ANDEI E ENCONTROS QUE FORAM SENDO PRODUZIDOS

A minha trajetória de vida como docente me inquietou e me inquieta por perceber inúmeras lacunas no processo de ensino na comunidade. E é tentando desvelar esses elementos que me propus durante o doutorado estudar os encontros possíveis dentro do território que possibilitam entender as práticas de produção de saúde para além do serviço de saúde e da visita domiciliar.

E foi na busca dessa potência que adentrei um território para mim desconhecido. Território definido a partir da divisão regional da Prefeitura de São Paulo: o Distrito de Sapopemba.

Porém, estávamos vivendo em tempos de pandemia de coronavírus (ano de 2020 e 2021). O nosso cotidiano foi alterado e tivemos que nos adaptar a uma realidade dura: tarefas simples, como pegar um transporte coletivo, participar de uma reunião presencial, conversar com as pessoas nas ruas passaram a ser complexas.

A ansiedade frente ao que estávamos vivendo foi um grande marco desse período, era como tatear o ar no escuro. Foi assim que eu e muitos pesquisadores (SANTOS; PEREIRA, 2021); (OLIVEIRA, 2021); (SEGATA, 2020) nos sentimos nesse processo de ir aos encontros no território no momento em que estávamos vivendo o isolamento social.

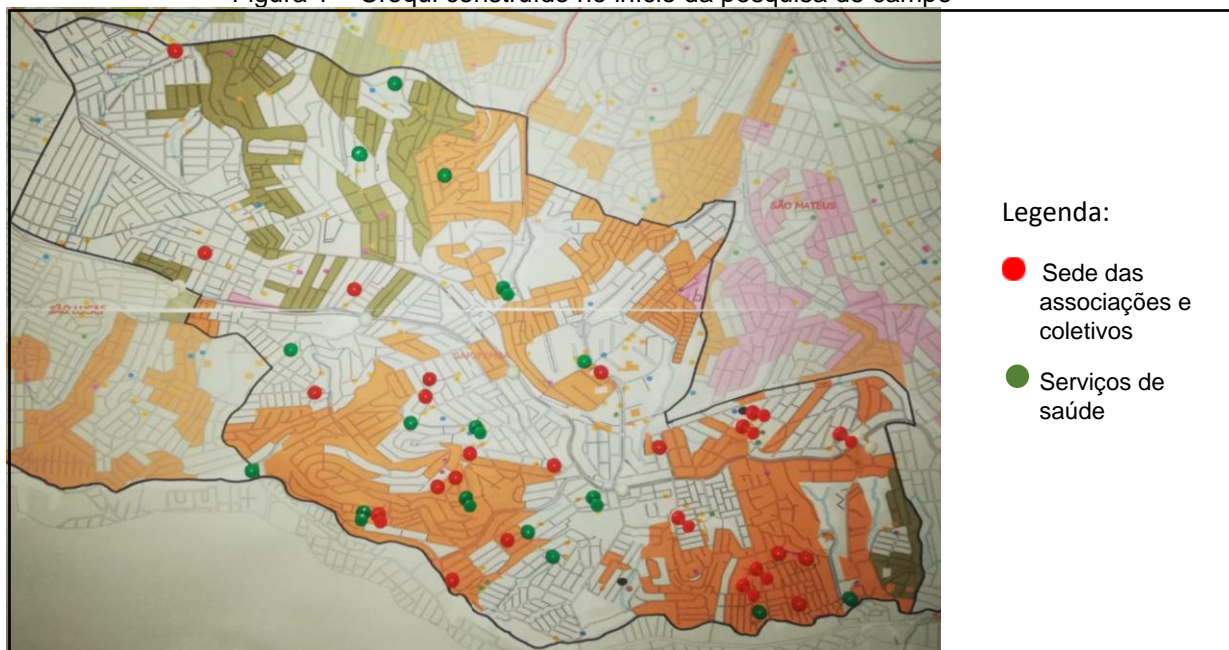
A experiência de campo é um fundamento importante enquanto método de pesquisa. É a partir da experiência vivida que o pesquisador acessa o outro. Vivemos mudanças significativas no fazer pesquisa para nos adequarmos às limitações impostas pelo distanciamento social. O método e metodologia precisaram ser modificados. Vimo-nos diante da necessidade de repensarmos nosso projeto (SANTOS; PEREIRA, 2021); (OLIVEIRA, 2021); (SEGATA, 2020). Sim, essa foi uma experiência angustiante e, diante das incertezas, nos adaptamos.

A pesquisa de campo se iniciou com a busca de equipamentos sociais no Distrito de Sapopemba. Foram utilizadas palavras-chave, como: associações comunitárias, associações de bairro, coletivos, cooperativas, centro comunitário, organizações não governamentais e Sapopemba. Essa busca foi feita em sites institucionais, como o da Prefeitura de São Paulo, Subprefeitura do Sapopemba,

redes sociais (facebook, instagram) e sites de busca, como o Google. Outra fonte utilizada foi o livro “Espaços Periféricos: política, violência e território nas bordas da cidade”, organizada pelo Centro de Estudos de Metr pole, que apresenta um balanço crítico, amplo e atualizado da vida social e política, econômica e subjetiva das e nas periferias brasileiras ao longo das últimas décadas, com foco no Distrito de Sapopemba e o livro “Fazenda da Juta: uma trilha entre o rural e o urbano”, de Deocleciana Ferreira.

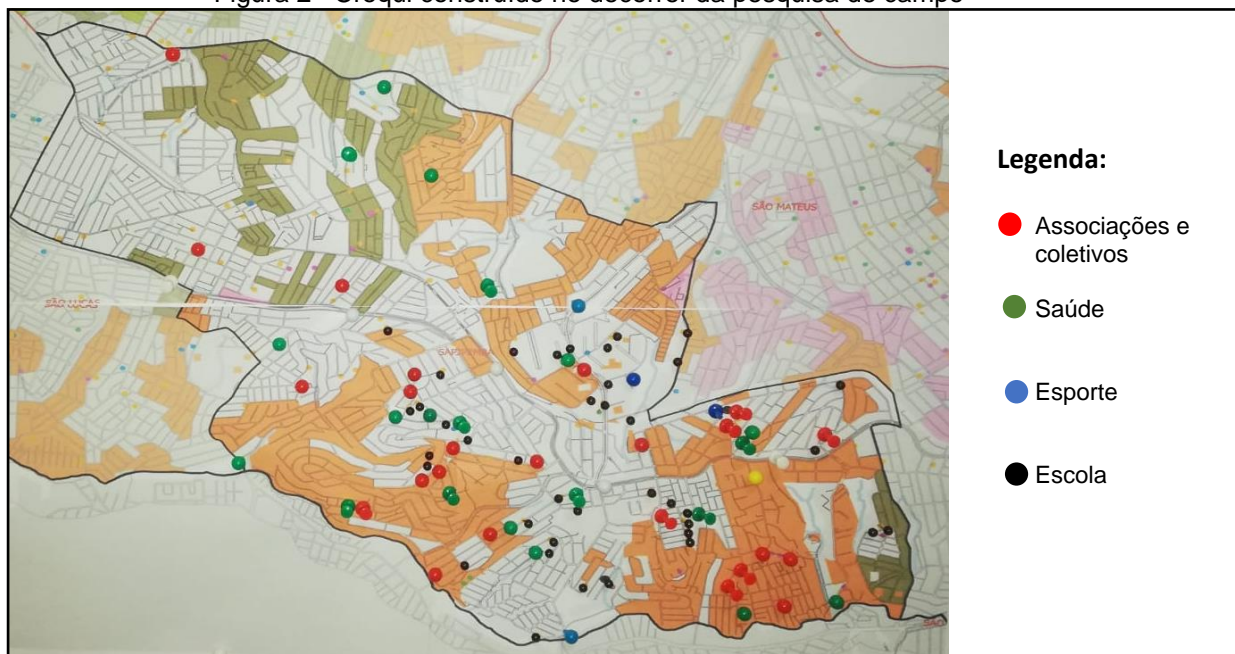
Para conhecer um pouco mais esses equipamentos dentro do território, criei um mapa para tornar objetivo o que até então era subjetivo. Para a constru o do mapa, utilizei uma base da Subprefeitura de Sapopemba impresso e alfinetes, o que me permitiu identificar que grande parte das sedes dos coletivos e associa es estava concentrada na região leste de Sapopemba, que faz divisa com São Matheus e São Rafael.

Figura 1 – Croqui construído no início da pesquisa de campo



Extraído de: pesquisa online

Figura 2– Croqui construído no decorrer da pesquisa de campo



Extraído de: pesquisa online

Com essas informações naveguei pelo Google Maps², caminhei pelas ruas de Sapopemba sempre em busca de algo que me tocasse e acenasse para espaços produtores de saúde.

Além disso, fiz longas caminhadas por Sapopemba no momento em que a pandemia impunha longos períodos de isolamento. O meu maior desejo era poder entrar nos lugares e conversar com as pessoas. Dias frios, espaços fechados, medo do desconhecido, do que iria acontecer. Dias quentes, muitas cores, muros com piches e grafites por todo lado. Escadas que ajudavam a ir de uma rua a outra, de um fundo de vale a um espigão.

² Google Maps é um serviço de pesquisa e visualização de mapas e imagens de satélite da Terra gratuito.

Figura 3 – Becos, Ruas, Escadarias e produções artísticas pelas ruas de Sapopemba



Extraído de: acervo da pesquisadora

Optei, durante as caminhadas, por fazer registros fotográficos em locais que considerei seguro, já que caminhava em território desconhecido e sozinha. Mas ficam guardadas na memória imagens de escadarias longas, passando ao lado das janelas das casas, algumas estruturadas e outras improvisadas, com esgoto a céu aberto correndo escada abaixo. E, também, imagens de muitas expressões artísticas através do piche e do grafite.

Em nenhum momento senti medo de entrar naquele território “desconhecido”, conhecido como Favela do Madalena, Favela do Elba, por onde passava, cumprimentava as pessoas. Adotei uma vestimenta básica: camiseta, calça jeans e tênis ou havaiana, a depender do sol e da chuva. Apesar da máscara, eu sorria. Resgatei muitas memórias afetivas da minha infância e adolescência, realmente me senti em casa inúmeras vezes.

As ruas são íngremes e estreitas. Caminhei pelas divisas de Santo André e Mauá. De Sapopemba, avista-se fumaça das usinas de Mauá. Não há sombras por Sapopemba. Muito concreto e poucas árvores.

Figura 4 - Rua Augustin Luberti - Fazenda da Juta e ao Fundo, Mauá



Extraído de: acervo pessoal de Magno Evangelista Pereira

No meio do caminho, uma grande horta embaixo das linhas de transmissão. O cheiro era ruim, frutas e legumes velhos e podres, uma banquinha feita de madeira velha, suja... e, ao fundo, uma grande plantação de alface e couve. Quando nos aproximamos, o momento era tenso, um morador estava questionando a posse daquela terra, pois lhe foi negado o direito de retirar um latão de terra, segundo ele. O “proprietário” do terreno, Senhor Roberto, disse que arrendou aquela terra de um terceiro e que o terreno foi cedido pela Eletropaulo.

Seu Roberto pertence à associação de agricultores da zona leste, conhecido como associação de produtores orgânicos de São Mateus. Contudo, ele se diz proprietário do terreno, que foi comprado por 40 mil reais. Ele planta principalmente alface e couve. Senhor Roberto disse que aprendeu a lidar com a terra desde muito pequeno e me informou que, se eu quisesse fazer uma horta, era só ocupar o espaço da Eletropaulo, e que em pouco tempo a empresa autorizaria o uso. Logo na entrada da horta havia uma criança, em torno de 10 anos, atendendo a quem por ali chegasse, um barraco com telhas de fibrocimento, uma banca toda torta muito suja e algumas frutas e verduras que foram compradas para serem revendidas. O cheiro era de fruta podre. A briga, já na entrada, deixou o clima tenso e o Senhor Roberto, muito nervoso.

Ao entrar no espaço, encontrei uma grande plantação de alface e couve, grandes e saudáveis. Seu Roberto disse que não tinha interesse em cultivar outros alimentos. Ele é morador recente da Juta e comercializa o que produz.

Figura 5 – Horta pertencente a Associação de Agricultores da Zona Leste



Extraído de: Acervo da pesquisadora

Em frente à horta do Senhor Roberto, havia outra horta que pertence à mesma associação, denominada Sabor da Vitória. Esses alimentos orgânicos são vendidos em São Matheus. Entrei em contato por telefone, conversei com Dona Sebastiana. Ela e seu Genival também utilizam uma área embaixo da torre da Eletropaulo. “Lá já existia o seu Antônio plantando há 15 anos, o que nos motivou muito, pois vendia seus produtos na porta, educou os filhos naquela horta, que era a única fonte de renda dele, e acreditava muito no que fazia”, lembra dona Sebastiana.

Caminhando mais pela Juta, ruas vazias.... ônibus vazios, rostos assustados, pessoas silenciadas, medo da morte. Sapopemba apontando como o Distrito com o maior número de mortos devido ao COVID. Ao cruzar as pessoas na rua, era natural prender a respiração, mesmo de máscara, o instinto de proteção falava mais alto. Isso não me aproximava do campo, como eu desejava. Minhas caminhadas pelo território eram, em sua maioria, silenciadas pelo medo.

Figura 6 – Recorte de jornal

SÃO PAULO

Sapopemba lidera ranking de bairros com mais mortes por Covid-19 em SP pelo terceiro mês seguido

Segundo levantamento da prefeitura, o bairro da Zona Leste, que possui 284 mil habitantes, registrou até o dia 31 de agosto 505 óbitos, o que gera uma proporção de 177 mortes por cem mil habitantes no distrito.

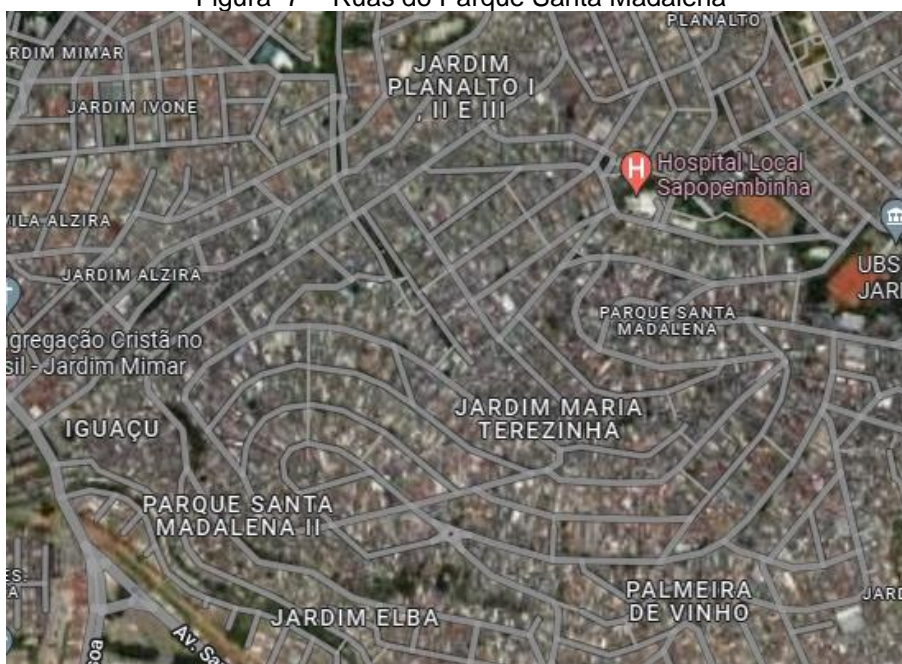
Por Ricardo Hiar e Renato Biazzi, SP2 — São Paulo
03/09/2020 20h01 · Atualizado há um ano

Ícones de compartilhamento: Facebook, Twitter, WhatsApp, Telegram, LinkedIn, Compartilhar

Extraído de: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/09/03/sapopemba-lidera-ranking-de-bairros-com-mais-mortes-por-covid-19-em-sp-pelo-terceiro-mes-seguido.ghtml>

O monotrilha me levava de um lado ao outro. Minhas principais referências eram as estações ao longo da avenida Anhaia Melo e Sapopemba. Os desenhos irregulares das ruas muitas vezes me fizeram andar em círculos. Às vezes saía de casa com um mapa, feito a partir das navegações do Google Maps, mas, mesmo assim, parecia estar andando em círculos. E realmente estava.

Figura 7 - Ruas do Parque Santa Madalena



Extraído de: <https://www.google.com.br/maps/@-23.612701,-46.516787,1560m/data=!3m1!1e3>

Caminhei durante o primeiro ano da pandemia, desejando me “lançar” no território e desfrutar da potencialidade que é a periferia de São Paulo. Sapopemba tem muitas histórias de luta e de conquistas. Quanto mais eu descobria Sapopemba, mais eu queria viver o campo.

Isso foi possível, quando eu comecei a participar de um grupo de whatsapp, durante a campanha de apoio a Boulos e Erundina para a Prefeitura de São Paulo. Acabei conhecendo algumas lideranças e comecei a receber alguns convites para participar de atividades *lives*.

O isolamento social imposto pela pandemia fez com que muitos encontros acontecessem de forma virtual. E foi em um desses encontros que conheci a Escola da Cidadania do Sapopemba e algumas pessoas que fazem parte desta pesquisa. A alegria de estar me encontrando no território, mesmo que virtualmente, era grande, apesar da tristeza de ter que lidar com tantas mortes evitáveis que surgiam nas falas de apresentação e acolhimento.

É um momento de muitas perdas. Neste mês de maio nós perdemos uma colega companheira de luta Andreza Mendes que era moradora e atuante na associação. Estamos à disposição para atender as pessoas da melhor forma possível. Esse mês foi um mês muito difícil para nós e também para outros colegas e moradores. Hoje perdemos também a mãe de duas crianças que frequentam o Centro Comunitário Joilson de Jesus. Então, na medida do possível, sempre desejamos que todos estejam bem. Estamos à disposição sempre para conversar para manter um diálogo para se

fortalecer e acho que esse é um passo importante também no espaço de troca e de luta né. Então mesmo com tantas dificuldades com tantas tristezas eu agradeço imensamente a participação de vocês e continuemos nesse espaço de troca de lutas.

Após as falas de acolhimento, houve a leitura de um poema e em seguida a fala dos autores de um capítulo do livro “Espaços periféricos: política, violência e território nas bordas da cidade. João Marcos, arquiteto que participou da construção das casas da Fazenda da Juta, na década de 90, falou do processo de luta e das conquistas que foram tendo com as lideranças comunitárias, seguido por Matthew, geógrafo inglês que comentou sobre as transformações que foram ocorrendo no território e os diferentes processos de ocupação da Fazenda da Juta. Essas falas foram importantes e me possibilitaram conhecer um pouco mais sobre Sapopemba, em especial a Fazenda da Juta.

Duas questões foram colocadas para o debate: a importância de se compreender e conhecer as transformações sócio territoriais e como esse conhecimento pode contribuir para a atuação no território. Considerei essas questões muito pertinentes para o cotidiano das práticas de ensino na comunidade e para as práticas em saúde.

Durante a *live*, conheci Jaqueline, psicóloga, que trabalha no CEDECA, moradora do Jardim Elba, criada pelas redondezas do Madalena, e Elba, Coordenadora do Centro Comunitário Joilson de Jesus, que é um espaço dentro da favela do Parque Santa Madalena que desenvolve ações para crianças e adolescentes com oficinas culturais, mas numa perspectiva também da formação em Direitos Humanos.

Apresentei-me como moradora da Vila Tolstói e falei do meu interesse como pesquisadora em conhecer os coletivos, as ações, os protagonistas e as estratégias que envolvem a mobilização da comunidade.

A participação da *live* da Escola da Cidadania foi um contato importante, pois a partir daí comecei a fazer parte de outro grupo de WhatsApp de Sapopemba, com novos personagens e novas demandas.

Nesse grupo consegui o contato de Jaqueline, que aceitou participar da minha pesquisa. Combinamos de fazer pelo Google Meet. Foi minha primeira entrevista online. Fiquei bastante ansiosa e empolgada com a força e coerência

dessa mulher, que cresceu dentro do movimento e se tornou uma grande liderança desde a adolescência. Foram vários encontros com ela.

Ficamos à deriva e deixamos o campo revelar as perguntas de pesquisa através do fazer cotidiano. Foi assim que fizemos. Ao discutir os desafios da pesquisa em tempos de pandemia (FARIA, 2022), sugere que o primeiro desafio é o contato entre pesquisador e pesquisado, que deveria ser prolongado, ser feito através das plataformas digitais, sem a experiência concreta, sem o contato face a face e com tempo reduzido.

Tínhamos duas preocupações: a ansiedade, de como a COVID afetaria as narrativas e o impacto das plataformas digitais na qualidade dos dados. Uma estratégia apontada por FARIA (2022) foi conversar com os participantes antes de iniciar a entrevista e tentar manter a conversa da forma mais leve possível. Adentramos as casas das pessoas através da videoconferência, dividimos sentimentos, afetos e incertezas, compartilhamos informações da esfera da intimidade. Os participantes se sentiram no controle do tipo de informação que poderiam dividir. Não era possível, no ambiente, prestar atenção na linguagem corporal, tentar descobrir aquilo que estava nas entrelinhas do que era dito.

Foi também na *live* da Escola da Cidadania que conheci Crecia, moradora da Fazenda da Juta, importante liderança do movimento de moradia da Zona Leste, que trouxe a pauta da implementação do projeto de lei que criou o Parque da Juta, uma pequena área remanescente e nascente do Ribeirão Oratório.

As conversas nos grupos de WhatsApp continuaram mesmo depois das eleições e através das redes sociais recebi um convite para participar do lançamento do livro de Deocleciana Ferreira “Fazenda da Juta/SP: uma trilha entre o rural e o urbano – trajetória de luta e resistência no assentamento de um povo”, fruto da tese de doutorado de Crecia. Enviei uma mensagem me apresentando como pesquisadora e que gostaria de conhecer sua história de luta e dos movimentos dos quais ela fez e faz parte. Ela me convidou para ir até a casa dela. Marcamos um dia de semana de manhã. Peguei o monotrilho até a Estação Fazenda da Juta e desci a Rua Augustin Luberti. No caminho, percebe-se uma diversidade de processos de ocupação: sobrados, casas, prédios no formato do CDHU e algumas áreas de ocupação irregular com construções precárias, em terrenos irregulares e de difícil acesso.

Figura 8 – Diversas formas de moradia na Fazenda da Juta



Extraído de: Acervo da pesquisadora

Crecia é uma liderança do movimento de moradia, acolhida pela Igreja Católica na juventude, formada pelas comunidades eclesiais de base, mora em um Sobrado que dá de frente para a Mata da Juta e, ao fundo, uma ocupação irregular, tema que mobiliza a comunidade, por se tratar de um parque criado por um Projeto de Lei e pela ausência de política pública de habitação.

Havia muito tempo que eu não tinha contato presencial com alguém em ambiente fechado. Cheguei de máscara, ela me convidou para subir. Ofereceu um chá, fomos até a cozinha e depois para a varanda.

O chá teve uma simbologia singular e o convite já me trouxe um movimento, que ainda era confuso, ficar sem máscara fora de casa, respirar o mesmo ar com uma outra pessoa. Sentamos no sofá... e começamos a conversar sobre a pandemia, a conjuntura política, histórias de luta, lugares por onde passou.

Conversamos sobre afetos e afagos, família, política, problemas locais, estratégias de negociação e enfrentamento. Um bate-papo informal.

Crécia é uma mulher negra, formada em Filosofia, e uma grande referência do Instituto Daniel Comboni, trabalhou lá até se aposentar. Hoje é voluntária. Ela contou de sua origem no interior de Minas, próximo a Montes Claros e que, após concluir o primário, ficaria fora da escola, como acontecia em sua cidade, naquela época. Recebeu o convite de ir trabalhar e morar em uma Comunidade Eclesial de Base que desenvolvia trabalho com a *Pastoral do Menor. Participou do movimento de moradia, com apoio das CEB'S. E após conseguir uma bolsa de estudo na PUC, cursou Filosofia no fim da década de 80.

Crecia me contou de sua experiência em uma creche no Itaim Paulista, onde trabalhou durante 10 anos e conheceu Elizabete (atual diretora presidente do Instituto Daniel Comboni). Narra que pegou o espaço desestruturado, sem vínculo com a comunidade e depois de alguns anos conseguiu organizar, qualificando recursos humanos, melhorando estrutura física e ampliando a participação da comunidade.

O papo estava ótimo. Ela perguntou se eu estava com pressa e me convidou para almoçar. Fez o pedido em um restaurante próximo e ficamos esperando. Descemos para o Parque da Juta, para que ela pudesse me mostrar algumas intervenções feitas por ela e pelos vizinhos para tentar barrar a ocupação irregular.

Figura 9 – Ocupação irregular no Parque Fazenda da Juta



Extraído de: acervo da pesquisadora

Crecia me mostrou o Jardim da Memória, que foi feito em homenagem a uma jovem moradora que morreu no entorno do Parque, bem como outras árvores que estão sendo plantadas pelos moradores com o objetivo de barrar a ocupação. O terreno é bem íngreme. É um fundo de vale com nascente do Córrego do Oratório.

Conversamos sobre os afetos que se constroem na luta e que muitas vezes formam vínculos maiores que os consanguíneos. Crecia também falou de como a pesquisa mobiliza relações e nos proporciona conhecer e nos aproxima de pessoas e coletivo. Crecia contou de sua vivência e de como a rede de pessoas para a sua pesquisa foram se formando e de como encontrou várias fotos guardadas e esquecidas nos baús das famílias. E, assim, a construção do baú da memória, capítulo de sua tese. Tomamos um vinho... já se aproximava das 15 horas. O papo estava ótimo. Comprei o livro e caminhei muito alegre de poder ter acessado uma pessoa tão forte e inspiradora.

Segundo algumas lideranças da Fazenda da Juta, essa ocupação é orquestrada pelo primeiro comando da capital e não está alinhada com nenhum movimento de moradia e por isso a negociação para garantir políticas públicas de habitação e de meio ambiente é truncada.

Jaqueline me mandou um convite para participar de um encontro do Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Sapopemba, primeira atividade coletiva em espaço fechado. Cheguei lá às 9 horas, conforme o convite. Havia uma mesa coberta por chita, com lanche. Fiquei sentada na roda, enquanto algumas pessoas iam chegando e se abraçando. Todos estavam felizes de poder estar se encontrando e sendo acolhido por Valdênia³, importante liderança do Madalena. Foi o primeiro abraço que recebi de alguém de fora de casa, Arlete é assistente social do CEDECA, chegou e foi cumprimentando um a um, até que chegou até mim... Sim... lancei-me em um abraço apertado, sem medo. Foi reconfortante.

³ Valdenia Aparecida Paulino Lanfranchi atua há mais de 20 anos como defensora e ativista na defesa dos direitos humanos de crianças e adolescentes. Nasceu e foi criada na Região de Sapopemba e diante da violência que presenciava diariamente lutou para mudar a realidade das favelas de Sapopemba, denunciando a violência policial no local. Ameaçada pela sua coragem, precisou sair do país por duas vezes, sendo a primeira pessoa a entrar no Programa de Proteção aos Defensores dos Direitos Humanos. Na década de 80, criou, juntamente com outros militantes, o Centro de Defesa da Criança e do Adolescente de Sapopemba, com o objetivo de enfrentar a evasão escolar de crianças e adolescente da região e atendê-los em seus direitos fundamentais.

Nesse dia conheci Miriam, uma mãe do movimento de luta em defesa dos direitos humanos das pessoas privadas de liberdade, moradora de Sapopemba, militante da Associação de familiares e amigos das pessoas privadas de liberdade (AMPARAR) e ativista contra o genocídio da população preta periférica.

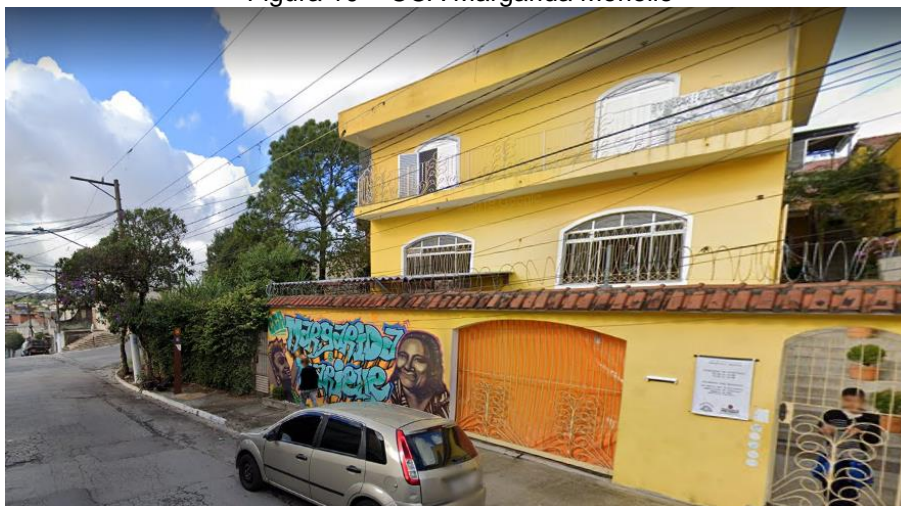
A AMPARAR é uma associação que acolhe famílias de pessoas privadas de liberdade. Conheci a associação através de Miriam. A sede da associação fica em Itaquera, mas atende, em parceria com o CDHS, as mães de Sapopemba. Combinamos de nos encontrar às 14 horas. Saí de casa bastante ansiosa por estar ultrapassando o limite do território, mas também bastante curiosa. Cheguei lá e encontrei Miriam, Railda, atual coordenadora da associação e Fabinho, membro da AMPARAR e sobrevivente do sistema prisional. Pouco depois chega Nice, ela coloca um cafezinho lá na mesa e senta atrás da gente, como se não se sentisse à vontade naquele espaço. Mas eu estava enganada. De repente ela pediu a palavra e se colocou diante da discussão. Ficamos 2 horas conversando sobre a associação e os enfrentamentos cotidianos do sistema prisional.

No mesmo dia que conheci Miriam, participei de uma oficina de saboaria na Associação Comunitária Joilson de Jesus. A associação assiste aos moradores da favela do Madalena, área dominada por pessoas potentes, que lutam pelo direito à vida com dignidade. Thais facilitava a oficina e todos atentos a cada detalhe. Curiosa para conhecê-la melhor, marcamos um horário para conversarmos. Thais é uma jovem pernambucana, educadora social de um dos centros de convivência da criança e adolescente, mantido pela Associação União da Juta.

Combinei com Thais e fui conhecer o CCA em que ela trabalha. Combinamos às 9 horas, saí de casa e o sol já queimava meu rosto, entrei no monotrilho e 10 minutos depois já estava na Estação Sapopemba. Liguei o GPS, que acusava que eu estava a 1,2 km. Quanto mais eu andava pelas ruas sinuosas e íngremes, mais distante eu ficava. O mapa não ajudava muito. Parecia que estava andando em círculo, foi quando encontrei a UBS Mascarenhas de Moraes. Lembrei que pelas minhas andanças pelo Google Maps, a UBS ficava próxima ao CEU Rosa da China. Thais havia me falado por telefone essa referência. Fui seguindo o GPS e adentrando a comunidade. Ao passar pelas pessoas, cumprimentava e o GPS indicava vire à direita. À frente, uma viela, muito suja, cheia de lixo e com esgoto correndo a céu aberto. À direita, como orientava o GPS, uma escadaria muito

íngreme. Nas laterais da escada, viam-se as pessoas através das portas e janelas, outras sentadas tomando um sol. Perguntei a uma mulher que vinha em minha direção onde ficava o CCA. Ela me olhou sem entender e disse que não conhecia. De repente alguém em cima da varanda grita: “tem que descer a escada e ir em frente, até encontrar a rua de asfalto”. No pé da escadaria havia uma jovem fumando, conversando com outra mulher que estava na sacada, elas me deram mais algumas informações. Após achar a rua, avistei um bar na esquina, era escuro e tinha um trabalhador colocando as mesas para fora. Perguntei se sabia onde ficava o CCA. Ele fez uma cara de não sei o que é isso. Dei mais alguns passos e me deparei com o CCA. Quase em frente ao bar.

Figura 10 – CCA Margarida Merielle



Extraído de: Acervo da pesquisadora

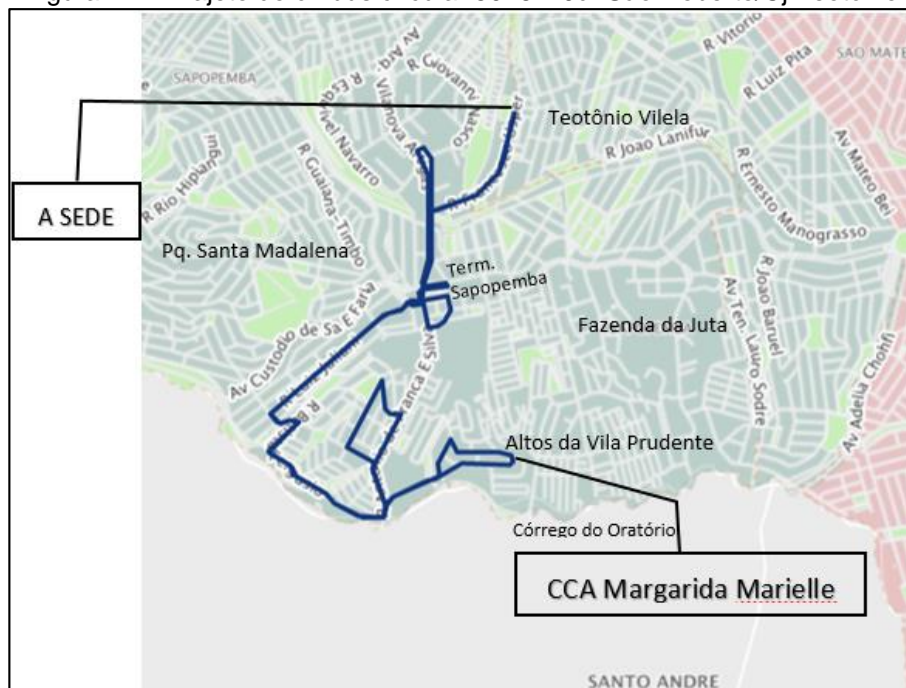
Chegando lá fui recebida por Michele. Ela trabalha no CCA há mais ou menos 3 anos. O espaço é uma casa alugada. Logo na entrada há um refeitório separado por placa acrílica e uma cozinha com um fogão e uma geladeira industrial, subindo a escada, uma sala ampla com bancos de palletes e almofadas no chão, alguns livros, a secretaria e um depósito. Alguns banheiros e, subindo um pouco mais, temos uma quadra pequena. Na lateral, uma jardineira com algumas plantas ornamentais.

Caminhei por todo o espaço de máscara. Fomos até a secretaria e Michele havia preparado um lanche. E aí? Como faço? Tiro máscara, bebo a água? Prefiro ficar sem beber naquele momento. Pedi para gravar nosso papo e elas toparam.

Perguntei se e como elas são afetadas pelo seu trabalho no CCA Maragarida-Marielle.

Para voltar do CCA, peguei o ônibus Jardim São Roberto-Teotônio Vilela, até a estação do monotrilho, mas no caminho decidi ir até o ponto final. Andar em um ônibus circular me permitiu conhecer um pouco mais o chão em que eu estava pisando... muita gente de um lado para o outro, muitos carros estacionados em ruas estreitas, muitos piches... eu adentrava cada vez mais naquela periferia.

Figura 11 – Trajeto do ônibus circular 5026 – Jd. São Roberto/Cj. Teotônio Vilela



Extraído de: <https://www.sptrans.com.br/itinerarios/linha/?cdp=180486>, adaptado por Rosiane Dantas

Descendo no Teotônio Vilela fui até a Sede (associação de amigos do conjunto habitacional Teotônio Vilela e Promorar). Eu já havia ido lá em 2019, em um encontro de Maracatu. Em 2021, enviei e-mail para ver a possibilidade de fazermos uma conversa virtual para que eu pudesse conhecer um pouco das atividades promovidas pela Sede. Cristiano me respondeu convidando para participar de uma roda de conversa (oficina), organizada pelo coletivo de educação ambiental. A proposta era um café da manhã às 9 horas na sede e encontro às 10 horas na praça ao lado do ecoponto.

A Sede, como é conhecido o Grêmio Recreativo Mutirão e Amizade, é uma associação que nasceu em 1986 como uma horta comunitária e hoje é um coletivo

que desenvolve atividades ligados à arte e à cultura periférica. Devido à pandemia de COVID-19 e a necessidade de manter o distanciamento social, resolvi chegar lá às 10 horas. As pessoas estavam em pé, todos homens. Sr. Ademir, idoso, cultiva milho em um pedaço do terreno que fica do outro lado do Ecoponto, tem a experiência da lida com a terra; Sr. Antônio, aposentado também tem uma horta pequena, próximo à Sede. Marcelo, 50 anos, é filho e um dos fundadores da Sede, hoje coordenador e diretor de escola; Eder, uns 40 anos, facilitador da oficina, traz seu saber, dialoga com os desejos da comunidade. Outro facilitador era Cristiano, professor de história, nasceu e cresceu no Conjunto Promorar/Teotônio Vilela, depois se mudou para a Vila Formosa. Atualmente é uma importante liderança da SEDE, coordena o Coletivo de Educação Ambiental e participa de outros coletivos como o de Maracatu Agô Anama e o de Grafite.

Apesar de ser em local aberto, todos nós estávamos de máscara, mantendo o distanciamento social.

Figura 12 – Oficina de educação ambiental



Extraído de: acervo de Magno Evangelista Pereira

O coletivo de educação ambiental já havia passado por um processo de formação teórica sobre agroecologia e agrofloresta.

Cristiano levou um croqui da área feito à mão e pediu que todos, incluindo eu, que acabava de chegar, escrevêssemos o que gostaríamos que estivesse naquele espaço.

Nesse momento a diversidade do grupo aparece quando as pessoas iam falando e Cristiano escrevendo nas filipetas. Surgiram várias ideias. Eder estimulava falando que agora era hora de lançar as ideias na roda. Surgiram

propostas de viveiro de muda de plantas, de horta de plantas alimentícias não convencionais, ervas medicinais, galinheiro, pista de caminhada, aparelhos de ginástica e brinquedos, tanque de peixe, pomar, trilha ecológica.

Figura 13 – Croqui da área destinada as atividades de educação ambiental da SEDE



Extraído de: arquivo da pesquisadora

Depois de discutirmos sobre as possibilidades de intervenção, fomos conhecer o local mais de perto. Grande parte estava limpo, mas ainda havia muitos resíduos de telhas de amianto descartado em uma parte do terreno que ainda precisa ser limpo. Do lado esquerdo do Ecoponto há um cercado com plantação de milho, cuidado por seu Ademir, e uma área já limpa e plana, onde seria possível fazer a horta. Descemos e fomos até uma nascente (o declive é muito acentuado, pois é um fundo de vale). Nesse local a proposta é plantar árvores e construir uma pista de caminhada. No meio do caminho havia um cercado, entramos e encontramos o Senhor Macoco, ele construiu um tanque de peixe (tilápia) e uma área pequena coberta com um balcão e uma churrasqueira. Ofereceu-nos uma dose de PITU com limão. (Como aceitar em tempos de pandemia?). Ele mostrou o copo e a pia. Lavamos o copo e tomei aquela dose de pitu.

Figura 14 – Tanque de Peixe – Sr. Macoco



Extraído de: Acervo da pesquisadora

Subimos o morro e fomos para a Sede usar o banheiro. Agradei a oportunidade de estar junto.

Já no final da oficina, apareceu Mariana, que integra o coletivo de mulheres do Vilela. Ela estava indo para o trabalho. Participou do reconhecimento do campo. Subimos para tomar um café na Sede, peguei o seu contato para combinar um horário para falar sobre a pesquisa.

Incluíram-me no grupo de WhatsApp e passei a acompanhar as atividades propostas pelo coletivo de educação ambiental. O segundo encontro foi realizado no local onde ia ser feita a horta. A ideia era preparar o terreno e montar um viveiro de mudas. Eder (consultor do coletivo de educação ambiental da Sede) iniciou a atividade perguntando quais as diferenças percebidas pelo coletivo entre o local do último encontro (a praça) e o encontro de hoje (o local da horta): umidade, vento, sol, cheiro de terra, aroma das plantas. A ideia era sensibilizar o grupo para perceber que todas essas questões importam para pensar a estrutura do viveiro e a horta. Enquanto algumas pessoas pegaram a enxada para arar a terra, outros foram trabalhando o cercado, separando os resíduos sólidos da área, como: vidros, plásticos e pedras, que foram sendo separados para ser usado ou descartado no ecoponto ao lado. Outras pessoas foram chegando e trazendo materiais para a

cerca. E naquele momento as pessoas iam conversando sobre política, pandemia, espécies que já estavam lá há algum tempo, futebol, balada... e assim seguia.

Durante a manhã foi trazido um lanche (suco, frutas e água). As decisões eram tomadas de forma coletiva. Um aspecto interessante da atividade é a proatividade do grupo e a relação de amizade entre eles. Todos que chegavam eram muito bem acolhidos com muito carinho. A máscara, que, a priori, era unanimidade, foi deixando de ser ao longo do dia, mas o distanciamento e os cumprimentos eram feitos dentro do protocolo do COVID. Sem abraços....

Nos encontros que seguiam comecei a chegar mais cedo para tomar o café coletivo. Depois de algumas resenhas, ferramentas em mãos, descíamos para o espaço da horta. As pessoas que circulavam por ali observavam o movimento. Cumprimentavam e perguntavam sobre o que estávamos fazendo. Cristiano falava do projeto e convidava as pessoas para se juntarem.

Nesses encontros conheci Diego, morador do Vilela, com um grande conhecimento sobre permacultura e bioconstrução. Ele ia trabalhando e apresentando algumas plantas.

A cada encontro, um pedaço do terreno era limpo. Foi feita a montagem de um viveiro e uma área de vivência com os pallets.

Figura 15 – Área de vivencia feita com pallets e preparação da terra para cultivo



Extraído de: Acervo de Magno Evangelista Pereira

Como pesquisadora, às vezes me sentia um pouco deslocada, observava, aproximava-me de um, conversava e assim fui me aproximando e tendo a oportunidade de conhecer as histórias daquelas pessoas e daquele lugar.

As atividades sempre iniciavam pela manhã: o café na Sede, depois descer para a horta, pessoas iam e vinham, um fluxo contínuo de pessoas com objetivos comuns, com muito afeto e respeito.

Os encontros eram planejados pelo WhatsApp, mas também, nas relações produzidas no cotidiano. Havia um cuidado de deixar a terra pronta para ser semeada e garantir o plantio. Cada um com sua habilidade ia ajudando. Conseguir água era uma necessidade. Com os recursos de editais, foram comprados alguns materiais, mangueiras e uma bomba, o que garantiu a água para irrigação. Em um dos encontros, esse era o objetivo: furar um poço. Desci para acompanhar. Havia quatro homens que com as ferramentas e muita energia iam fazendo o trabalho e conversando sobre os sonhos e as frustrações do mundo do trabalho. João é um deles, homem negro de uns 40 anos, motoboy, tinha sido demitido e estava desempregado. O sonho dele era naquele momento achar uma “pepita” e ficar rico. Baldes e mais baldes eram tirados daquele buraco e as pessoas se revezavam e falavam e sonhavam e suavavam.

Muita gente circulava pelo local: uns paravam, olhavam, faziam comentários, brincavam com os cachorros, outros passavam direto ... muitos indiferentes àquele movimento que estava transformando um local que era depósito de lixo. Apesar de ser julho, o calor era intenso. Ainda havia muitas telhas de amianto jogadas na área. Essas telhas não podem ser dispensadas no ecoponto e por isso alguém teve a ideia de quebrá-las em pedaços menores e colocar no caminho entre a horta e a caixa d’água, para facilitar a acessibilidade.

Figura 16 – Caminho feito com pedaços de telhas de amianto



Extraído de: acervo da pesquisadora

Minhas caminhadas pelo Teotônio me aproximaram do Coletivo de Maracatu Agô Anama e do Coletivo de Mulheres.

Do coletivo de mulheres, conheci Mariana, que me apresentou Juliana. A entrevista com Mariana e Juliana aconteceu pelo google meet. É uma abordagem diferente. Mas foi muito intenso porque foi uma das primeiras entrevistas. Juliana é uma pessoa incrível, admirada por muitos e citada durante as entrevistas. Com Mariana tive mais contato durante as idas ao Vilela, por estar em outros coletivos, principalmente o Agô Anama, com quem tive mais contato em outros momentos.

Meu primeiro encontro com o Agô foi como brincante de Maracatu em 2019. O segundo foi em setembro de 2021, quando participei de uma oficina. O horário combinado era às 14h para iniciar às 15 horas. Cheguei por volta das 15 h. Da estação de metrô até a Sede dura uns 20 minutos de caminhada. Fui tentando imaginar como seria esse primeiro momento. Eu já havia tido contato com grande parte das pessoas que compõem esse coletivo em outros espaços, mas a

ansiedade era grande. Chegando lá, estavam Mairê, Karen e Diego. Todos sem máscara, procurei manter o distanciamento e fui ajudar na tarefa do dia. Diego era a pessoa responsável pela reforma do espaço da Sede. O recurso para a obra é resultado de um edital que a Sede concorreu e foi contemplada. Fiquei por ali ajudando a tirar os entulhos. As pessoas se revezavam naturalmente. O sol estava muito intenso. Decidi ir à cozinha à procura de sombra e água. No balcão, Marcelo e Cristiano falavam sobre mim. Uma estudante de doutorado carregando entulho. Foi quando me aproximei de Marcelo. Ele começou a falar que a Sede estava sofrendo alguns atentados. Acabamos sendo interrompidos. Quando ficamos só, Marcelo falou da dificuldade que está tendo para fazer o relatório. Foi quando falei do meu projeto e ele se dispôs a participar, pois o ajudaria com o relatório. Combinamos de nos encontrar durante a semana para que pudéssemos conversar. Após enchermos todos os sacos com entulhos, descemos com os instrumentos para a praça, já se aproximava das 18 horas. Fizemos uma roda para falar de algumas atividades que estavam agendadas para o mês de novembro. As pessoas iam sugerindo toadas e sequências, ponderando e acordando ou discordando. Anoteceu e precisei voltar para casa, com a promessa de retornar na semana seguinte, planejada para ficar até mais tarde.

Um desses eventos foi uma apresentação no terreiro em Juquitiba e o outro foi uma oficina na reabertura da Praça das Artes, no Centro de São Paulo.

Figura 17 – Apresentação do Grupo de Maracatu Agô Anama, Juquitiba-SP e oficina na Praça das Artes do Teatro Municipal de São Paulo



Extraído de: acervo de Magno Evangelista Pereira

A festa do terreiro foi organizada por Juliana e por Cris ou Douglas, duas pessoas das quais também me aproximei durante a pesquisa de campo. Ambos fazem parte da Sede. Cristiano, conforme se apresentou, nasceu no Vilela, frequentou a Sede na adolescência e retornou quando conheceu Marcelo, durante a graduação em História. Juliana, companheira de Cris, é assistente social e é uma das pessoas que contribuem diretamente para as atividades dos coletivos.

A violência atravessou minha pesquisa, quando um dos integrantes dos coletivos da SEDE, Diego, foi brutalmente assassinado, quando estava indo trabalhar na reforma do espaço. Diego sempre morou no Vilela e frequentava a SEDE desde a adolescência, como brincante e depois como educador.

A perda de Diego silenciou os tambores, as enxadas, a Sede...

Mais ou menos um mês depois da morte de Diego, combinei de encontrar Marcelo na casa dele. Seria a primeira vez que iria ao Vilela à noite. Do terminal até a casa de Marcelo eram aproximadamente 20 minutos. Fiquei tensa, mas também curiosa em saber como as coisas aconteciam no bairro à noite.

Cheguei lá e fomos para o terraço, que fica em frente à Sede. Marcelo estava bem triste e se emocionou inúmeras vezes durante a entrevista. Ainda em luto e indignado pela ausência de investigação e, portanto, de justiça em relação ao assassinato do amigo de infância. Ele falava que não tem mais vontade de fazer nada e que pensa em mudar de lá, pois tem medo de morrer, como Diego. Tomamos um vinho, falamos sobre a escola pública e a dificuldade de atender às demandas da Secretária de Educação, ele comentou das dificuldades de acessar os serviços de saúde, frente às demandas da escola. Contou sobre a história da SEDE e de como isso atravessou sua existência. Já se aproximava das 22 horas, quando me despedi e fui para o ponto de ônibus.

Na busca de mais elementos para a minha pesquisa, aproximei-me um pouco mais dos Centros de Convivência de Crianças e Adolescentes gerenciados pela Associação União da Juta.

Primeiro fui ao CCA Semeando Esperança e participei de uma roda de conversa sobre cuidado de si e do outro com 12 adolescentes de 14 e 15 anos. O tema da roda era alterações resultantes do ciclo menstrual. A roda me permitiu conhecer um pouco mais da história daquele lugar, daqueles adolescentes, netos e filhos de pessoas que lutaram para conquistar o direito de acesso à moradia e à infraestrutura urbana.

Posteriormente retornei ao CCA Margarida Marielle. Estive lá algumas vezes. Conheci a estrutura física, as trabalhadoras que cuidam da alimentação das crianças (almoço, lanche e janta). Participei de uma roda com as famílias das crianças e adolescentes atendidas pelo centro. Falamos sobre COVID, vacina,

cuidados, ancestralidade, coletividade e produção e consumo de plantas medicinais e alimentícias.

Depois, fui convidada para facilitar uma oficina com as famílias. Para mim seria uma grande oportunidade de conhecer um pouco mais a história de luta daquelas mulheres.

No primeiro dia de oficina cheguei com 40 minutos de antecedência, a sala era ampla e bem ventilada, o que me dava um pouco de tranquilidade, com poltronas feitas de pallets e almofadas de chitas. Senti como se estivesse em casa. Montei no centro uma mandala com mudas de manjeriço, orégano, hortelã, coentro, arruda, alecrim, cebolinha, peixinho da horta, morango, capim limão ou capim-santo, funcho doce, guaco, sálvia e poejo.

Figura 18 – Local do primeiro encontro com as famílias no CCA Margarida Marielle



Extraído de: acervo da pesquisadora

As mudas foram um pretexto para a gente poder pensar em estratégias de cuidado nesse momento de pandemia. Falamos dos protocolos, da vacina e depois

disse que podiam pegar uma muda, caso quisessem cultivar, pois poderiam ser usadas na culinária e na preparação de chás.

Desse momento de confraternização, surgiu a proposta de fazermos uma horta para poder ser usada na preparação dos alimentos das crianças e adolescentes. Compareci a reuniões nas quais foram definidas as plantas que seriam cultivadas e a realização de um mutirão para preparar a terra e fazer o plantio.

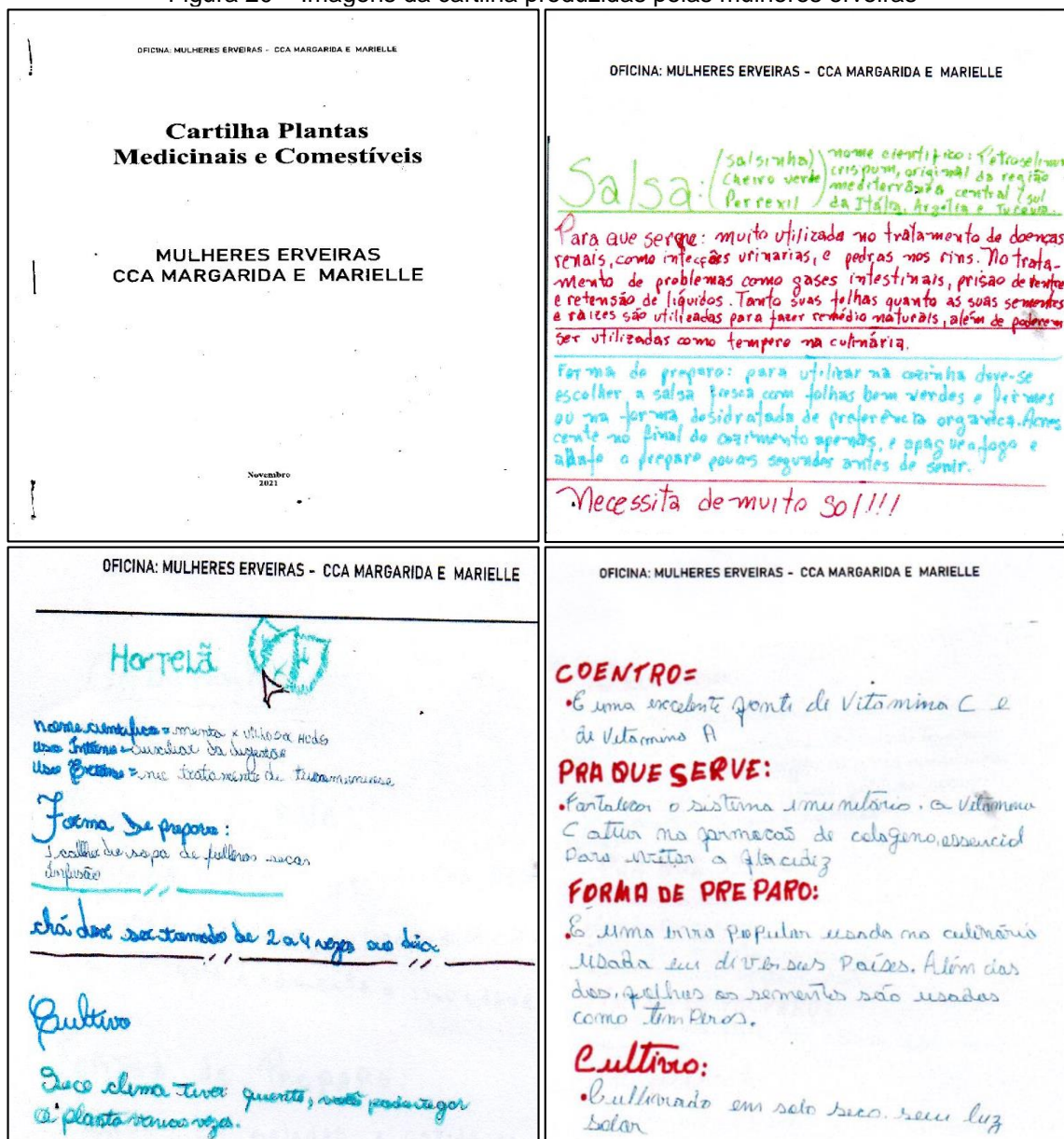
Figura 19 – organização de horta no CCA Margarida Marielle



Extraído de: acervo da pesquisadora

Participei de quatro encontros com as famílias, que resultaram na produção de uma cartilha, feita com elas, com informações sobre as plantas que seriam cultivadas. Quem coordenou a oficina de construção da cartilha foi uma jovem moradora da área e estudante de Química na UFABC. Cada participante ficou responsável por estudar uma planta, apresentar na oficina e produzir uma síntese. Na cartilha há informações sobre nome científico e popular, parte utilizada da planta, principais indicações, uso e forma de preparo e cuidados com a planta e com o uso. A cartilha foi revisada utilizando o material disponibilizado pelo Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo em abril de 2019, intitulado “Plantas Medicinais e Fitoterápicos”, respeitando a linguagem popular e a síntese feita pelos autores.

Figura 20 – Imagens da cartilha produzidas pelas mulheres erveiras



Extraído de: Cartilha plantas medicinais e comestíveis, produzido pelas mulheres erveiras, 2021

Foi em um desses encontros que conheci Cícero, uma importante liderança do movimento de moradia. Muito simpático. Ele estava indo embora rumo a Juta e acabei indo de carona até a avenida Sapopemba. No caminho falei um pouco da minha pesquisa e perguntei se ele poderia colaborar. Marcamos às 14 horas no dia seguinte, no setor de recursos humanos da associação. Mais uma vez fui de metrô e desci a avenida rumo ao córrego do Oratório. Chegando lá fui recebida por um jovem. Sentei-me e fiquei aguardando seu Cícero. Observei que havia uma biblioteca em uma sala que ficava à minha frente, brinquedos, roupas e sapatos para doação. Havia um quadro com avisos sobre horário de reunião dos alcoólicos

anônimos e de atendimento com a psicóloga. Do lado de fora um senhor que aparentava 80 anos se despedindo de uma pessoa que estava indo para uma audiência, Sr Luis Marra... idealizador do Núcleo de Atendimento à Família, que recentemente cedeu sua casa para a associação união da juta.

Minutos depois chega seu Cícero, subimos uma escada e começamos a prostrar. Ele falava do seu Luis com muita admiração e respeito. Em seguida começou a contar sua história de luta por moradia, do papel do movimento. Encerrada nossa conversa, desci as escadas e reencontrei o Sr. Luis, que me ofereceu o café e me chamou para conhecer sua biblioteca. Entregou-me um livreto e com toda sua tranquilidade nos despedimos. No livreto havia algumas informações sobre o NAF.

Enquanto fazia entrevistas presenciais ou online, continuei participando de alguns encontros virtuais... Em uma reunião da Brigada pela Vida⁴, conheci o Raifah, coordenador do projeto Ecos e Reflexos, psicólogo e educador social do CEDECA. Raifah é um jovem negro, rastafari, artista, arte educador, psicólogo, filho de nordestino que passou sua adolescência na região metropolitana de São Paulo e que na adolescência participou do movimento estudantil e de outros movimentos importantes para formação de sua identidade. A entrevista dele foi no campo e importante para conhecer a dinâmica de funcionamento do CEDECA. Lá conheci Sidnei, coordenador do núcleo de cultura e pesquisador da UFABC.

Ansiosa por conhecer um pouco mais as ações que acontecem no território, voluntariei-me para participar de uma tarde brincante com as crianças no Centro Comunitário Joilson de Jesus.

⁴ A Brigada pela Vida iniciou-se em 25/05/2020, com objetivo de lutar contra a desigualdade social em Sapopemba. Tendo em vista seu propósito, vem unindo vários atores: Educação, Cultura, Assistência Social, Movimentos de Saúde e Moradia e vários Movimentos de Direitos Humanos.!

Figura 21 - Centro Comunitário Joilson de Jesus



Extraído de: acervo da pesquisadora

Chegando lá, encontrei Sandra, ficamos conversando sobre a história do lugar e sua importância para as famílias atendidas, especialmente as crianças no território, nesse período de pandemia. Foi uma tarde incrível de brincadeiras e contação de história. Pude perceber o quanto aquelas crianças eram diferenciadas, organizavam-se sozinhas e cuidavam umas das outras. Combinei com Sandra de voltar no dia seguinte para entrevistá-la. Como de costume, saí de casa um pouco mais cedo e fui caminhando. No caminho até o Joilson, passei por algumas lojas, vários bares e uma escola, que é a principal referência para a entrada na comunidade. Cheguei lá um pouco antes e estava fechado. Sandra disse que

chegaria em 15 minutos. Percebi um movimento dos trabalhadores da limpeza com latões com rodas para recolher o lixo da rua, sentei ali e fiquei esperando, observando o movimento de ida e vinda de pessoas e de carros naquela rua estreita.

Figura 22 – Rua Rodrigues dos Santos



Extraído de: Acervo da pesquisadora

Lá em Joilson também conheci Rosangela, assistente social, educadora do CEDECA e voluntária de Joilson. Assim como Jaqueline, cresceu dentro do CEDECA e acompanhou seu pai na luta cotidiana pelo direito à vida, à educação, à alimentação, à saúde. Rosângela também é uma importante liderança do Parque Santa Madalena. Tem 38 anos, trabalha no CEDECA e é voluntária de Joilson.

Próximo do natal fui até o Joilson para ajudar na organização da festa de natal e lá encontrei Thais, do coletivo periferia preta. Eu já havia visto Thais em outras atividades online, mas naquela quinta-feira de manhã seria minha melhor oportunidade para entrevistá-la. Apresentei-me e rapidamente começamos a conversar.

Quando já estava por encerrar a pesquisa de campo, conheci Rato, Professor da Rede Estadual de Educação e Diretor Geral da Harmonia da Escola de Samba Combinados do Sapopemba. Por intermédio dele resultou o estreitamento de um laço adormecido entre a Escola de Samba com o Centro Comunitário Joilson de Jesus, o que culminou na participação da bateria do Centro Comunitário no Carnaval de 2022.

A necessidade que a pandemia nos impôs de direcionar mais atenção para estabelecer uma conversação foi um pouco exaustiva, por outro lado foi a maneira encontrada de estar no campo, mesmo que, na maioria das vezes, remotamente.

NASCIMENTO (2021), estudante de mestrado da UFBA, relata que, nesse tempo de pandemia...

o último desafio a ser superado é a barreira psicológica, essa que assim como a mim, afetou e tem afetado diversos colegas, que se encontram com dificuldades para escrever. Todos os eventos que estão acontecendo massiva e cotidianamente ao nosso redor afetam nosso ritmo, nossa concentração, nosso sono, nossa qualidade de vida e nossa rotina. E todos esses fatores somados afetam diretamente a nossa produção. Com todas as mudanças vem junto o medo, a insegurança e as frustrações do processo, que tendem a ficar maiores e mais presentes e nos paralisam em diversos momentos do caminho. Não há como negar que o momento atual tem interferido diretamente na vida de todos nós cidadãos brasileiros.

E, superando as adversidades, fui me encontrando com o campo enfrentando as restrições que a pandemia me impôs. Durante a condução dessa pesquisa não foi possível neutralizar qualquer ideia preconcebida sobre o que era ou não significativo observar no território, pois essa observação atravessa a minha prática profissional desde 2002. O que eu preciso observar ao entrar em um território desconhecido? O que me toca primeiro: a visão (as casas, as ruas, as flores, os equipamentos sociais, as pessoas, o lixo); a audição (os passos, os pássaros, os carros, o vento, a música, as discussões, o bate papo do bar, as crianças na escola); o olfato (cheiro da comida, do café, da padaria, do esgoto a céu aberto, do mangue, do lixo, da fumaça), o paladar (o café do bar, as frutas dos pomares, a água da torneira) os olhares, a curiosidade.

Em síntese, para conhecer o território, utilizei recursos como o Google Maps, que é um serviço de pesquisa e visualização de mapas e imagens de satélite da Terra gratuito, fornecido e desenvolvido pela empresa Google. Atualmente, o serviço disponibiliza imagens de satélite, fotografia aérea e imagens interativas em 360° (Street View). O Street View disponibiliza vistas panorâmicas de 360° na horizontal e 290° na vertical e permite que os usuários vejam partes de algumas regiões do mundo ao nível do chão/solo. Essas fotos são atualizadas e em algumas localidades permitem observar imagens de anos anteriores. Contudo,

algumas vias, principalmente aquelas em áreas de alta vulnerabilidade, não foram registradas.

A busca através do Google Maps não substitui a visita in loco. As caminhadas pelas ruas e avenidas e o uso do transporte coletivo possibilitaram, além das imagens, outros elementos do cotidiano, considerado importante para conhecer os fluxos do território.

Outro recurso importante para conhecer o território foi a participação de eventos promovidos no território: reuniões presenciais e virtuais, eventos artísticos culturais, feiras solidárias, rodas de samba, rodas de conversa, assembleias, oficinas, entre outros.

A fotografia permitiu fazer registro das caminhadas e dos eventos em que estive presente. Toda fotografia tem uma intencionalidade e dialoga com a realidade e com a representação dessa realidade: são observações estéticas e documentais da realidade, carregando significados transparentes de emoção, afetividade e religiosidade (MELLEIRO; GUALDA, 2005).

Outras fontes que foram importantes para conhecer o território foram a produção científica e jornalística: artigos, livros e teses que trouxeram elementos que permitiram caracterizar Sapopemba.

3. O ENCONTRO COM O TERRITÓRIO

Para conhecer mais sobre Sapopemba, utilizo o referencial de produção de espaço e território e de como esta interfere no processo de produção da saúde. São apresentadas neste capítulo as características geográficas, históricas, sociais, econômicas e demográficas de Sapopemba, por considerá-los elementos essenciais para descrever o território.

3.1 O TERRITÓRIO E SUA RELAÇÃO COM A PRODUÇÃO DE SAÚDE

O território é uma das principais categorias conceituais da Geografia e vem sendo cada vez mais utilizado na saúde.

Um território não traduz simplesmente um espaço, mas um espaço construído por ações individuais e coletivas de acordo com seus objetivos e interesses. Para RAFFESTIN (1993, p.143), ao se apropriar de um espaço concreta ou abstratamente, o ator 'territorializa' o espaço". Essa apropriação é marcada por relações de poder, exercido por pessoas ou grupos.

Atualmente, o território é idealizado, nas mais diversas análises e abordagens, como um espaço delimitado pelo uso de fronteiras, visíveis ou invisíveis que se consolida a partir de uma expressão e imposição de poder. No entanto, pode se manifestar em múltiplas escalas, não possuindo necessariamente um caráter político, pois evidencia a existência de múltiplas territorialidades (FERREIRA, 2014).

Para RAFFESTIN (1993), a territorialidade se inscreve no quadro da produção, da troca e do consumo das coisas, reflete a multidimensionalidade do "vivido" territorial pelos membros de uma coletividade. "Os homens "vivem", ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. É sempre uma relação, mesmo que diferenciada, com os outros atores.

A concepção de espaço defendida por Milton Santos envolve ao mesmo tempo a forma (os objetos contidos no espaço) e a função (as ações que se fazem em relação aos objetos), possibilitando pensar essa categoria enquanto relação

social e assim permite pensar a saúde, enquanto processo de mudança na estrutura espacial, no sentido de entender o espaço como processo e produto das relações sociais que se realiza enquanto uma instância social. Defende que as relações sociais têm papel central na concepção de espaço e o território se apresenta como o recorte do espaço geográfico qualificado. (FARIA; BORTOLOZZI, 2009; MOREIRA, 2009; SANTOS, 1988).

A categoria território é pertinente, tanto no que se refere ao alcance social dos bens produzidos pela sociedade, quanto para a investigação de realidades mais deploráveis. Incorpora fatores econômicos, sociais, políticos e culturais responsáveis pela produção de saúde, resultado de uma dinâmica social complexa (FERREIRA, 2014).

Para FARIA e BORTOLOZZI (2009), o território é essencial para investigar a apropriação e dominação do espaço e sua relação com a saúde. É importante para o planejamento de ações que permitam diminuir os impactos dessa apropriação na vida das pessoas. É essencial para pensar as intervenções concretas na realidade cotidiana dos espaços sociais que dialogam diretamente com a produção de saúde, que são permeadas por relações institucionais e sociais complexas no cotidiano humano. De um modo geral, o conceito de território esteve quase sempre relacionado com as relações de poder que se estabelecem entre os grupos sociais e destes com a natureza.

O território surge, portanto, como resultado de uma ação social que, de forma concreta e abstrata, se apropria de um espaço (tanto física como simbolicamente), por isso denominado um processo de construção social. FERREIRA (2014) diferencia outro tipo de território, o construído, ou espaço-território, que, segundo o autor, é formado a partir de “um encontro de atores sociais, em um espaço geográfico dado, que procura identificar e resolver um problema comum”.

Nesse sentido, a abordagem territorial em saúde contempla múltiplos olhares e apresenta-se ainda mais necessária em escala urbana, onde tudo se torna mais complexo. Obviamente as relações sociais mais intensas, os conflitos, os fluxos e os usos diferenciados produzem territórios e territorialidades as mais variadas.

Considerando os elementos teóricos apresentados, busquei caracterizar Sapopemba, considerando sua história de luta e resistência, seu processo de

ocupação, sua luta pelos direitos humanos e sua resistência frente a diversos tipos de violência institucional.

Os dados apresentados foram extraídos do site da subprefeitura de Sapopemba, dos materiais produzidos no observatório da violência do CEDECA e da literatura científica; além de alguns elementos das narrativas, que apontam as relações com o território como produto das relações sociais.

3.2 PROCESSO DE OCUPAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO TERRITÓRIO

O bairro de Sapopemba foi fundado nos primeiros anos do século XX, tornou-se distrito em 1985 e subprefeitura em 2013. De acordo com informações da PREFEITURA DE SÃO PAULO (2016), a região foi povoada no século XIX, em sua maioria, por portugueses que cultivavam verduras em suas chácaras. Havia também sítios de gado, de árvores frutíferas e pequenos núcleos populacionais que surgiram em 1870. O início da industrialização na região de Sapopemba se deu em 1910, atraindo novos moradores, dando origem a alguns loteamentos. A intensa imigração de população de baixa renda e a falta de infraestrutura transformaram as antigas chácaras remanescentes em loteamentos irregulares, devido ao desenvolvimento de indústrias na região e também ao surgimento do parque industrial na região do ABC, entre 1915 a 1940. Na década de 1960, forma-se a Favela do Jardim Elba e o Conjunto Habitacional Marechal Mascarenhas de Moraes, seguido pela formação do Conjunto Habitacional Teotônio Vilela em 1982, fatores significativos na urbanização da região. A Fazenda da Juta, outro importante bairro de Sapopemba, teve ocupação iniciada na década de 1970, marcada por conflitos envolvendo o Movimento Sem Terra da Zona Leste 1 e policiais militares. As tentativas de reintegração de posse aconteciam mediante conflitos e celebração de acordos, mediados, na maioria das vezes, por representantes das comunidades eclesiais de base.

Notadamente, o processo de ocupação de Sapopemba é marcado pela imigração e urbanização na segunda metade do século XX. Recebeu muitos migrantes do Nordeste, que fugiram da seca e da privação econômica na busca de melhores condições de vida. Concentrou um enorme contingente de trabalhadores

que desenvolviam atividades manuais, de baixa qualificação, de baixa remuneração. As moradias eram improvisadas de autoconstrução, sem infraestrutura básica de serviços. Essa precariedade gerou uma substantiva mobilização social, sob forte influência dos movimentos sindicais⁵ e do discurso da Teologia da Libertação⁶, que envolveu uma série de bandeiras desde necessidades estruturais, como saúde e moradia, até o enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes⁷ (RICHMOND et al, 2020).

Nesse sentido, podemos afirmar que Sapopemba é um espaço produzido através de movimentos, fluxos e ressignificações. E se destaca como um espaço de grande relevância pela sua história de organização social e mobilização política desde a década de 80.

Para D. F, a realidade precária dos primeiros moradores que se instalaram na Fazenda da Juta deflagrou processos de mobilização comunitária voltados para a transformação do território.

A história da violência institucionalizada no território teve como consequência os movimentos em defesa dos direitos da criança e do adolescente, acionando frentes de mobilização, como a luta contra o genocídio da população preta e periférica⁸, a execução de medidas socioeducativas em meio aberto e o investimento na formação acadêmica e humana de crianças e adolescentes.

Para R. F, Sapopemba é um território conhecido pela violência.

Só que aí quando você chega no território, você pensa “não é o território que é violento é um território que é violentado como um todo”. Então quando você vê que as relações interpessoais estão para além dessa violência como é enxergado como é visto esse território. “É interessante que este território seja conhecido como território violento porque parece que essa violência brota das pessoas e não é”.

Sapopemba também é considerado um território acolhedor.

Eu sou muito grata de ter vindo da Bahia para cá e de ter sido tão acolhida... minha mãe com suas filhas ter sido tão acolhida, isso faz sentido eu continuar essa história... faz sentido eu ser educadora e

⁵ A SEDE é fruto da formação política dos movimentos sindicais do ABC.

⁶ Instituto Daniel Comboni teve forte influência no processo de luta por moradia e infraestrutura na Fazenda da Juta e no Parque Santa Madalena.

⁷ O CEDECA é o primeiro serviço para enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes.

⁸ A AMPARAR e o coletivo Periferia Preta levanta a pauta do genocídio da população preta e periférica.

continuar acolhendo outras mulheres, outras famílias que vem de tantos lugares desse Brasil e do mundo... tem muitos imigrantes vindo para cá... pra mim faz sentido acolher e dar esse retorno para esse território que tanto me acolheu que tanto me fez inspirar se inspirar em sonhar e continuar sendo essa educadora que inspire crianças e outras pessoas a sonhar sonharem também.

A resistência desses sujeitos coletivos que fizeram e fazem a história de ocupação desse espaço permitiu muitas histórias de superação das pressões individuais oriundas do sistema capitalista e do Estado para lutar pelo direito à cidade, à cidadania, e por uma vida digna.

3.3 DESIGUALDADES EM SAPOPEMBA REVELADAS EM NÚMEROS

Sapopemba é um distrito localizado na zona leste de São Paulo e é altamente povoado. São quase 300 mil moradores que se distribuem entre os 50 bairros da região.

De acordo com os dados da PREFEITURA DE SÃO PAULO (2016), Sapopemba se insere na Macro área de Redução da Vulnerabilidade Urbana, por apresentar elevados índices de vulnerabilidade social, baixos índices de desenvolvimento humano, irregularidades fundiárias, riscos geológicos, além de déficits na oferta de serviços, equipamentos e infraestruturas urbanas. Cerca de 75% da área total construída é residencial e em sua maioria horizontal. Sapopemba tem 21,41% do território demarcado como Zona Especial de Interesse Social, o que indica áreas caracterizadas por presença de favelas e loteamentos irregulares, localizados em maior parte nas bordas dos córregos.

Dados extraídos do Caderno de Propostas dos Planos Regionais das Subprefeituras mostram que Sapopemba é o distrito periférico com maior densidade demográfica; mais de 10,5% dos domicílios de Sapopemba contêm mais de 3 moradores por dormitório; 20,8% da população são jovens; 10,1% são idosos; Sapopemba abriga 2,5% da população de São Paulo e apenas 0,4% dos empregos, distribuídos entre comércio varejista (29%), serviços de saúde (15%) e serviços de alojamento e alimentação (9%); 17,7% da população está abaixo da linha de pobreza; o rendimento domiciliar mensal “per capita” é pouco menos de um salário mínimo e a proporção de domicílios não conectados à rede geral esgoto é de 7,4%.

Outros dados foram levantados a partir do mapa da desigualdade da cidade de 2019, que mostra a realidade dos distritos da capital paulista. Os dados de Sapopemba (Tabela 1) nos permitem conhecer, de forma mais atualizada, sobre as condições de vida e saúde da população, já que os dados do último censo estão obsoletos.

Tabela 1 – Taxas do Distrito de Sapopemba e do município de São Paulo, 2019

	Sapopemba	Município de São Paulo
Proporção da população preta e parda, em relação ao total da população (%)	41,72	32,1
Proporção da população feminina, em relação ao total da população (%)	51,92	52,6
Proporção de metros quadrados (m ²) de cobertura vegetal, arbórea e rasteira, por habitante da subprefeitura	3,65	100,2
Proporção de ocorrências de violência contra a mulher, para cada dez mil mulheres na faixa etária de 20 a 59 anos	178,3	252,7
Número total de ocorrências de feminicídio, para cada dez mil mulheres na faixa etária de 20 a 59 anos	1,46	0,9
Número total de ocorrências de violência homofóbica e transfóbica	1	2,4
Proporção de ocorrências de violência de racismo e injúria racial, para cada dez mil habitantes	1,28	1,8
Proporção de domicílios em favelas, em relação ao total de domicílios (%)	21,58	8,3
Proporção de nascidos vivos cujas mães tinham 19 anos ou menos, em relação ao total de nascidos vivos (%)	11,54	8,7
Proporção de nascidos vivos cujas mães fizeram menos de 7 consultas pré-natal (%)	19,75	18,4
Proporção de óbitos femininos por causas maternas, para cada dez mil crianças nascidas vivas de mães residentes no distrito	10,01	5,0
Proporção de óbitos de crianças menores de um ano, para cada mil crianças nascidas vivas de mães residentes no distrito	13,27	10,5
Proporção de crianças nascidas vivas com menos de 2,5 kg, em relação ao total de crianças nascidas vivas de mães residentes no distrito	10,14	9,3
Idade média ao morrer	63,92	68,7
Diferença de remuneração salarial média entre mulheres e homens no emprego formal em todos os setores econômicos	- 6,79	-13,8
Taxa de emprego formal, por dez habitantes participantes da PIA (população em idade ativa) com idade igual ou superior a quinze anos	0,96	6,7
Proporção de equipamentos públicos municipais de cultura, para cada cem mil habitantes	1,39	4,0
Proporção de centros culturais, espaços e casas e cultura (municipais, estaduais, federais e particulares), para cada dez mil habitantes	0,04	0,2

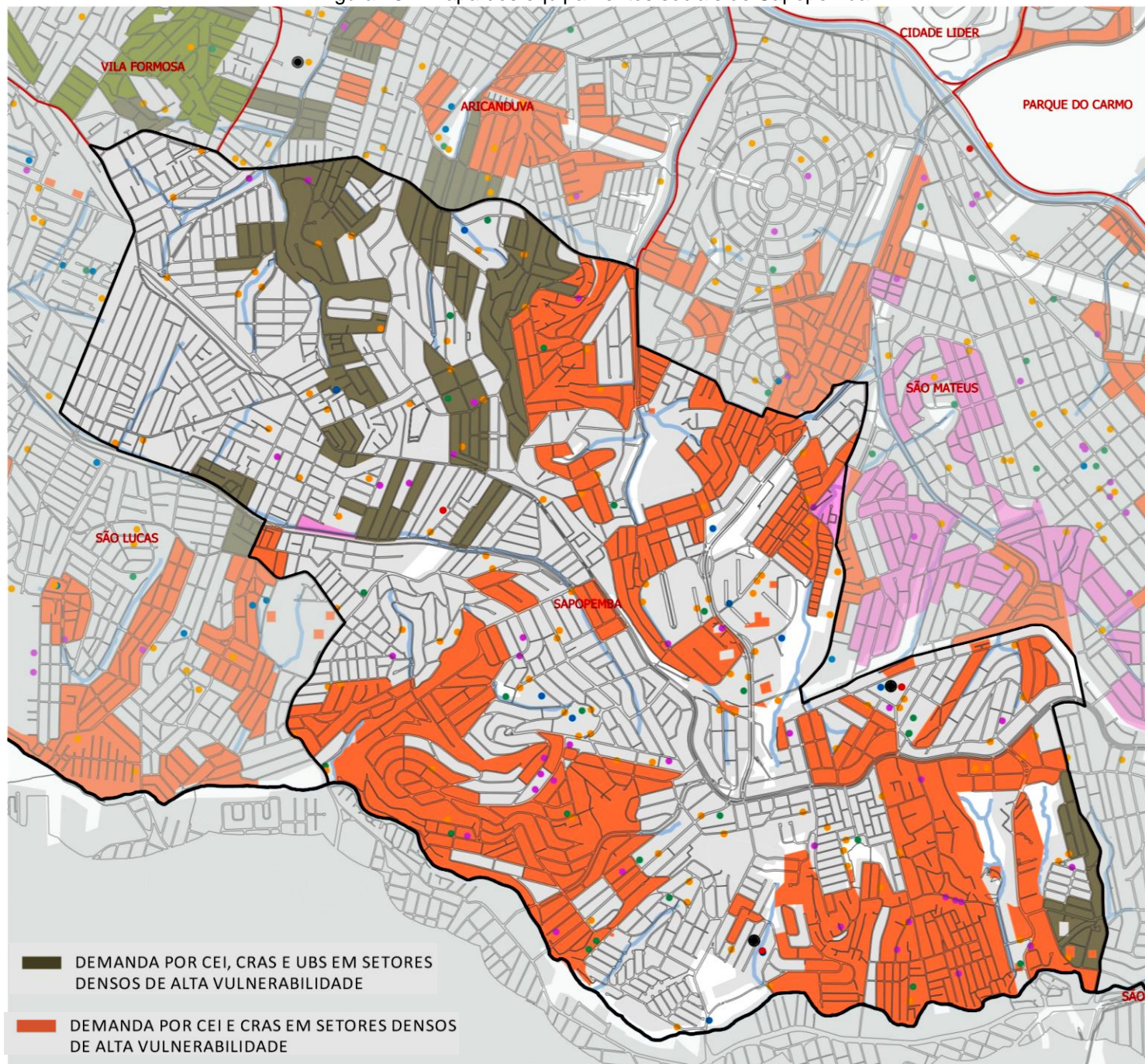
Extraído de: INSTITUTO CIDADES SAUDÁVEIS, (2019)

Os dados acima confirmam as grandes desigualdades sociais, a partir dos quais se observam piores indicadores de Sapopemba, quando comparado com o município de São Paulo e outras regiões e que configuram as heterogeneidades da produção do espaço e das lutas que o constroem cotidianamente.

Dados do Censo de 2010 indicaram que os moradores do distrito de Sapopemba passaram por transformações materiais, institucionais, sociais e políticas significativas ao longo das décadas e, apesar das várias formas de marginalização que vivenciam até hoje, os moradores participaram dessas transformações de forma ativa (RICHMOND et al, 2020).

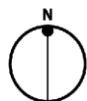
Em relação aos serviços de saúde e socioassistenciais, Sapopemba conta com 14 Unidades Básicas de Saúde, 3 serviços de Assistência Médica Ambulatorial, 1 Ambulatório de Especialidades, 1 Hospital Municipal, 1 Centro de Apoio Psicossocial (CAPS) em álcool e drogas, 1 CAPS adulto, 1 CAPS infanto juvenil, 2 Residências Terapêuticas, 1 Serviço de Atendimento Especializado em DST/AIDS, 1 Centro de Especialidade Odontológico, 1 Serviço de Atendimento Domiciliar, 1 Centro de Referência em Assistência Social, 21 Centros para Criança e Adolescência, 4 Centros para a Juventude e 3 serviços de medida socioeducativa em meio aberto. Esses equipamentos constituem fruto da luta de moradores, tanto na sua origem quanto ao pressionar o Estado para garantir a oferta devido à extrema carência de serviços públicos na periferia, contudo, o acesso aos serviços públicos de assistência social, educação e saúde na subprefeitura de Sapopemba ainda é escasso (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2016).

Figura 23 – Mapa dos equipamentos sociais de Sapopemba



EQUIPAMENTOS

- ASSISTÊNCIA SOCIAL
- CULTURA
- EDUCAÇÃO
- ESPORTE
- SAÚDE
- CEU



0 0.7 1.4 2.1 km

Base Cartográfica PMSP: Mapa Digital da Cidade, 2004. Projeção UTM/23S. DATUM Horizontal SAD 69. Elaboração: PMSP. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano.

Extraído de: PREFEITURA DE SÃO PAULO (2016)

3.4 DIFERENTES SIGNIFICADOS PARA O LUGAR

As narrativas apontam que os moradores de Sapopemba adotam diferentes significados para o lugar onde vivem e/ou trabalham. Para FREITAS e ALMEIDA (2016), o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado". O autor aponta que os lugares são derivados das experiências cotidianas e que evocam sentimentos tanto de topofilia (apego ao lugar) quanto de topofobia (medo/aversão ao lugar).

Topofilia é "o elo afetivo entre a pessoa e o lugar. Portanto, entende-se que o sentimento topofílico é a valorização dos lugares, vividos por meio das identidades, sentimentos e atitudes com o lugar. A topofilia compreende as relações de prazer com os espaços, tendo como referência o indivíduo e sua percepção. Quando tratamos das particularidades dos indivíduos, surge a questão de identidade, principalmente quando se fala desta ligada ao espaço vivido e as relações desenvolvidas. Para SANTOS et al. (2020), é importante observar a estreita relação entre as experiências desenvolvidas no espaço e o tempo. Essas experiências são essenciais para atribuímos valor a um espaço, não ocorrem de forma passageira, é necessário um longo período em contato com o ambiente físico para que então se desenvolva um sentimento de pertencimento, que acaba por alterar os seus modos de vida e suas identidades.

Notadamente Sapopemba é um território com múltiplas potências que fazem desse local um lugar de luta e enfrentamentos cotidiano.

E essa história do CEDECA que fala sobre o território me encanta muito, apesar das contradições dos enfrentamentos aqui dentro, os enfrentamentos das políticas... Você vai trabalhar um tema na periferia você está lascado. Se você não partir do diálogo com aquele lugar e eu falo eu sempre tive essa coisa com o Milton Santos vai falar que o território não é divisão territorial não é algo concreto. O território são as relações. E aí esse território é um território que ele muda de uma semana para outra. Ele muda de a questão arquitetônica até a questão das relações.

Nesse sentido, percebe-se o território construído como um espaço de relações sociais, onde há o sentimento de pertencimento dos atores locais à identidade construída, e associada ao espaço de ação coletiva e de apropriação,

onde são criados laços de solidariedade entre esses atores. Isso pode ser percebido na fala de T. F.

Eu sou muito grata ao ter Sapopemba... pra mim faz sentido acolher e dar esse retorno para esse território que tanto me acolheu que tanto me fez inspirar se inspirar em sonhar e continuar sendo essa educadora que inspire crianças e outras pessoas a sonhar sonharem também eu sou eu sou artista então eu briso muito eu vou divagando ... as pessoas podem ouvir minha fala e me ver como uma mulher muito romântica não é romântica é real mesmo e que apesar de que a gente enxerga a dificuldade e a dificuldade está aí que a isso comentou

Seu C. também fala do processo de luta e de conquista no território, considerando as diferentes relações existentes no espaço, entendendo que cada sujeito é único e possui identificações outras, que intensificam suas relações com o mundo.

Sapopemba é um bairro que apesar de periférico ... é bem ... é um bairro que tem mais trabalhos sociais é aqui, principalmente na Juta e no Madalena ...

Eu também sempre falo que o bairro é o que é hoje graças ao trabalho dessas pessoas que moraram aqui ... uma pessoa que nem o Seu Luis Marra que se entregou para ajudar a Juta ... os Combonianos, os padres e os seminaristas que trabalharam muito né... porque desde que eu vim para cá, em 92, eu os conheci já trabalhando... quando eu vim para cá já existia o Instituto Daniel Comboni, eles já estavam aqui e ai a gente começou a trabalhar graças ao trabalho deles e a luta deles também. E surgiu esses projetos que vêm aqui porque a gente conseguiu lá embaixo (refere-se a Associação que fica localizada no fundo de vale próximo ao córrego do oratório) ... esses projeto foi tudo graças à luta dos combonianos e também das pessoas que trabalharam lá na União da Juta...

A politização de lutas sociais e identidades com o território sustentam projetos políticos em permanente disputas, como afirma J.C

A Fazenda da Juta é um bairro muito importante aqui na região de Sapopemba ... é uma região de fazenda de juta que vivenciou a luta popular e até hoje a Juta é assim, seus atores e a suas organizações se articulam para que a gente tenha uma cidade e principalmente uma região da Fazenda da Juta bastante intensa.

Identificar de que lugar estamos falando contribuiu para que pudéssemos ir ao encontro dos coletivos no território. O território é onde a vida acontece e é necessário conhecê-lo a partir das suas necessidades e potencialidade.

4. O ENCONTRO COM OS COLETIVOS E COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS NO TERRITÓRIO

O encontro com os coletivos e movimentos sociais foi potente, produziu sentimentos de alegria e de esperança. Identificamos em Sapopemba coletivos, associações, institutos, grupos de apoio, centros comunitários, núcleos que promovem mobilização em larga escala. Respaldados, mas não limitados ao associativismo, ligados a movimento de mulheres, movimento negro, movimento LGBTQIA+, movimentos sociais religiosos, movimentos sociais a partir de lutas gerais como preservação do meio ambiente, em defesa da criança e adolescente, em defesa dos direitos humanos, em defesa das pessoas privadas de liberdade e movimentos sociais populares, reivindicatórios de bens e equipamentos públicos.

A busca por ações integradas e com abordagens intersetoriais tem sido a estratégia adotada por políticas públicas para o desenvolvimento de ações de promoção à saúde, por isso o encontro com os movimentos sociais no território é importante, pois permite identificar potencialidades e pensar em possibilidades de ação com o serviço de saúde.

No final do século XIX e XX, houve uma eclosão dos movimentos sociais devido às péssimas condições de trabalho dentro das fábricas, seguida do movimento de luta por moradia e infraestrutura urbana. O início dos anos 70 é marcado pelo surgimento de várias práticas associativas: associações de bairro, grupos de moradores, clube de mães, comunidades eclesiais de base (CEBs), principalmente nas periferias, que enfrentavam o retrato bárbaro da segregação socioespacial. Essas práticas começavam a se fazer presentes, principalmente nas grandes cidades, reivindicando direitos iguais e cidadania plena (ANTONIO; SÁ, 2009).

O associativismo é uma construção política e histórica reivindicativa de direitos de cidadania e respeitabilidade da diferença social de existência, organizados sob uma atividade ou entidade no espaço público, voltados para os interesses do coletivo que procuram representar, no sentido do querer e fazer coletivo (LÜCHMANN; SCHAEFER; NICOLETTI, 2017).

Esse fazer coletivo não se limita a denunciar problemas, mas tenta apontar caminhos para superá-los. Diversas foram as soluções preconizadas: o

soerguimento moral, a melhora do nível educacional e cultural, a valorização da subjetividade, relacionada à construção de identidades; a necessidade de protestar diante das injustiças e de atuar politicamente.

Historicamente, as contradições fomentam a organização de movimentos e coletivos das mais diferentes posições teóricas e ideológicas. Entretanto, todos parecem concordar em um ponto comum: os movimentos sociais só passaram a surgir na história da humanidade, quando do aparecimento das desigualdades entre os seres humanos, desigualdades materiais e de poder (TATAGIBA; ABERS; SILVA, 2018).

A formação dos espaços periféricos no Brasil foi acompanhada do surgimento de uma série de contradições sociais e políticas específicas. Houve um aumento da demanda por serviços de infraestrutura e transporte coletivo, por qualificação profissional, por serviços de saúde, equipamentos sociais e culturais, o que fomentou a organização dos movimentos sociais na periferia.

A história e o processo de produção desse espaço que é periférico, no caso, Sapopemba, está repleto de contradições. A problematização dos arranjos locais e das experiências históricas das populações através da troca de experiências, saberes, estratégias e sensibilidades alteraram a forma de compreensão das relações sociais. Contribuindo com a formação de agentes sociais transformadores que manejam as tensões, plasticidades e solidariedades das identidades étnicas, dentre outras, ampliam reflexões que problematizam a complexidade das relações sociais (BARRETO; DA SILVA, 2021).

O crescimento da ação dos movimentos sociais foi considerado, por alguns autores que estudam o tema, formas autênticas de participação popular, onde a democracia interna garante tanto a manifestação de uma vontade coletiva, quanto o confronto direto com as políticas públicas excludentes.

Para ANTONIO e SÁ (2009), o que vem a qualificar um movimento como movimento social é o elemento constitutivo: a contestação, o protesto, a insatisfação, o conflito, o antagonismo. Os movimentos se expressam a partir de práticas sociais nas quais os conflitos, as contradições e os antagonismos existentes na sociedade constituem a mola propulsora das ações desenvolvidas. O movimento social também revela a consciência possível da classe que representa

e carrega o germe da insatisfação, do protesto contra relações sociais opressoras presentes ou futuras.

Por princípio, os movimentos precisam ser contestatórios das relações sociais no contexto das relações de produção, mas nem todo movimento social tem caráter de classe, nem de luta pelo poder. Portanto, o objetivo principal da luta dos movimentos sociais, em sua maioria, é para melhoria das condições sociais: bens, equipamentos e serviços, e não pela tomada do poder. Tanto a classe dominante, quanto a classe dominada podem constituir-se em sujeitos sociais dos movimentos, pois, apesar dos movimentos se moverem a partir de uma lógica de luta contra a exploração do capital, existem outras formas de opressão e dominação que trazem à tona os movimentos identitários: indígena, LGBTQIAP+, negro, ecológicos, entre outros (MARIA; SIQUEIRA, 1997).

Os movimentos sociais, encontrados em Sapopemba, são frutos de um processo de lutas e de resistências de sujeitos que foram se percebendo enquanto agentes da história e tecendo sua parte nos mais diferentes grupos sociais. Surgiram a partir de necessidades e do desejo de construção de uma sociedade mais justa e da partilha desse desejo expresso em pequenos grupos.

Durante a pesquisa de campo fui identificando esses movimentos e o que são produzidos ou foram produzidos por eles no encontro cotidiano de suas práticas.

4.1 MOVIMENTOS LIGADOS À IGREJA CATÓLICA

Os primeiros movimentos populares de luta por moradia, em Sapopemba, receberam apoio da Igreja Católica. Esse apoio é relatado em diversas narrativas dos sujeitos sociais, como veremos a seguir.

Para ALVES (2013), o desejo de construção de uma sociedade mais justa e a partilha desse desejo em pequenos grupos de oração e de reflexão foram motivados, na maioria das vezes, por uma ala progressista da Igreja Católica, seguindo as orientações do Concílio e da Conferência de Medellín, de 1968.

No Brasil, as comunidades eclesiais de base começam a ser organizadas a partir de 1966. Os padres se empenharam na implantação das novas diretrizes

pastorais, numa perspectiva libertadora, dando passagem do assistencialismo para a busca da promoção humana. A Igreja Católica assume novos desafios e a formação de pessoas para assumirem as comunidades exigia esforços redobrados por parte dos padres, dos freis e das freiras. O investimento na formação de lideranças se tornou a tônica de parte da Igreja Católica no Brasil, desde os anos de 1960. Naquele período, a Igreja passou a questionar suas próprias práticas e a buscar um novo jeito de ser Igreja para firmar-se enquanto instituição diante do agravamento de condições de vida da maioria da população (ALVES, 2013).

Para EDER SADER (2001), a reelaboração dos movimentos sociais ocorreu principalmente dentro de três instituições, as quais se encontravam em momentos de crise e buscavam novas reelaborações teórico-práticas, sendo elas: a Igreja Católica, o movimento sindical e os grupos de esquerda. Assim, a Igreja Católica, que vinha perdendo influência em diversas camadas da população, criou as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), as quais abriram uma nova perspectiva na atuação da Igreja.

MACHADO (2009) ressalta que o apoio e a ligação da Igreja não eram homogêneos, havia tensões entre as paróquias e os padres que assumiam uma posição de apoio concreto ao movimento e aqueles que o entendiam como algo secundário ou até mesmo condenando o apoio da Igreja a essas lutas.

Aqui em Sapopemba a Igreja Católica abriu espaços para as reuniões, cursos, encontros dos militantes católicos, como também para as pessoas que precisavam de seu apoio. M. narra que as reuniões eram feitas com portas fechadas. Havia um clima de medo, de indignação e de revolta.

Ao denunciar as injustiças e as desigualdades sociais, a Igreja convocava mulheres e homens a atuar como lideranças; a inventar alternativas de ação, numa perspectiva libertadora. Ao mesmo tempo, estimulava as pessoas a se organizarem em comunidades e a atuarem na realidade. Nessa nova proposta da Igreja, eram as lideranças das comunidades as responsáveis pela motivação, animação e trabalhos dos grupos. Por isso, uma das prioridades da Igreja, nos anos 1970, era a formação de lideranças, principalmente no aspecto político, através de cursos, de palestras, de encontros, de subsídios, de trocas de experiências cotidianas (ALVES, 2013).

A utilização de categorias marxistas proporcionava uma leitura mais crítica da realidade, mas contribuía para provocar animosidade entre setores da própria Igreja que se firmava cada vez mais como espaço de resistência aberta e de troca de grupos das mais diferentes tendências (BETTO et al., 2012).

O Instituto Daniel Comboni é uma associação que atua em Sapopemba e reflete a ação da igreja no território. As Irmãs Missionárias Combonianas chegaram à região por volta de 1985. Apoiaram o movimento de moradia e criaram estruturas para acolher crianças e adolescentes.

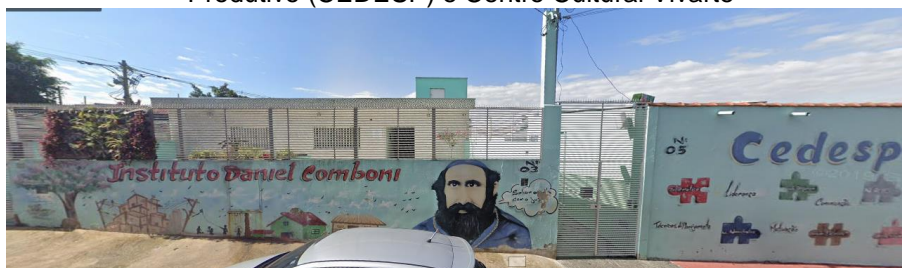
Daniel Comboni foi um padre italiano que foi para a África...

... então a vida dele era África né... e seu lema era salvar a África com a África. Quando os combonianos chegam em São Paulo, perceberam a necessidade da Juta e decidiram trabalhar para ajudar o povo da Juta. Salvar a Juta com a Juta.
Ao aumentarem as necessidades e a vulnerabilidade social da população houve a necessidade de formalizar e estruturar o trabalho para um melhor atendimento.

O Instituto Daniel Comboni é uma entidade do terceiro setor, sem fins lucrativos, que se dedica à criação e manutenção de núcleos educativos para crianças e jovens carentes, reivindicando junto ao Estado melhorias de qualidade de vida nas áreas de habitação, saúde, educação, lazer, cultura e presta atendimento psicossocial, atendendo crianças, adolescentes, adultos, idosos, famílias e pessoas portadoras de deficiência e em situação de risco social.

Atualmente são atendidas cerca de 840 crianças, jovens, adolescentes, jovens e adultos em situação de vulnerabilidade social, desenvolvendo atividades que valorizam a dignidade humana através de atividades educacionais, socioeducativas, culturais e de capacitação profissional, compartilhando conhecimentos para que as famílias sejam protagonistas de suas próprias histórias na busca da promoção da cidadania de uma sociedade mais justa.

Figura 24 – Sede do Instituto Daniel Comboni, Centro de Desenvolvimento Social e Produtivo (CEDESP) e Centro Cultural Vivarte



Extraído de: Acervo da pesquisadora

Conheci o Instituto Daniel Comboni através de Crecia e Bete. É uma organização não governamental que tem parcerias com a Prefeitura Municipal de São Paulo, OAB, SENAI e Centro de Direitos Humanos de Sapopemba. Atende principalmente as famílias da Fazenda da Juta.

Segundo Bete o Instituto Daniel Comboni tem: 1 creche, 5 CCA's, 1 CEDESP, que oferecem atividades de educação infantil, formação e capacitação de educadores, fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, oficinas culturais, formação profissional e cursinho pré-vestibular.

4.2 MOVIMENTO DE LUTA POR MORADIA E INFRAESTRUTURA URBANA

O movimento de luta por moradia é um dos mais representativos de Sapopemba.

Atualmente, a principal luta do movimento de moradia é em prol da regularização dos títulos de posse.

A parte lá da Juta velha foi o primeiro momento da ocupação, eles já estão com o título de posse da terra... agora a parte que é juta nova, que foi a ocupação posterior da década de 90 que foi as casas construídas em mutirão. Os prédios construídos pela CDHU, os moradores não têm ainda títulos de propriedade. Então essa falta de titularidade é uma falta de cidadania também. No começo deste ano os moradores do mutirão do 26 de julho receberam os lotes de cobrança do IPTU retroativa a 2015... então assim uma cobrança altíssima existe uma cobrança até retroativa, mas a afirmação do direito não existe. Então olha a contradição dessa presença do poder público... só como cobrança de imposto não como garantia de direito e as pessoas têm a segurança jurídica de estar na sua casa e de poder pensar no lugar que ela vive e a segurança para seus filhos para sua família

A Associação da União da Juta tem um grupo de trabalho que coordena essa questão. É uma organização fundada em 1992 que, além de lutar por moradia, se organizou para atender às demandas do território. De acordo com SANTOS (2010), os movimentos sociais urbanos de luta por moradia buscam a reforma urbana e o direito à cidade, pois se entende que o habitar não se restringe apenas ao espaço físico da casa, mas envolve também o acesso a serviços e infraestrutura da vida urbana.

O poema de Valdênia, ex-moradora do território, retrata essas experiências de luta coletiva por moradia, escola, serviço de saúde, área de lazer. Fala das diferentes formas de ocupação, da preservação da mata da Juta e da força e resistência de um povo.

Juta resistência e luta

Da força de duas gerações
 Nasceu a revolução.
 Do direito à moradia
 Emergiu a ousadia
 Que fez do mutirão
 O aprendizado da união.
 União que ele foi alicerce
 Da luta coletiva
 Contra narrativa do capital privado
 Construindo um legado
 Onde a casa fosse também um lar.
 Lar, praça, UBS, Escola
 Quadra, transporte,
 Postos policiais e unidades comerciais
 Lutando com fé
 o povo nas igrejas, templos e terreiros um
 pouco de mé.
 Três jutas: prédio de empresa privada de
 moradia favelas e mutirão

De todas elas, o mutirão referenciou a
 união.
 Para além da casa: unidade, amizade e
 revolução.
 Mas, Revolução sem a preservação da
 natureza
 É ilusão que produz tristeza
 Novamente a unidade da luta
 Pelo Parque fazenda da Juta,
 Resistência à especulação
 Do mercado imobiliário privado e da
 burocracia do sistema público
 Pois o parque é o direito à natureza
 Garantido na Constituição ao povo em
 contínua evolução.
 Viva a resistência e a luta do povo da Juta!

(Valdênia Lanfranchi)

A Associação União da Juta foi criada com o objetivo de organizar os militantes para a construção de 160 unidades habitacionais na Fazenda da Juta, sob o regime de mutirão e autogestão em parceria com a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU).

A Associação União da Juta tem uma história de 30 anos mais ou menos Na época foi o primeiro mutirão de autogestão do Estado de São Paulo. Até então havia vários com a prefeitura na gestão de Luiza Erundina.... O nosso fio direto era com o Estado... CDHU. O Estado cedeu o terreno né... e liberava uma verba mensal que a gente usava para comprar material... tinha uma assessoria técnica. As decisões eram coletivas, organizada através de assembleias. Nas assembleias estavam presentes os futuros moradores e equipe técnica do CDHU e as lideranças dos movimentos.

RODRIGUES (2013) comenta que, no modelo de autogestão, o movimento tem autonomia nas decisões sobre o projeto. Assim, a comunicação entre as famílias e a assessoria técnica é extremamente importante e precisa acontecer de maneira não hierárquica, respeitando a experiência, o conhecimento e as necessidades da assessoria técnica e das famílias.

Seu C. conta que, durante o mutirão para construção dos prédios do CDHU, cada um dava sua opinião e as decisões precisavam ser tomadas de forma coletiva.

Havia um engenheiro da CDHU que acompanhava a obra e no final do mês era feita avaliação para se planejar o mês seguinte, e assim o Estado liberava a verba.

A construção dos prédios teve início em 1992 e só foi concluído 6 anos depois. São 20 blocos e oito apartamentos em cada bloco. Durante a construção dos prédios, os futuros moradores perceberam a necessidade de equipamentos públicos que pudessem atender às necessidades básicas das famílias (educação, saúde, lazer); e essa se tornou a pauta da associação nos últimos anos.

E aí a gente começou a ver outras necessidades para se ter condições mínimas de viver... faltava creche, escola, posto de saúde, segurança enfim, equipamentos públicos que garantissem o mínimo de qualidade de vida (Seu C.).

O primeiro serviço foi a creche, ainda na época da construção das moradias, porque a maioria das pessoas envolvidas no processo de mutirão eram mulheres que não tinham onde deixar seus filhos e os levavam para a obra. Houve, então, a necessidade de existir um local para essas crianças.

Havia um grande contingente de crianças, adolescentes e jovens sem qualquer espaço de atenção para a educação e formação humana. A necessidade de atenção a esses meninos e meninas levou as lideranças comunitárias a organizar a Associação de Moradores da Fazenda da Juta

Como ela vai trabalhar com a criança do lado?... Ai a gente percebeu a necessidade de uma creche. Foi o primeiro convênio nosso com a prefeitura... na época a demanda de creche era da assistência social... ai fizemos convênio com 60 crianças. Ai começou... a gente terminou a construção e com a creche a gente percebeu mais necessidade. Porque as crianças quando faziam 4 anos tinha que ir para o EMEI e lá é meio período. Creche é o dia inteiro. EMEI é meio período. Ai a gente começou a pensar ... naquela época ainda era mais tranquilo conseguir projetos com a prefeitura, demos início a elaboração de projeto, mas a gente começou como trabalho voluntário.

Diante dessas necessidades a Associação União da Juta reorientou o seu foco, para promover a autonomia, o exercício de cidadania e a melhoria da qualidade de vida de crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos e seus familiares, por meio do atendimento educacional, socioassistencial, cultural e profissionalizante.

No ano 2000, teve início o atendimento de adolescentes e jovens com idade entre 15 e 18 anos, na área de Panificação e Confeitaria. O projeto ampliou para atender também a população adulta até 60

anos. Atualmente, o Centro de Desenvolvimento Social e Produtivo – CEDESP atende a 120 adolescentes e adultos com idade entre 15 e 59 anos e 11 meses.

Em parceria com o Coletivo Coca-Cola, atendemos a 120 jovens a cada dois meses, preparando e encaminhando para o primeiro emprego.

Em 2001, ampliou o atendimento de crianças e adolescentes com idade entre 06 e 14 anos de idade, em parceria com a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social, atualmente atende 450 crianças e adolescentes, divididos em 3 núcleos: CCA Sonho Jovem, CCA Semeando Esperança e CCA Margarida e Marielle.

Em 2011 a gente tinha um convênio que atendia os idosos... aqueles idosos mais jovens e menos dependentes. Tínhamos atividades de danças, pinturas, costuras... essas coisas para o idoso não entrar na depressão... ficamos três anos bancando esse serviço de idosos sem convênio e tentando conseguir ... conseguimos.

Em 2016 a associação iniciou o atendimento de idosos com maior grau de fragilidade e vulnerabilidade social, através do serviço Centro Dia para Idosos, que atualmente atende a 30 idosos em período integral.

Aí conseguimos ter um centro dia para idosos mas é o Centro de Dia para Idosos ele já é um idoso já com dependência é um idoso sem mobilidade é um idoso que não consegue se alimentar sozinho não consegue ir no banheiro sozinho ..

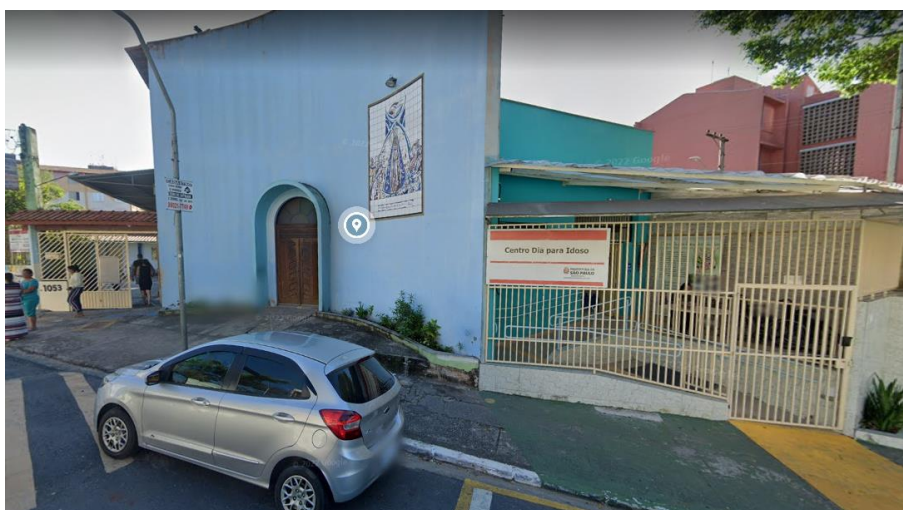
e aí você tem um pai ou um avô nessas condições você precisa estar para cuidar dele e você precisa trabalhar. Esse serviço vem para socorrer essas pessoas. Quem tem condições, vai lá, leva o idoso e busca. Quem não tem, tem a van que pega de manhã e leva a tarde. E aí você tem o dia livre para você trabalhar. Funciona de segunda a sexta feira. São 30 idosos né... para você ter uma ideia do serviço ... para 30 idosos são 22 funcionários, para cada três idosos, um cuidador. Tem uma enfermeira, um psicólogo, um terapeuta ocupacional e um assistente social, além de um gerente, um auxiliar administrativo, pessoal de limpeza e cozinha. Ao todo são 22 funcionários para atender 30 idosos e então a gente conseguiu esse para 30 idosos em 2016.

Além desses serviços, a associação conta com o CCINTER (Centro de Convivência Intergeracional), que atende 120 crianças, adolescentes, adultos e idosos a partir de 6 anos, o grupo de alcoólicos anônimos, grupo de moradia, que

atende a 500 famílias através de parcerias com o Movimento de Moradia Leste 1 e o grupo de alfabetização de jovens e adultos, que atende 50 adultos.

A associação vem trabalhando nessa linha e por último agora nós conseguimos um CCinter, Centro Intergeracional. E aí neste mesmo espaço numa casa só, temos crianças de 6 a mais... não tem idade limite para atender. São idosos que tem suas condições físicas e mentais perfeitas. O CCinter oferece aulas de música, dança, pintura, atividade física e terapêuticas. O CEDESP é também de 15 a 59 de 15 a 60 anos e também atende à família inteira integra 15 até você ter um filho de 15 anos se pode por lá você também pode fazer o curso, entendeu? E assim a associação atende à família no geral ...o idoso mais velho é seu Acacio de 98 anos, um senhorzinho moreno, gente muito fina ele... já está debilitado quase não enxerga mais Então a gente atende de 1 a 98 anos sempre da família... é assim, somando tudo, representa quase mil pessoas.

Figura 25 – Creche e Centro Dia para Idosos da Associação União da Juta



Extraído de: Acervo da pesquisadora

Grupos e Coletivos da região também utilizam o espaço. Dessa forma, a organização busca, sobretudo, garantir a sociabilidade e a integração de crianças, adolescentes e jovens e suas respectivas famílias, em uma relação participativa entre educadores, educandos, famílias, diretoria e comunidade.

Em 2015, em parceria com a Secretaria de Cultura, teve início o Ponto de Cultura, que atende a 80 jovens com o curso de Formação de Agentes Culturais. Muitos sujeitos protagonistas no território atualmente são frutos desse curso de formação, podemos citar o Coletivo Periferia Preta e o Coletivo Emaná.

Outro coletivo que surgiu da luta por infraestrutura urbana é o Grêmio Recreativo Mutirão e Amizade (A Sede), que é uma associação localizada no Conjunto Habitacional Teotônio Vilela, fundada pelo então morador João Gonçalves da Silveira e outros moradores com o objetivo de garantir a infraestrutura urbana no bairro recém-construído.

A ideia de Sede surgiu antes da Sede existir. Antes de ter a Sede a gente dava aula de alfabetização para jovens e adultos em uma sala emprestada... ensinar para libertar... esse era nosso lema. Aí resolvemos fazer a associação. Por quê? Porque não tinha nada aqui. Não tinha asfalto, para pegar um ônibus tínhamos que andar uns 2 km... era muito triste. Tudo aqui era terra ... tudo aqui, você ia andar era terra, não tinha orelhão, você não podia ligar pra ninguém. Não tinha ônibus... não chegava nada aqui... Todo mundo queria melhores condições e então os moradores se organizaram e ocuparam um canto da rua... primeiramente fizeram uma horta, para garantir o uso do espaço e depois foram construindo e mobilizando a comunidade.

Seu João, um dos fundadores da Sede, mudou-se para a região no começo da década de 80 e estudou na escola operária CETEAC, no bairro do Belém. Através de seu aprendizado na escola operária, teve a ideia de utilizar um terreno não construído no final da Rua Giovanni Perotti e criar uma horta comunitária e um espaço de integração para os moradores que estavam construindo suas casas, o nome de mutirão vem de encontro com essa atividade de moradia desenvolvida nesse período histórico.

Os conjuntos habitacionais Teotônio Vilela e Promorar foram entregues no início da década de 80 sem infraestrutura, como asfalto, escolas, unidade de saúde, muros, creches. ROLNIK (1990) ressalta que a cada bairro novo precário que se

formava na periferia de São Paulo, micromovimentos reivindicatórios se organizavam para conseguir água, luz ou extensão de linha de ônibus para o local.

Desde então o Grêmio Recreativo Mutirão e Amizade serviu de aglutinação de moradores que desenvolviam diversas atividades no espaço, um exemplo são as festas juninas, muito conhecidas pela população do bairro, campeonatos de trucos, bingos populares, reuniões de moradores do bairro, sede de diversos times de futebol da várzea, entre outras atividades.

Segundo M., atual presidente da organização, após as conquistas que foram acontecendo na década de 1990 e 2000, a Sede passou a incentivar e promover atividades culturais, esportivas e educativas dentro da região de Teotônio Vilela e Promorar, sendo considerado um espaço de resistência. Confirmando a afirmação de TATAGIBA e TEIXEIRA (2016), que afirmam que as pautas que inspiraram as lutas sociais dos anos 80 tinham na categoria política a base de sua força, e hoje essa categoria já não é explicativa e motivadora para a ação social. As motivações para o agir, ou para o deixar de agir, parece que se encontram cada vez mais na categoria de ordem cultural. E para o autor é nessa categoria que encontraremos a emergência de novos movimentos sociais.

A Sede tornou-se ponto de referência na comunidade sendo uma entidade sem fins lucrativos, sobrevive hoje como local de atividades culturais e oficinas artísticas.

4.3 MOVIMENTO DE MULHERES

Identifiquei maior presença de mulheres nos coletivos estudados. Seu C., em sua narrativa, traz à tona essa questão e afirma que:

... quem participa dessas lutas sempre é a mulher ... o homem trabalha na empresa, trabalha na firma, chega sábado vai bater uma bola, vai para o boteco e não quer saber disso. É a mulher que permanece na luta.. e vai para o trabalho e vai para o mutirão... e leva os filhos pequenos...

Diversos autores apontam que as mulheres são maioria nos movimentos populares e de moradia, pois o acesso à moradia digna representa muito mais que

apenas um abrigo. A casa, para grande maioria das mulheres, é um bem de primeira necessidade e assume múltiplos papéis diante de todos os aspectos da estrutura de opressão que as mulheres vivenciam cotidianamente (TOZZI, 2019).

A subjetividade feminina quanto à experiência de luta é uma dimensão reveladora do processo de construção social de novas identidades coletivas através de conflitos urbanos. Os movimentos sociais da década de 70 e 80 tornaram visíveis e perceptíveis as diferentes identidades coletivas de segmentos das classes populares. As mulheres faziam parte da produção social dessa nova identidade coletiva partindo de suas bases territoriais diárias transformadas em bases para a ação coletiva (CASTELLS, 1999, p.223-224)

Figura 26 - Mutirantes no Centro Comunitário da Juta durante as obras do Mutirão



Extraído de: USINA CTAH

As mulheres transcenderam seu cotidiano doméstico e apontaram como importantes sujeitos sociais: mulheres até então anuladas e silenciadas emergem como mulheres inteiras, múltiplas, críticas e guerreiras.

Para SALES e TORRES (2014), as mulheres das classes mais populares começaram se organizando a partir de suas necessidades mais imediatas, ligadas ao seu papel de mãe, principalmente, envolvidas em movimentos que demandavam creches, escolas, centros de saúde, água, transporte, moradia, legalização de terrenos e outras questões ligadas diretamente à infraestrutura urbana.

Seu Cícero narra como as necessidades imediatas iam aparecendo:

Como ela vai trabalhar com a criança do lado ... Aí a gente percebeu a necessidade de uma creche. Foi o primeiro convênio nosso com a prefeitura... na época a demanda de creche era da assistência social... aí fizemos convênio com 60 crianças.

Seu Cícero ia contando a história, trazendo detalhes de como a luta por moradia formou mulheres que continuaram a luta por condições de vida digna.

A aquisição da moradia é significativa, pois possibilita a autonomia e empoderamento, muitas mulheres estão em posições de liderança no movimento, compondo a coordenação ou em cargos administrativos, participando ativamente das atividades dos movimentos.

No Teotônio Vilela encontramos um coletivo de mulheres. É uma construção das mulheres que estão inseridas em outros coletivos da Sede e atuam como articuladoras culturais e sociais no bairro, na luta por igualdade de direitos.

A Sede, sempre foi um espaço muito masculino muito. Então por mais que as mulheres estivessem presentes a grande parte dos participantes eram homens ... a gente sempre... Sempre estive em número reduzido dentro do espaço. E a gente achava importante levar a mulher para o espaço e fazer dele também um espaço de debate de mulheres... de diálogo sobre temas voltados para a violência contra a mulher, direito das mulheres a gente resolveu também abrir um espaço já que a gente estava falando sobre o espaço e espaço de convivência cultural e levar mulheres da região que trabalham com arte que cantam tocam

O coletivo é formado por mulheres, em sua maioria jovens. É um coletivo que se consolida em 2019, após a organização de dois encontros de mulheres, um em 2015 e o outro em 2019.

Nos encontros foram realizadas oficinas, rodas de conversa contando com o apoio de psicólogo e assistente social para falar de temas como violência doméstica. Foi feito um mural com a história de vida de mulheres protagonistas do território. Há um desejo de organizarem cursos profissionalizantes de acordo com a demanda, mas a pandemia paralisou essa perspectiva.

O convite para participar dos encontros é feito em parceria com as agentes comunitárias de saúde, por entenderem que elas conhecem as particularidades da área e a história de cada família.

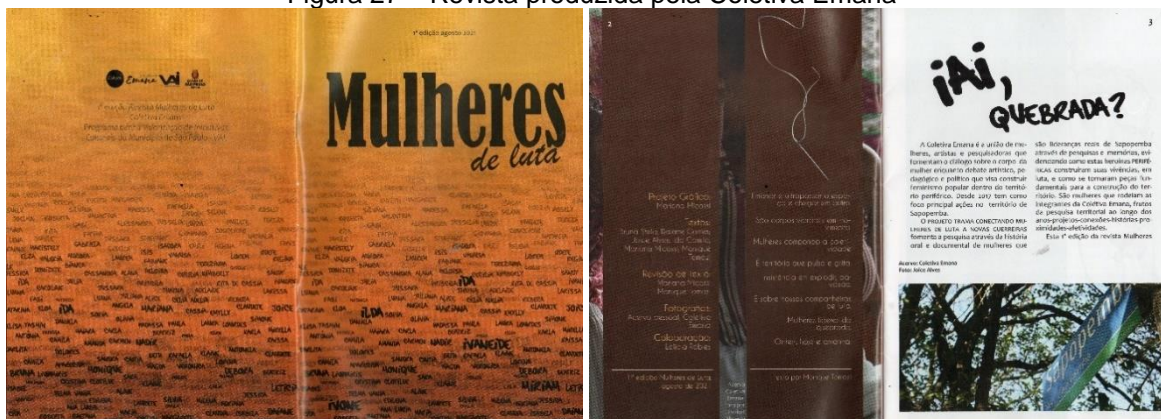
.... então o último encontro foi incrível e agora a gente vê na nossa página tantas mulheres... eu não conhecia muitas delas. Mas conheci agora ouvindo as histórias delas e quero ter esse convívio esse contato físico. Eu acho é bem bacana....

... fizemos um sarau para as pessoas poderem cantar, para estar lá, para mostrar a arte mesmo da região.

Na Fazenda da Juta, conhecemos a Coletiva Emana, que é a união de mulheres, artistas e pesquisadoras que fomentam o diálogo sobre o corpo da mulher enquanto debate artístico, pedagógico e político que visa construir um feminismo popular dentro do território periférico.

A 1ª edição da revista *Mulheres de Luta*, criada pela Coletiva Emana no Projeto Trama: conectando mulheres de luta a novas guerreiras traz a história de mulheres que são lideranças do território de Sapopemba, suas lutas e movimentos. Heroínas-periféricas reais que se tornaram peças fundamentais para a construção do território.

Figura 27 – Revista produzida pela Coletiva Emana



Extraído de: revista *Mulheres da Luta*

Além da produção da revista, a Coletiva Emana, em suas redes sociais, faz sugestões de filmes e livros de mulheres que promovem o debate sobre o tema feminismo popular. Além das indicações, produz vídeos contando histórias de mulheres de luta que são protagonistas no território de Sapopemba.

A coletiva também participa de atos antirracistas, anti-homofóbicos e anticlassistas.

SILVA (2016) afirma em sua tese que feminismo popular trata da experiência vivida, com a luta cotidiana das mulheres que resistem a um sistema de dominação. Por não ser um campo teórico dos estudos feministas, o Feminismo Popular é percebido mais na prática do que a partir de um conceito, corroborando com as práticas artísticas e culturais de empoderamento feminino observadas em suas atividades no território.

4.4 MOVIMENTO NEGRO E LGBTQIAP+

A questão racial também é pauta dos coletivos em Sapopemba, já que o racismo estrutural está representado na ação violenta da polícia no território. Diante da situação concreta do preconceito e da marginalização, o negro da periferia sempre teve que se organizar para sobreviver, e a cultura negra serviu como elemento aglutinador desse processo. É o que observamos nas ações do coletivo Periferia Preta.

PACHECO (2022) destaca que os territórios periféricos remontam os territórios coloniais: lugar onde a soberania se exerce pela política para além dos limites, onde se define quem vive e quem morre, onde se pratica o estado de exceção e a guerra sem fim (em nome da paz), naturalizada.

Para D'ANDREA (2013), raça, território, poder, estado de exceção são categorias fundantes do racismo atual. Existe uma ação reativa da população negra e periférica que, ao mesmo tempo em que reivindica sua especificidade enquanto sujeitos periféricos, também evoca o direito por igualdade social.

O Periferia Preta é um coletivo formado por artistas e arte-educadores da Fazenda da Juta que atua no território desde 2013. Desenvolve ações de inserção artística na Zona Leste, através da música, teatro, saraus, rodas de samba, entre outras. T. conta que em meados de 2014 foram contemplados com o edital do Ministério da Cultura em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura da cidade de São Paulo. O projeto durante os dois anos seguintes dedicou-se à formação de jovens agentes culturais. Neste mesmo ano foi criado, em parceria com o recém-nascido Ponto de Cultura, o evento Grito Cultura, foram 8 horas de uma programação artística marginal que defendia a descentralização e desmistificação de uma cultura central, com fronteiras.

Para PACHECO (2022), as conquistas das políticas públicas culturais da periferia de São Paulo, nos últimos 20 anos, nascem do conhecimento obtido na luta cotidiana e na atuação em rede, onde que vão se criando condições para estruturação de uma espécie de economia solidária, do confronto com o poder público para reivindicar o direito à cultura, ao meio ambiente e à cidade e se produza arte, educação, cidadania e políticas em seus territórios.

Em 2015, percebemos a urgência de intervir em mão oposta ao processo corrente de invisibilização da pessoa preta. Rediscutimos os rumos do nosso movimento e nos reunimos enquanto Coletivo Periferia Preta. Com reuniões pontuais, uma organização apurada, com apresentações custeadas através de doações dos moradores e mais uma vez em parceria com o Ponto de Cultura lançamos, em 2015, a primeira edição do Festival PERIFERIA PRETA. A ação reuniu múltiplas manifestações artísticas, políticas e (per)formativas das regiões de São Mateus, Guaianazes, Santo André, Cidade Tiradentes, Poá, Parelheiros e Grajaú criando uma rede de articulação com as quebradas vizinhas colocando a Fazenda da Juta, bairro histórico de luta, no circuito cultural periférico (T.).

Em 2020, o Coletivo Periferia Preta, contemplado pela Lei de Fomento à Cultura da Periferia de São Paulo, deu início a um projeto: criar um lugar seguro para corpos pretos, LGBTQIAP+ e periféricos vivenciarem as mais diversas manifestações artístico-culturais. E o Periferia Preta se tornou um Espaço de Artes Pretas e LGBTQIAP+, que, além de promover encontros para produção e troca de saberes entre artistas, produtores culturais e a comunidade do distrito de Sapopemba, acolhe e valoriza as iniciativas locais e amplia o acesso à cultura e lazer de moradores da região.

O coletivo como um todo mobiliza muitas pessoas ... a gente até comenta que a gente faz samba para Mariele e Luanas... a gente vai no bar fazer um samba. Aí as pessoas do bar se mobilizam para fazer uma grande barraca para pegar um pedaço de pau gigante fizeram numa tenda de circo. Então muitas pessoas se mobilizando ... tem que acontece. Essas pessoas estão na periferia também. Atualmente somos 6 produtoras culturais, sendo um homem cis, uma bixa preta⁹, três mulheres negras cis... e uma pessoa branca que é trans não binária....

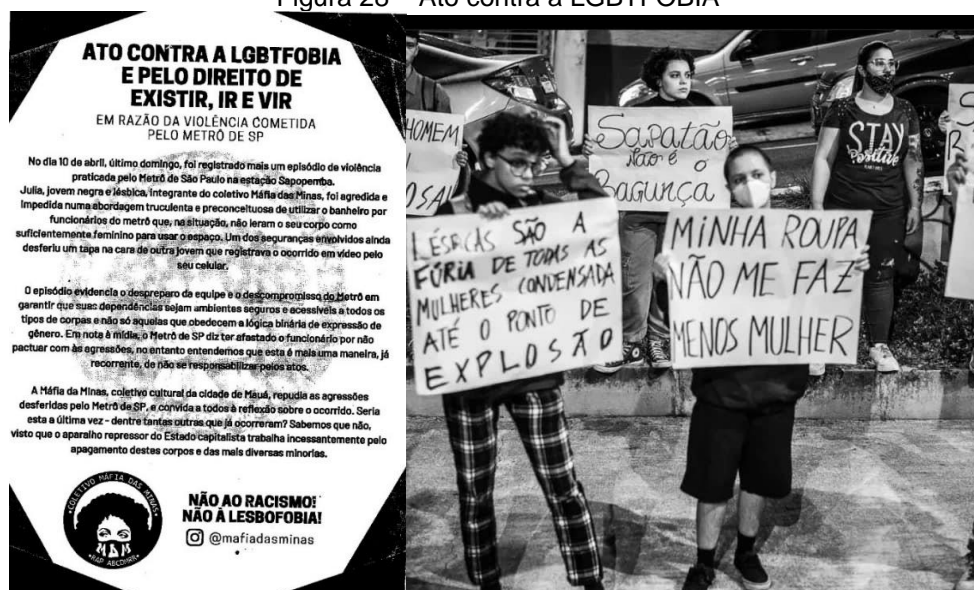
Para NUNES, (2020), quando o corpo periférico é atravessado por fatores atrelados à identidade de gênero, à orientação sexual e à raça, as dificuldades se acirram. Ser LGBTQIAP+ de periferia é um desafio e por isso a importância das iniciativas que buscam disputar narrativas. O discurso sobre políticas de diversidade e inclusão é fundamental, mas, provavelmente, quem se beneficia desse discurso não seriam pessoas travestis e transgêneros, negras e oriundas da

⁹ ."Gay é o homem branco da Avenida Paulista ... a gente subverte a ideia de que bixa é ofensa" (T.)

periferia. O movimento de periferia e como lutas insurgentes pelos direitos da população LGBTQIA+ são exemplos de como é possível falar de orgulho de forma coerente. Sobretudo, acolher, incluir e normalizar corpos marginalizados é burlar, a duras penas, a política de morte que se mantém nas periferias do país.

A ideia inicial era a gente fazer um festival Festival de Arte Cultura preta periférica e a gente já fez cinco edições desse festival para ocupar as ruas da fazenda da Juta. a gente ampliou o horizonte para toda a Sapopemba e que os moradores também fossem os artistas que ocupassem esse palco ou também as pessoas que fizessem esse festival acontecer... fizemos uma feira de empreendedores do festival para que a comunidade território se ocupasse mesmo da atividade do fazer. Há dois anos atrás em 2020 na verdade a gente foi fomentado por um fomento que chama fomento às periferias e a gente conseguiu graças a esse edital, essa verba que é uma verba da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo Abriu nosso espaço, nosso quilombo.... E aí a gente ampliou para além das atividades das ruas ter um espaço seguro para começar a fazer novos debates principalmente para corpos pretos e corpos LGBTQIA+. A gente está se mobilizando para continuar pra resistir e continuar a nossa existência...

Figura 28 – Ato contra a LGBTFOBIA



Extraído de: Acervo da pesquisadora

Outro coletivo com ações voltadas à Diversidade Sexual e de Gênero que conheci em Sapopemba é o Zoom, um Coletivo de Arte Periférica. O Zoom é um dos parceiros do coletivo Periferia Preta e desenvolve iniciativas de arte periféricas e ações sociais e de saúde instalado no espaço cultural em Sapopemba. O coletivo aborda educação sexual, prevenção de HIV, autocuidado e saúde mental, como

comunicação de jovem para jovem. Na educação sexual fala-se de diversidade, LGBTfobia e racismo, e a arte é uma alternativa para atingir a juventude e adentrar espaços para falar de saúde com perspectivas de raça, gênero, sexualidade e classe.

4.5 MOVIMENTO EM DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS, DAS CRIANÇAS E DOS ADOLESCENTES

Sapopemba é uma das referências em organizações que lutam pela defesa dos direitos humanos, em especial das crianças e adolescentes.

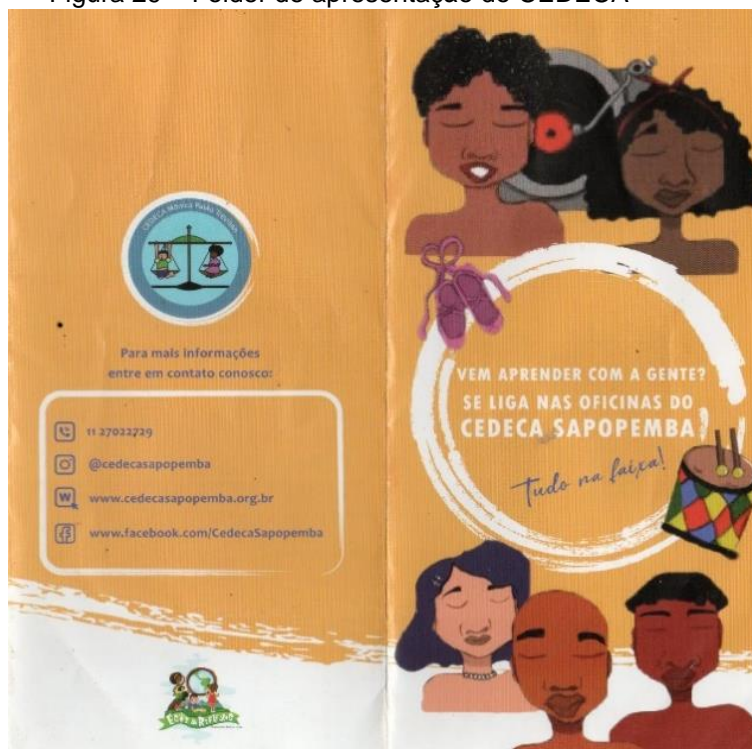
O CEDECA (Centro de Defesa das Crianças e dos Adolescentes) Sapopemba Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente “Mônica Paião Trevisan” funciona desde 1989, tendo sido fundado legalmente em 1991. Teve por origem um grupo de pessoas das Comunidades Eclesiais de Base. Em 1987 foi criada uma casa para abrigar meninas vulneráveis a drogas e prostituição.

O CEDECA Sapopemba participou ativamente no processo de construção do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90).

Para J. G., o CEDECA tem um olhar muito específico na implementação das medidas socioeducativas na cidade de São Paulo. Na municipalização, o CEDECA foi projeto piloto: referência em medidas socioeducativas na cidade. A maioria dos educadores e educadoras que ainda atuam no CEDECA são desde a época do projeto piloto.

Eu acho que essa experiência de ter participado da construção do ECA, dessa municipalização está arraigada em todos que chegam aqui, mesmo... tem uma participação muito nova no CEDECA, que já conheciam o território. As educadoras e os educadores que são contratados também procuram a atuação no CEDECA por causa dessa história, não só por uma questão trabalhista, então isso é muito interessante de ver na atuação do território.

Figura 29 – Folder de apresentação do CEDECA



Extraído de: CEDECA

O CEDECA promove encontros voltados à comunidade, visando reflexão sobre temas sociais, políticos e de importância para o território, oficinas temáticas, grupos de família e de adolescentes, ciclos de formação e “Escola de Cidadania” em parceria com instituições de Sapopemba. Atua também no atendimento, acolhimento, acompanhamento processual, orientação sociojurídica e denúncia de situações de violações de direitos da criança e do adolescente e seus familiares. Além de desenvolver ações sociais de mobilização da comunidade e incidência junto as políticas públicas, visando à garantia e efetivação de direitos da criança e do adolescente, bem como propostas de monitoramento e controle da atividade pública. Participam das redes atuantes na área da infância e juventude, propondo e refletindo sobre o trabalho socioeducativo, luta contra o genocídio negro, defesa de direitos e incidência no Sistema de Justiça e demais espaços públicos.

Na verdade, no CEDECA recebemos famílias que são encaminhadas para acompanhamento de medidas socioeducativa, para proteção de pessoas vítimas de violência. Esses casos são encaminhados para o CREAS e chega para o serviço de proteção do CEDECA. Temos o núcleo de cultura que tem diversas oficinas culturais e o projeto Ecos e Reflexos.

O Projeto Ecos e Reflexos é um observatório a nível regional para acompanhar as violações dos direitos das crianças e adolescentes em dois territórios da cidade de São Paulo: Sapopemba e São Mateus. Para isso, 15 jovens dessas comunidades integram o projeto como pesquisadores e vão a campo coletar os dados. O projeto é realizado no bojo do Núcleo de Cultura do CEDECA Sapopemba, desenvolvido em parceria com a plataforma *Terre des Hommes* e desenvolvido em mais dois países da América Latina, na Colômbia pela Coalico, e Nicarágua pela Codene, ambas instituições que lutam pelos direitos das crianças e adolescentes em seus respectivos países.

Sapopemba é atravessado pela violência, por ser violentado pelo Estado E o Ecos e Reflexo da América Latina é um observatório dessa violência, mas é um observatório muito diferente dos observatórios existentes em SP: ele não está ligado à universidade, e quem escreve sobre as afetações é quem sofre essas afetações, são jovens e adolescentes do território de São Mateus Sapopemba. Ele é um projeto co-financiado, uma parceria com o BMZ que é o Banco de Desenvolvimento da Alemanha.

Uma das características que marcam esse processo de trabalho é a radicalidade da participação dos jovens. Todas as decisões são tomadas pelos jovens, como, por exemplo, a decisão de como usar as verbas de alimentação, transporte, qual instrumento de coletas de dados utilizar, como apresentar esses dados, etc.

Ecos e Reflexos representa

Além do Ecos e Reflexos o CEDECA tem outros projetos, como a Biblioteca Ademir dos Santos, biblioteca comunitária ligada ao Litera Sampa, que é uma rede de bibliotecas comunitárias; o Arte Erê, que trabalha com os fazeres culturais no território; e o espaço DORA, que é um SPVV (Serviço de Proteção Social às crianças e Adolescentes Vítimas de Violência). Além disso, conta com dois serviços de medidas, um no Sinhá e outro aqui no Madalena. E tem parcerias com outros coletivos do território, como o Centro Comunitário Joilson de Jesus.

O CEDECA também faz as oficinas com o CDHS que é um parceiro irmão, que está no mesmo prédio aqui que a gente... faz atendimentos no Observatório e acompanha uma das partes do projeto e os casos emblemáticos.

E a gente acompanha junto os casos emblemáticos com a equipe do CDHS e dizem que é uma equipe reduzida também. A gente tem um espaço cultural e brincante que fica no meio da favela, na Rua Nova.

Atualmente, o CEDECA prioriza seus esforços no enfrentamento do genocídio da juventude negra com foco na região de Sapopemba, por entender que a violência alcança todos os adolescentes e jovens que vivem em situação de pobreza, mas impacta também toda a comunidade na medida que subtrai das mulheres que são mães, irmãs e companheiras dos adolescentes e jovens assassinados, o poder de iniciativa e de protagonismo que são elementos fundamentais em qualquer processo de transformação social.

R. F comenta que, na década de 1990, havia um genocídio em curso. Nunca na história de São Paulo o índice de homicídios foi tão alto, e estes ocorriam principalmente na periferia. O principal alvo do genocídio eram corpos negros masculinos.

M. comenta que em um país onde a pessoa que vive em situação de pobreza, negra e parda é, no mínimo, suspeita até que prove o contrário, é preciso fazer-se acompanhar por um advogado em qualquer órgão do Sistema de Segurança Pública sob pena de serem elas o alvo da investigação. GONÇALVES (2010) ressalta que os espaços periféricos e favelados são vistos, nessa proposição, como externos à polis, ou seja, ao território reconhecido como o lugar, por excelência, de exercício da cidadania. Nessa lógica, o reconhecimento da cidadania é relativizado de acordo com a cor da pele, o nível de escolaridade, a faixa salarial e o espaço de moradia.

Em 2001, os educadores do CEDECA Sapopemba apontaram inúmeras demandas que chegavam e extrapolavam a sua capacidade de atenção, surgindo a necessidade de se criar o Centro de Direitos Humanos de Sapopemba “Pablo Gonzales Olalla” – CDHS. O CDHS atende demandas para a Defensoria Pública e para a área de saúde, entre outras. Por isso é importante a articulação política para a implementação de fluxos que permitam a orientação e encaminhamentos corretos das demandas que não são de sua competência.

Segundo SILVA (2022):

... os reclamos dos despejos coletivos, as ausências de insumos e profissionais na área de saúde e a recorrente busca das famílias na luta por Justiça contra as execuções sumárias de seus filhos cometidas por grupos de extermínios e agentes policiais acabaram levando a coordenação do CEDECA Sapopemba a convocar lideranças da região para pensar alternativas. Após um ano e meio de um processo de reflexões, discussões e consensos sobre o problema apresentado, religiosos das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, lideranças de movimentos sociais e comunitárias e profissionais do direito decidiram pela criação do CDHS que surge com a missão promover a defesa dos direitos humanos como alicerce da cidadania e de uma sociedade sem desigualdade socioeconômica.

Pensar os fundamentos que constituiriam o alicerce do CDHS era necessário, pois o grupo sabia que fazer defesa dos direitos humanos, principalmente num território onde o normal é a violação desses direitos e o Estado é o principal violador, implicaria cuidados especiais e fontes de sustentabilidades seguras que assegurassem sua total independência política e institucional (SILVA, 2022, p. 49).

Para D., o tema do encarceramento em massa entrou como prioridade em 2018 no planejamento do CDHS. Muitas famílias no bairro têm familiares presos, e a maioria daquelas que procuram o CDHS também lidam com questões do encarceramento: prisões arbitrárias, encarceramento sem condenação, andamento de processos, falta de informação, todo tipo de violações de direitos da pessoa no cárcere e dos familiares durante a visita. No campo da formação popular para os direitos humanos, foi organizada a Escola de Cidadania, que funciona com educadores voluntários, entre eles, juízes, promotores, defensores públicos e professores universitários. O público prioritário é formado por lideranças comunitárias, trabalhadores da área social e jovens das comunidades, formando novos agentes multiplicadores.

O CDHS é parceiro da AMPARAR, associação que desenvolve diversas atividades visando apoiar familiares e amigos de egressos do sistema prisional em relação a seus direitos sociais, proporcionando um espaço de apoio psicológico e problematizando a questão do sistema penal na sociedade.

A AMPARAR é fruto de um movimento de mulheres, de mães de adolescentes privados de liberdade.

A gente começou em 98 quando nossos filhos foram para FEBEM imigrantes e aí onde eu conheci a Mirian. Conheci outras mães também. Foi um momento muito difícil porque assim a gente se deparou com um campo de concentração para jovens lá na Imigrantes e ali a gente começou o movimento de mães, não

aceitando todas as violações de direito com os nossos filhos. E ali começou o movimento de mães na porta da Febem.

A gente ia no fórum denunciar, na mídia também, as megas rebeliões estava acontecendo. Era uma tortura mesmo para aqueles meninos e para a gente poder visitar porque quando a gente abraçava nossos filhos a gente sentia que ele sentia dor. ... tinha vez que a gente chegava de 70 a 80 mães no Fórum da Vara da Infância e aí depois quando eles passaram a maioridade, aí a gente se deparou também com o sistema prisional porque assim eles iam pra Febem e logo que saiam da Febem, eles ingressavam no sistema prisional. E aí foi quando a gente se deparou com a revista vexatória e foi outra luta. Aí começamos a fazer o mesmo processo que a gente fazia na FEBEM indo na porta da cadeia a cada 15 dias tanto das cadeias como de onde sai os ônibus.

Segundo F., a associação fornece orientação assistencial e jurídica, realiza campanhas pelo fim da revista vexatória, pelo fim da medicalização de adolescentes privados da liberdade, contra a política de encarceramento em massa. Faz campanhas, com conteúdo político, pautado na criminologia crítica, e informativo em linguagem popular. Realiza seminários públicos, com temáticas do cotidiano das famílias.

A AMPARAR é também um observatório popular sobre violência, tortura e extermínio, visando acompanhar e denunciar os casos de abuso de violência, tortura e extermínio das unidades de internação para adolescentes e cárceres.

A gente trabalha em rede não trabalhamos só amparar e Defensoria. A gente tem toda uma rede, que a gente faz denúncia. Então a cada 15 dias a gente está na porta das cadeias para estar colhendo os depoimentos das famílias.

A AMPARAR se articula por meio do Movimento, Coletivo Anastácia Livre, Rede de Cursinhos Populares Uneafro e Rede 2 de outubro.

Em Sapopemba a gente tem a parceria com o CEDECA e com o CDHS para fazer atendimento no espaço de lá dentro. Já ajuda bastante também nos projetos e tem eu, a Railda e o Fábio ... tem o Milton tem a Regina e a Vivi. Temos voluntárias e tem a parte que não é voluntária. A coordenação tem um grupo de advogados voluntários com assistentes sociais e psicólogos e psiquiatras.

Para F. a questão do encarceramento em massa é uma pauta dos movimentos sociais em Sapopemba, pois as instituições prisionais refletem a política de Estado que segue violando os direitos humanos pela prática de violências psíquicas/físicas e torturas. A superlotação, a falta de assistência médica, a alimentação inadequada, a carência de atendimento psicossocial, jurídico e de atividades culturais, educacionais e educativas são problemas apontados durante a entrevista. Toda esta violência se reflete também contra a família, submetida ao preconceito da sociedade, sendo humilhada nos dias de visita e no cotidiano. Fortalecer um espaço que acolha estas pessoas e contribua com a comunidade para desnaturalizar a violência do Estado contra as pessoas pobres é um papel central da Associação, pois assim se conquista gradualmente o exercício da participação cidadã da comunidade através do esclarecimento crítico dos contextos vivenciados.

N. representa essa mulher, que foi acolhida pela AMPARAR, realiza atendimento psicológico e recebe apoio jurídico. Participa de reuniões, organiza o espaço e acolhe outras mulheres, por ser vizinha à sede da associação.

A família chega aqui e a gente não fala atendimento, a gente fala acolhimento. Então a gente acolhe as famílias né. E que quando ela chega já estão tão excluídas de tudo a gente escuta ali deixa ela falar ...

Para M., o principal objetivo da associação é a defesa dos direitos humanos de adolescentes e adultos encarcerados e egressos do sistema penal e de seus familiares: *A gente não para de atender a famílias, ir a audiência pública e perturbar parlamentar, perturbar a Defensoria Pública.*

Para MALVASI, DANTAS e MANZALLI (2022), "Toda prisão é uma prisão política e todo preso é um preso político" porque o cárcere em si é uma política de criminalização de corpos. Em *Vigiar e Punir*, Michel Foucault, em 1975, estudou o nascimento da prisão como parte das transformações sociais que levaram ao surgimento da sociedade disciplinar, no século XIX. Segundo ele, na prisão, acentuam-se os mecanismos encontrados na sociedade. E, apesar do seu aparente fracasso (não diminui a criminalidade e favorece a organização de cumplicidades que levam à reincidência), ela permaneceu como instância principal de punição porque paradoxalmente reforça a delinquência para manter sua

influência na sociedade, podendo segregar e expulsar quem não se enquadrar: “A rede carcerária, em suas formas concentradas ou disseminadas [...], foi o grande apoio, na sociedade moderna, do poder normalizador”.

Então a gente joga a parcela obviamente preta e pobre nesses espaços pra conseguir gerir esses corpos e esses espaços seriam o cárcere. Então é entender isso como uma política mesmo. Uma política de higienização, uma política de extermínio e por isso que a gente fala que toda prisão é uma prisão política e todo preso é um preso político, porque faz parte dessa engrenagem do estado de gerir esses corpos.

E isso eu acho que é a maior luta entre organizações associações e movimentos que têm a pauta antiprisional é justamente ressignificar esse lugar.

Mas também pode ser uma grande armadilha, pois tentar ressignificar esse lugar de humano não é humanizar esse lugar é resgatar a humanidade dos indivíduos... não é criar uma situação ou uma proposta de que se aquele lugar fosse melhor numa condição tal, isso seria efetivo para recuperação dessas pessoas quando na verdade a gente entende que o que falta na verdade para pensar o processo prisional é algo que antecede a prisão . E essa é a maior dificuldade da sociedade entender esse lugar porque quando você pensa numa pessoa que está sendo violada em todos os seus direitos violentados e torturada dentro um lugar como uma unidade prisional a gente não consegue às vezes mensurar o que foi antes na vida dessa pessoa. Qual foram todas as outras violações

Uma das características mais desumanas da política de encarceramento no Brasil é a superlotação e as condições de insalubridade das unidades que são responsáveis por acarretar os riscos de adoecer e morrer.

Perdi 2 filhos para o sistema prisional, fiquei só com esse meu filho. Ele pegou essa última cadeia dele numa quinta passagem pelo sistema prisional. Ele pegou oito anos e quatro meses. Ele era denunciador sofreu muita tortura lá dentro. E quando sai tem a liberdade. Você pensa que você vai ter paz. Você vai respirar. Aí vem as sequelas da violência sofrida na prisão... quatro meses deu o primeiro AVC nele. E aí depois de quatro meses veio o segundo mais forte... ele ficou com sequelas.

M. relata outros casos de pessoas que sobreviveram ao encarceramento, mas que vieram a óbito devido às condições insalubres dos presídios brasileiros.

O confinamento nas prisões gera comunidades violentas, nas quais regras não oficiais são impostas pela força, por uma hierarquia interna. A superlotação, a

falta de condições básicas de alimentação e higiene e de respeito pelos direitos dos prisioneiros, além do isolamento da família e amigos, são fatores agravantes da violência, que ocorrem nos presídios. Depressão, ansiedade e psicoses, são muito mais comuns na população prisional do que na população. Para a família, a prisão de um membro da família acarreta, além do estigma, problemas emocionais, psicológicos e comportamentais nas crianças e em outros membros da família (FIGUEIRÓ; FIGUEIRÓ; MINCHONI, 2013)

F. narra ser um sobrevivente do sistema penitenciário e que este exclui, esvazia e elimina os “irrecuperáveis” e diz acreditar que a principal finalidade do sistema é defender a burguesia e a propriedade e exterminar a população pobre preta periférica.

Dados do Sistema de informação penitenciário nacional confirmam que a população prisional é composta, predominantemente, por homens, na faixa etária de 15-44 anos, pertencentes a minorias étnicas, imigrantes ilegais, usuários de drogas, pessoa com transtorno mental e indigentes. Segundo os últimos dados divulgados pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), mais de 800 mil pessoas estão presas nas penitenciárias brasileiras (BRASIL, 2021)

Um outro coletivo que trabalha em parceria com o CDHS é o Centro Comunitário Joilson de Jesus. Coletivo que atua na promoção, prevenção e defesa dos direitos humanos de crianças, adolescentes e seus familiares. O Centro Comunitário foi inaugurado em 2019, e está localizado na comunidade do Parque Santa Madalena, atende cerca de 140 famílias, aproximadamente 200 crianças e adolescentes em espaço cedido pela Igreja Católica.

De acordo com Jaqueline, coordenadora do Centro comunitário, “No começo da década de 90, na época do surgimento do Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDECA), Joilson de Jesus foi acompanhado pelo Projeto Casa das Meninas, que acolhia pessoas em situação de rua, na Praça da Sé e outras regiões do centro de São Paulo. Ele tinha o hábito de realizar pequenos furtos para manter o vício das substâncias tóxicas e acabou furtando um rapaz que, juntamente com outras pessoas, o espancaram até a morte. Quando inauguramos o espaço, optamos por manter a homenagem a ele, que era do território”.

Atualmente, no centro comunitário são realizadas atividades culturais, pedagógicas, formativas, participativas e lúdicas, além de oficinas para a geração

de renda em parceria com outros coletivos da região, como o Mandala de Sabores, de culinária, e o Saboaria Artesanal, que ensina mulheres a fabricarem sabonetes.

No início, o foco do trabalho eram apenas as crianças e os adolescentes, mas depois foi preciso revê-lo. “Com o tempo, percebemos que precisávamos entrar em contato com as famílias das crianças e dos adolescentes, pois os temas que abordávamos com eles eram extremamente importantes: a questão de gênero, raça, convivência comunitária, mediação de conflitos e violência. Porém, não chegavam nas casas deles. Em muitas ocasiões, o ciclo da violência não era rompido. Quando chegou a pandemia, houve uma aproximação das famílias nos procurando pedindo auxílio, em razão da necessidade de conseguir alimentos. Para garantir a segurança alimentar delas, utilizamos este espaço como estratégia para aproximar e reunir as mulheres. Então, começamos com as oficinas de culinária e a de sabonetes. A família é a base”(J.G.)

O espaço é uma forma de as mulheres trabalharem a autoestima e a saúde mental. “Temos relatos de mulheres que chegaram com histórico de depressão e, após frequentar o Mandala de Sabores, deixaram os remédios e estão felizes e integradas com as demais colegas do espaço.

No início das atividades, a divulgação dos coletivos acontecia de maneira informal. As pessoas interessadas em atuar como voluntárias do centro comunitário se dirigiam ao local pessoalmente. Atualmente, a procura ocorre por meio das redes sociais, pela divulgação da atuação do coletivo ou por meio de pessoas do território interessadas em atuar em prol da causa.

J.G. conta que a comunicação entre os coletivos acontece em formato virtual. Os grupos de Whatsapp constituem a forma mais fácil e rápida de se comunicarem, onde realizam o planejamento e preparam as atividades. “É um grupo de pessoas, muito próximo e que tem uma atuação no território de Sapopemba. No grupo, posto as necessidades que preciso: ônibus para determinada atividade, divulgação de rifa, as parcerias que estão acontecendo, as pessoas também acabam divulgando o seu trabalho, as ações que estão sendo feitas, editais que conseguiram, teatros itinerantes.

A dinâmica do whatsapp é bem interessante, pois possibilita acompanhar as atividades do coletivo, os eventos são planejados e organizados nos grupos, a partir das demandas das assembleias com as crianças, famílias e voluntários.

Todos somos nascidos e criados aqui e participamos de outros coletivos da região. Este senso de coletivo, de cooperação, de trabalho em equipe, algo que vem muito da nossa essência e enquanto participação nos movimentos coletivos do território”.

As atividades e escolhas são decididas em assembleias. “Realizamos com as famílias e com as crianças. São discutidas demandas muito parecidas, porém, trabalhadas de formas diferentes. As crianças realizam gincanas – quem vai ajudar, quais as brincadeiras, quem será responsável pelos lanches, quem irá preparar – elas votam e aclamam, se for aprovado”.

Figura 30 – Assembleia das crianças, das famílias e reuniões com os parceiros



Extraído de: www.facebook.com/photo/?fbid=509738163842393&set=pb.100064427125080.-2207520000.

A assembleia é uma prática frequente, realizada com periodicidade com as famílias, crianças, adolescentes e voluntários. É um importante espaço de participação e formação cidadã. A partir das demandas das crianças e das famílias, são pensadas as ações a serem desenvolvidas durante o mês.

O Joilson é um centro comunitário 100 por cento independente. não tem não tem financiamento não tem parceria assim tem parcerias inclusive com as oficinas do CEDECA e o CDHS... mas não tem nenhuma parceria com a prefeitura não tem convênio, então é nós por nós mesmos. A gente faz bingo, a gente faz rifas, tem doadores mensais, que doam mensalmente pra gente pagar luz, telefone, internet. Ele é um espaço aberto e as famílias fazem inscrição, as famílias procuram a oficina de balé. Quero fazer oficina de percussão então é aberto para a comunidade. As pessoas fazem a inscrição e podem participar.

De acordo com SORJ, CARDOSO e FRONT (2008), "as mobilizações e assembleias dos bairros indicam um avanço nos níveis de consciência e de organização da população na construção de uma real prática democrática".

O prédio da Rua Rodrigues dos Santos (onde funciona o Centro Comunitário Joilson de Jesus) já serviu de posto de saúde do SUS e hospedou um grupo de dependentes químicos em recuperação da Missão Belém. O prédio ficou ocioso e o CDHS apoiou a reforma, tendo o Renato, psicólogo do CDHS, ficado à frente do projeto de reestruturação, com a colaboração das várias pessoas da comunidade que se oferecem como voluntárias, ajudando nos trabalhos e promovendo bazares de roupas usadas para arrecadar fundos.

A reforma do Joilson foi feita a partir de doações de pessoas parceira e com recurso da paróquia. Em 2019 foi a reinauguração. Então, nosso centro comunitário já vai para 3 anos reinaugurado.... Então junto com uma parceria com o CEDECA porque assim as oficinas que acontecem aqui da parte de percussão, balé, dança de rua é tudo uma parceria com CEDECA são oficineiros do CEDECA.

Durante os últimos três anos o Centro Comunitário Joilson de Jesus estreitou laços com muitos coletivos, movimentos, entidades, mandatos, voluntários e voluntárias que fortalecem o trabalho cotidiano na defesa e promoção de Direitos de região.

4.6 MOVIMENTOS ECOLÓGICOS

Sapopemba tem a 3,65 metros quadrados de área verde por habitante, enquanto o mínimo preconizado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) é de

12 m² de área verde por habitante, e o ideal é de 36 m², cerca de três árvores, por morador. Por isso essa é uma pauta importante.

A figura a seguir é uma foto aérea, onde se pode perceber esse descompasso.

Figura 31 – Vista aérea de Sapopemba



Extraído de: <https://www.google.com.br/maps/@-23.6049273,-6.5045117,3710m/data=!3m1!1e3>

Identifiquei no território um debate sobre o uso das áreas verdes, mananciais e mata nativa remanescente. Pude conhecer três projetos: 2 hortas comunitárias em construção e a luta para implementação do Parque da Juta.

Na Sede há um movimento para aproveitamento das áreas de encosta remanescente que ficam na divisa entre o Teotônio Vilela e o Promorar. Esse movimento se ampara nos princípios da agrofloresta e agroecologia. KABASHIMA et al. (2019) estudaram sistemas agroflorestais em área urbana e apontaram que até recentemente acreditava-se que a produção de alimentos que abastecia as populações urbanas só era realizada na zona rural. Mas a agricultura urbana, mesmo sendo uma prática antiga, só agora tem despertado o interesse de pesquisadores, governos locais, ONGs e movimentos sociais.

Figura 32 – Área de intervenção do projeto de educação ambiental da Sede



Extraído de: Acervo pessoal de Magno Evangelista Pereira

O aproveitamento de pequenos espaços dentro das cidades para o cultivo de alimentos, plantas medicinais e criações de pequenos animais em associação com árvores nativas vem contribuindo para a segurança alimentar das populações de baixa renda que vivem nas grandes áreas urbanas.

Além de fonte de alimento, renda e melhoria nas condições ambientais, a utilização desses espaços vazios na área urbana pode funcionar como um importante instrumento de recreação e educação ambiental. Reaproxima as pessoas com o ambiente natural através do estímulo da curiosidade e da imaginação, aliado ao conhecimento e a reflexão sobre a relação homem-natureza. A recreação proporciona a oportunidade de realização de atividades ao ar livre, em contato com a natureza, podendo ser desenvolvidas atividades como o plantio e a manutenção, o que desenvolve também o espírito de equipe, resgatando saberes ancestrais. Para GUIMARÃES e DAS MERCÊS VASCONCELLOS (2006), a

educação ambiental serve de apoio e alternativa para as atividades da rede formal de ensino envolvendo questões como ciclos hidrológicos, diversidade biológica e poluição.

Nesse sentido, nas áreas urbanas, os sistemas agroflorestais podem contribuir de diversas formas para uma melhor qualidade de vida, diminuindo alguns dos problemas ambientais comuns nos centros urbanos, mas também representam uma forma de produção de alimentos e outros bens que podem contribuir para a segurança alimentar e renda das famílias, especialmente aquelas em situação econômica mais vulnerável.

Outro espaço que pode acompanhar desde o começo é a horta comunitária do Centro Comunitário Joilson de Jesus. A ideia da horta surgiu quando o coletivo pontes da terra passou a entregar alimentos orgânicos na favela do Madalena, durante a pandemia.

A proposta era fazer a horta na laje, mas a estrutura do prédio não permitiu, e conseguimos autorização para fazer na escola.... até veio uma engenheira para avaliar a laje no centro comunitário pra ver se a gente conseguia fazer uma horta na laje pra pensar nessa possibilidade de ofertar para as famílias esse tipo de alimento e fazer com que elas também sabendo que elas também podem produzir o alimento delas... sei lá ... as famílias têm aceitado muito bem essa questão do orgânico.

Figura 33 – Área da horta comunitária Joilson de Jesus



Extraído de: <https://www.google.com.br/maps/@-23.6128873,-46.5088609,116m/data=!3m1!1e3>

Esta horta é um projeto do Centro Comunitário em parceria com a Escola Municipal Brasílio Machado Neto, Unidade Básica de Saúde do Parque Santa Madalena e o Coletivo Pontes da Terra.

O encontro no território no Madalena também acontece no trabalho com a terra. Estamos começando a cultivar alguns alimentos. A escola cedeu o espaço. Temos alguns voluntários do coletivo pontes da terra que já tem experiências com espaços de produção comunitária, temos voluntario da Unidade Básica de Saúde, principalmente os agentes de saúde e alguns moradores que se encontram as quintas para preparo e cultivo.

Figura 34 – Horta Comunitária do Centro Comunitário Joilson de Jesus



Extraído de: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=624404159042459&set=pb.100064427125080.-2207520000>.

A experiência de hortas urbanas tem sido apontada como um marco para as comunidades, pois é um importante ponto de encontro e de convívio das famílias. Além de promover hábitos alimentares saudáveis, vem apresentando diferentes transformações sociais em espaços coletivos.

É um espaço promotor de saúde, pois fortalece as práticas alimentares saudáveis, prioriza a produção agroecológica dos alimentos com vistas à

sustentabilidade social, econômica e ambiental. O trabalho comunitário facilita e intensifica as relações interpessoais entre vizinhos e impulsiona o protagonismo popular. O envolvimento com a horta pode ser considerado atividade terapêutica, sendo a saúde mental beneficiada com as atividades, visto que o contato direto com o cultivo e colheita dos alimentos proporciona sentimento de valorização e cuidado, refletindo nas práticas alimentares diárias.

Para SANTOS e MACHADO (2019), a horta comunitária demonstrou-se eficaz na promoção e garantia dos princípios da Segurança Alimentar e Nutricional. No entanto, são necessárias políticas públicas em escala nacional que integrem o debate sobre a Agricultura Urbana e Peri Urbana como estratégia intersetorial indispensável para o abastecimento das cidades, de modo a promover efetivamente a Segurança Alimentar e Nutricional.

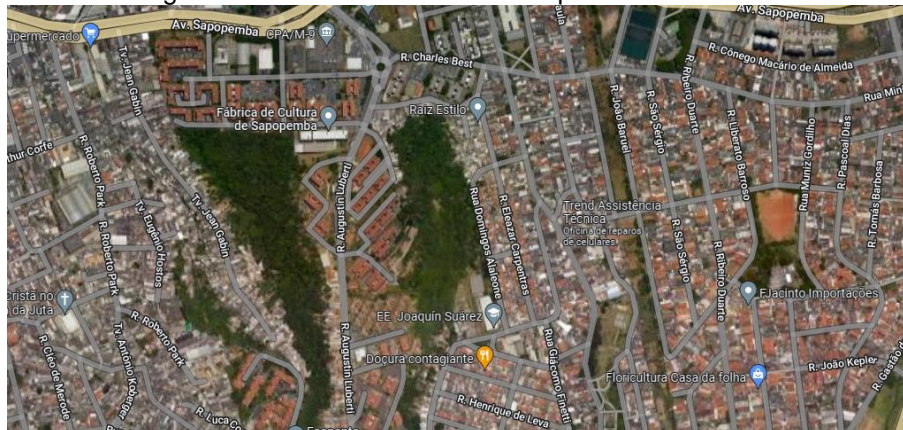
Na Fazenda da Juta, uma das pautas de luta no momento é a de defesa pela preservação e implantação do Parque. Apesar do nome “Sapopemba”, de origem tupi, significar árvore cujas raízes crescem ao redor do tronco, o que se observa é um espaço com característica eminentemente urbana, com um dos menores índices de áreas verdes.

O Parque da Juta é uma área de mata atlântica e ocupada por uma nova favela. A gente vem de um movimento de moradia né. Então por exemplo a Fazenda da Juta foi uma área que foi ocupada ... era uma ocupação do solo em terras que não tinha produtos, não tinha nenhuma razão social naquele período até então, era só para o gado que servia e olhe lá ... sem pagamento de imposto pelo seu proprietário, virou uma ocupação popular ... e uma das coisas que o movimento de moradia preservou é essa área verde, que é o Parque da Juta... porém a Prefeitura não está fazendo aquilo que deveria ser feito e a a gente agora ta vivendo um processo que as pessoas estão desempregadas, que as pessoas estão ocupando terra.

O Parque da Juta é uma das raras áreas verdes de Sapopemba, com espécies remanescentes da Mata Atlântica. São 150 mil m² de vegetação que foram doados pela CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano) para a Prefeitura implantar parque público. Em 2017, após mobilização dos moradores e de várias entidades da região, foi sancionado projeto aprovado na Câmara Municipal, tornando oficialmente o local parque, conforme a Lei nº 16.683, de 17/07/2017. Contudo, o parque não saiu do papel. A área vem sofrendo constantes

desmatamentos e descartes de entulhos. A mata é ameaçada por ocupações irregulares e sofre devastação com a derrubada das árvores.

Figura 35 – Área destinada ao Parque da Juta



Extraído de: <https://www.google.com.br/maps/@-23.61623,-46.490275,1103m/data=!3m1!1e3>

D. F esclarece que a preservação do Parque da Juta beneficia toda a cidade “o oxigênio que é produzido aqui vai para a cidade inteira” e aponta a importância de falar da preservação da Amazônia, mas também de ter clareza do que está aqui perto sendo destruído.

PEREIRA e CURTI (2012) falam da importância desse despertar da consciência ambiental em prol da manutenção e do equilíbrio e observa que as iniciativas tem que buscar incluir todos os segmentos da sociedade nas tomadas de decisões, como forma de se obter resultados justos e sustentáveis. O autor ressalta que quaisquer iniciativas que visem à qualidade ambiental, através de ações e atitudes conscientes e coerentes, somente serão consolidadas quando o bem-estar social se sobrepõe aos interesses políticos.

Para D. F, a ausência do executivo municipal com a Fazenda da Juta “é o retrato do descaso público, da negligência e da falta de respeito do executivo municipal com o território”.

Não é desmoralizante saber que a maior cidade da América Latina tem uma área tão privilegiada e o poder executivo faz corpo mole e trata com desrespeito?

Ninguém está pedindo nenhum tipo de força de intervenção, o que a gente está pedindo a ação efetiva, para evitar o avanço da ocupação do parque... queremos infraestrutura não precisa de repressão precisa de ação política efetiva e uma determinação do gestor. Eles estão negligenciando ... vai ver

quando entra no orçamento. Quando isso for feito, não terá mais mata para ser preservada.

D. F convida os moradores da Juta a pressionar o poder público. Para ela, “a gente não pode esperar pela boa vontade deles”... “Isso aqui é um bem da cidade... o que a gente quer para a cidade de São Paulo é uma bandeira que não é da Igreja, deve ser de todos os parlamentares e todos os cidadãos que devem cobrar das autoridades, que estejam interessados no bem-estar da cidade.

O Legislativo já criou o projeto de Lei. Agora é a parte do Executivo... é responsabilidade do poder público ... e é nossa de cobrar, de não negligenciar os novos desafios que o território apresenta

Para D. F esse é um dos confrontos mais desafiadores porque reverbera a ausência de política habitacional.

Há tantos apartamentos de prédios vazios na cidade ... e as pessoas estão na rua sem poder pagar aluguel ... então a política habitacional é uma política invisível e cadê os projetos cadê as construções de apartamentos e casas pro povo morar. Não se ouve falar disso, não se vê ... então vai tendo um somatório de problemas. Lamentavelmente

4.7 MODELO DE ORGANIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Os encontros são produzidos por coletivos e associações em Sapopemba e são partes constitutivas dos movimentos sociais, embora não se confundam com eles, incorporam diferentes sujeitos e relações.

A associação é uma entidade jurídica com estatuto, missão e mandato bem definido, na qual cada membro se liga formalmente por meio de direitos e deveres. Já os coletivos são formados por pessoas que organizam alguma atividade de forma colaborativa e informal, ou seja, sem registro em cartório e criação de entidade jurídica.

Para RODRIGUES (2013), tanto a associação, quanto o coletivo, podem se organizar da maneira que quiserem, geralmente o coletivo adota uma organização mais horizontal não hierárquica. Na associação é necessário definir as regras de funcionamento via estatuto e eleger uma diretoria, onde presidente e tesoureiro responderão juridicamente e serão autorizados a realizar movimentação bancária

pela associação. Embora seja possível dar contornos mais horizontais e não hierárquicos para a associação, o simples fato de haver uma diretoria eleita já traz um elemento de hierarquia. A associação também é mais engessada pelo fato de estatuto e diretoria estarem registrados no cartório. Qualquer mudança custa caro e leva tempo.

Poderíamos dizer que as associações são "estruturas mobilizadoras", que desenvolvem ações coletivas.

Para CRISTINA e ALVES (2017), o associativismo é importante para a organização de uma comunidade, quando acompanhado de princípios de liberdade, democracia e solidariedade, fundamentado nos ideais de igualdade entre seus membros e de comprometimento quanto aos interesses do coletivo. Por meio do associativismo uma comunidade consegue ter maior expressão social e buscar melhorias, contribuindo para o desenvolvimento local.

MEINEM e PORT (2014) descrevem 7 princípios, que devem conduzir o associativismo: adesão voluntária e livre; gestão democrática pelos sócios; participação econômica dos sócios; autonomia e independência; educação, formação e informação; cooperação entre associações/cooperativas e interesse pela comunidade. O autor considera que o associativismo é um elemento importante, pois desloca as atribuições dos problemas do plano individual para o coletivo, condição essencial para o desencadeamento de um movimento social. Assim, em associação, as pessoas desenvolvem sentidos e percepções da vida social que transcendem a dimensão individual. Nessa vertente, as principais funções democráticas dos movimentos sociais estão na sua capacidade de alterar a realidade social, seja no plano cultural, seja no institucional, no sentido de expor e lutar contra as relações de poder e de dominação que caracterizam as diferentes esferas e espaços da vida social.

Durante a pesquisa de campo encontrei formas de organizações distintas. A Associação União da Juta e o Instituto Comboni estão organizados em diretorias, como orienta o Código Civil Brasileiro:

A associação é uma pessoa jurídica de direito privado tendo por objetivo a realização de atividades culturais, sociais, religiosas, recreativas etc., sem fins lucrativos, ou seja, não visam lucros e dotadas de personalidade distinta de seus componentes.

A Assembleia Geral é o órgão máximo deliberativo em uma associação, geralmente composta por todos os associados que estejam em dia com suas obrigações sociais, sendo identificados os que possuem direito a voz e/ou a voto, conforme as regras e exigências dispostas no estatuto.

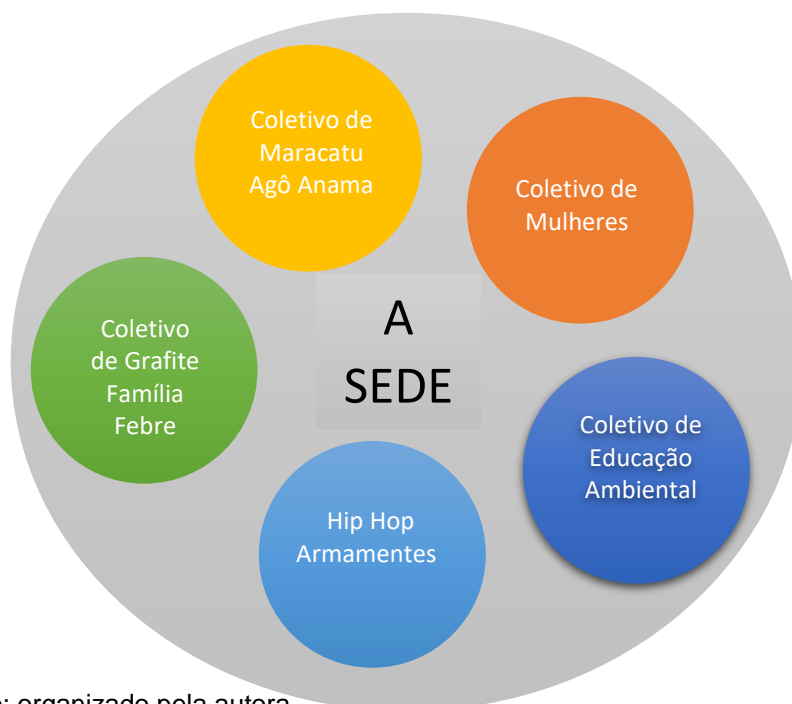
A Sede é uma associação que desenvolve atividades de educação, arte e cultura, organizada por coletivos independentes que tem em comum a Sede como referência.

A Sede é uma associação de amigos. E aí a gente começou a perceber que tinha coletivos que chegavam com a gente ... A Família Febre é um coletivo de grafite que nasceu aqui. O hip hop Armamentos, nasceu aqui. Aí entrou o coletivo de Educação Ambiental e o Coletivo das Mulheres, que é recente e está em construção.... tem a escolinha de futebol e o Coletivo de Maracatu Agô Anama. A Sede acabou ficando no centro, tipo um embrião sei lá.

Para M., a ideia da Sede deve ser isto: um embrião para criar coletivos e para cuidar deles. O projeto agora é fazer algo que possa gerar renda e garantir a sustentabilidade da associação, como a coleta de lixo eletrônico.

O Estatuto da Sede é antigo e está organizado no modelo tradicional (presidente, secretário e tesoureira e seus vices, além do conselho fiscal e da Assembleia. Mas, segundo Marcelo, é preciso alterá-lo, porque, na prática, funciona como uma sociocracia, em razão de os coletivos serem soberanos e sem critérios hierárquicos, com agentes facilitadores estruturados em círculos.

Figura 36 – Organização da Sede nos moldes da Sociocracia



Fonte: organizado pela autora

Na Sociocracia a população pode até eleger líderes ou representantes formais, porém ela participará também de todas as tomadas de decisões. Assim, as decisões seriam colocadas para a consulta popular, como também acontece no Joilson.

4.8 RELAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS COM O ESTADO

A relação dos movimentos sociais com o Estado é contraditória. Por um lado, é o antagonista visível, alvo das reivindicações, do outro é um aliado.

Nos coletivos estudados, a Associação União da Juta e o Instituto Comboni tem parceria direta com o Estado. Os demais se relacionam apenas através dos editais de fomento à cultura.

Para J.G, é preciso ser coerente com o que defendemos. Precisamos ser críticos e não nos colocarmos à mercê de algumas exigências, as quais não acreditamos que são interessantes, principalmente quando estabelecemos parceria com o Estado opressor, que não defende as minorias.

Tradicionalmente os movimentos sociais são formas de luta que desafiam o Estado, discutem formas de participação, afirmam novas identidades sociais, com caráter de resistência às formas de opressão.

Para algumas lideranças o convênio com o poder público foi necessário para manutenção dos equipamentos e os serviços funcionando, como creche, centro de convivência de criança e adolescente, centro da juventude, que atendem jovens de idade entre 14 e 17, projetos de alfabetização de jovens e adultos e núcleos de convivência dos idosos.

Inúmeras atividades de interesse coletivo, como aquelas realizadas na Associação União da Juta e do Instituto Comboni, normalmente atribuídas ao Estado, são desempenhadas em associação com organizações sem fins lucrativos (associações e instituto). O tema costuma levantar polêmica. Alguns acusam o Poder Público de “cooptar” a sociedade civil organizada, outros criticam o que seria uma disfarçada “terceirização” das responsabilidades do Estado e alguns, inclusive, vislumbram a abertura de uma porta para a má aplicação ou desvio de recursos públicos.

O que continua atualmente é a transferência de algumas responsabilidades do Estado em relação à implementação de políticas públicas, para a sociedade civil, feita de uma forma perversa, quando os projetos acabam apontando em direções opostas, e isso requer uma sociedade civil ativa e positiva.

Para FONTES (2020), os processos de mobilização que aconteceram na década de 70 e 80 provocaram um alargamento da noção de política e politizaram o cotidiano na década de 90 e 2000. Esse processo se estreitou e o político se reduziu a posicionamento eleitoral, para a maioria das pessoas e a participação mais efetiva acabou restrita àqueles que já estavam dentro do processo, o que chamamos de profissionalização da militância, que gera uma dependência em relação ao Estado.

A institucionalização dos movimentos sociais limitou a continuidade mais da atuação política, uma vez que tornou dependente do Estado que não lhe conferiu participação em espaços decisórios centrais. Esses militantes trazem consigo uma visão de cidadania centrada na efetivação de direitos sociais e na ampliação da democracia política com mais canais de participação. Infelizmente a atuação política desses militantes deixou de ser de guerreiros para se tornarem

burocráticos, mesmo aqueles que de certa forma procuram se organizar e publicizar as demandas. É mais comum que atuação frente às demandas aconteçam por meio de convênios e programas e projetos em parceria com poder público (FONTES, 2020).

Por isso, entidades como o CDHS e o Joilson reafirmam ser independentes para poder se posicionarem contrários ao Estado quando isso se faz necessário. Para R. F, *a situação política do CDHS também nos fortalece muito. é o que nos dá esperança e fé mesmo, né. É uma relação espiritual de fé... é isso né... Precisamos estar aqui.*

Já os editais de fomentos dão sustentação a diversos projetos dos coletivos. Durante a pesquisa foi citado Programa de Fomento à Cultura da Periferia, o Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais VAI e a Lei Aldir Blanc, como editais em andamento e que dão sustentabilidade a algumas ações.

O Programa de Fomento à Cultura da Periferia, instituído pela Lei 16.496/16, tem o objetivo de apoiar financeiramente coletivos artísticos culturais que atuam há 3 anos ou mais nas periferias de São Paulo. As propostas de Plano de Trabalho podem durar até 24 meses e as inscrições são feitas através de Editais anuais, com previsão de lançamento sempre em junho de cada ano.

O Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais - VAI - instituído pela Lei nº13.540, em 2003, tem por finalidade apoiar financeiramente, por meio de subsídio, atividades artístico-culturais de regiões do Município desprovidas de recursos e equipamentos culturais, com objetivo de: estimular a criação, o acesso, a formação e a participação do pequeno produtor e criador no desenvolvimento cultural da cidade; promover a inclusão cultural; estimular dinâmicas culturais locais e a criação artística. O programa é dividido em duas categorias: VAI I, destinada a grupos e coletivos compostos de pessoas físicas, jovens entre 18 e 29 anos, de baixa renda; e VAI 2, que é destinada a grupos e coletivos compostos por jovens ou adultos de baixa renda, que tenham, no mínimo, dois anos de atuação em localidades com alto índice de vulnerabilidade, desprovidas de recursos e equipamentos culturais (SUPLICY, 2003).

O resgate da cultura popular e a valorização do sujeito periférico é um objetivo comum em grande parte dos projetos contemplados em Sapopemba.

Inicialmente, a gente era um grupo brincante. E aí foi que surgiu o Agô Anama que é um grupo de Maracatu então o grupo de Maracatu Ago Anama ele veio após o projeto. Quando a gente iniciou com o projeto não existia um grupo de Maracatu. Era um grupo de pessoas que queriam levar a cultura popular para a periferia para crianças e jovens que vivem em vulnerabilidade social. A gente considerou que era muito importante fazer esse trabalho lá: cultura popular para a população preta periférica. E aí foi acontecendo as coisas né.

Nos espaços organizados nos moldes da sociocracia, como a Sede, o fomento vai para os coletivos. Geralmente há pessoas que têm mais expertise e ficam responsáveis pela construção dos projetos que devem ser discutidos coletivamente. O edital é importante para fortalecer o trabalho de alguns artistas financeiramente e acaba fortalecendo os coletivos também e tornando um espaço de referência dentro da comunidade, com maior visibilidade. M. comenta que:

... em 2015, o projeto “Movimento Pró Grêmio (A Sede): Memória e Consolidação de um Espaço de Cultura” foi contemplado pelo Programa VAI, da Prefeitura de São Paulo, e teve como objetivo, fortalecer o Grêmio e os coletivos que lá atuam e concretizar uma ampla reestruturação do espaço, fortalecendo os grupos Agô Anama e Armamentos, bem como as oficinas e grupos já existentes no bairro, e também resgatar a memória do espaço e de seus participantes, proporcionando a consolidação da Sede como referência cultural para os moradores do entorno.

Portanto, a construção coletiva de projetos surge como elemento estratégico para mobilização, comprometimento e responsabilização dos sujeitos envolvidos no processo de escrita e execução.

4.9 DESAFIOS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Os desafios atuais são inúmeros: a pandemia, o desgoverno, a fome, o desemprego, a alienação, as fake news. Um dos desafios apontados nas narrativas é a dificuldade de formação de novos líderes. Seu C. fala dessa dificuldade e da importância de ampliar o número de associados e resgatar a história do território.

A Associação União da Juta atualmente é formada por uma diretoria com 9 pessoas, eleita por 4 anos, podendo ficar no máximo 2 mandatos consecutivos. Até

2020, os mandatos eram de 2 anos, mas sempre era um impasse eleger a nova diretoria. Seu C. acredita que muitos jovens filhos dos mutirantes não acreditam na luta, por isso a importância de resgatar as histórias de luta.

A associação desde a sua fundação tinha 160 associados, mas quando mudou o estatuto social para trabalhos sociais para assistência social, esse número aumentou um pouco mais e começou a chegar pessoas de fora e não só do mutirão. Agora os trabalhadores da associação podem ser sócios, têm direito a voz e voto.

Para SORJ, CARDOSO e FRONT (2008), aos movimentos sociais é atribuída a capacidade de construir novos atores, novas identidades políticas, autonomia frente ao sistema político representativo, já que representa a manifestação dos coletivos.

A dificuldade de inserir novas lideranças também foi relatada por M.: *um dos grandes desafios para manter a Sede aberta foi a constituição de uma nova diretoria, já que os mais velhos acabaram abandonando, tomaram outro rumo e até mesmo morreram.*

A permanência dos trabalhadores voluntários também é um desafio. Percebi que o número de pessoas que assumem as responsabilidades dentro dos coletivos é pequeno. Há um grupo que é permanente, que está na linha de frente, sempre presente e um grupo flutuante, que por razões diversas não conseguem estar sempre presentes. Muitas pessoas que atuam como voluntárias desistem por escassez de tempo, principalmente quando há relação de trabalho precário com longas jornadas de trabalho. Por outro lado, a permanência no trabalho voluntário é multidimensional e agrega sentimentos altruístas, empatia, sentimento de pertencimento, interesse em contribuir para o desenvolvimento local e a possibilidade de conviver com pessoas inspiradoras (CAVALCANTE, 2013) e (OLIVEIRA, 2022)

Além da importância de formar novas lideranças e atrair novos voluntários, é preciso buscar valores culturais comuns para a prática reivindicativa, pois, durante as narrativas, algumas diferenças e conflitos se manifestaram, já que as novas identidades estão fundamentadas na experiência de vida comum que reúne o grupo e seu modo democrático de funcionamento.

A relação entre os fazedores de cultura é conflitante, com diálogos bem calorosos, mas o conflito dentro de um grupo não pode ser visto como um ponto

negativo, pois ter visões diferentes, reconhecer argumentos, dialogar, todos são processos legítimos que fazem parte da democracia e fortalecem o grupo.

O conflito com a comunidade também apareceu como um desafio dos coletivos e movimentos sociais. Nem sempre algumas práticas artísticas contra hegemônicas como o batuque, o grafite, o rap agradam a vizinhança, causando olhar de estranheza.

5. O ENCONTRO COM OS SUJEITOS SOCIAIS EM SAPOPEMBA

O encontro com os sujeitos sociais, lideranças e voluntários foi inspirador e ao mesmo tempo confortante.

O conceito de sujeito social adotado nesta pesquisa toma como base o sujeito que se constitui historicamente na relação com o seu meio social, no qual atravessam as relações entre o individual e o social, entre as condições materiais objetivas e as subjetivas (PEIXOTO, 2015).

Para NUNES et al (2014), a existência de sujeitos sociais ativos no território é essencial para reivindicar que o Estado garanta o que é de direito e isso amplia laços e promove relação de afetividade entre os sujeitos e o território que ocupa.

Para a comunidade conseguir levar às instâncias superiores suas demandas, é preciso haver pessoas que consigam aglutinar em torno de si todas as necessidades e os problemas locais, consolidar, de modo, às vezes, até didático, todas essas informações e, através de vários mecanismos, tentar encontrar soluções para eles.

Buscaremos trazer elementos que caracterizem esses sujeitos produtores de encontros na periferia e entender a forma de inserção nos movimentos, o que pode nos dar pistas durante a prática de territorialização.

5.1 INGRESSO NOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Identificamos diversas maneiras de ingresso nos movimentos sociais: a igreja católica com os movimentos eclesiais de base, grupos de jovens e atividades das pastorais; através dos movimentos sindicais; por motivação individual que se tornou coletiva; a partir da participação desde a infância, com os pais em encontros e reuniões; e através dos espaços de formação no próprio território, como o CEDECA e CCA's.

A inserção de algumas lideranças se deu pela necessidade de lutar pela sobrevivência de seus filhos no sistema prisional. M. relata que seus três filhos passaram pela FEBEM e 2 foram assassinados. Diante de tanta violência do sistema, começou a se organizar com outras mães para lutar pela vida de seus

filhos. Foi acompanhada pelo CEDECA e hoje acolhe outras mães e famílias que vivem a mesma situação.

Já F., egresso do sistema prisional, ressalta que a sua inserção no movimento também se deu a partir de sua experiência dentro do sistema.

Eu passei três anos dentro do sistema prisional. Eu vi companheiros e companheiras morrer de tuberculose. Vi pessoas que foram tiradas de dentro da cadeia, passou três semanas e a gente recebeu a notícia que essa pessoa faleceu. E aí você pensa... como em 2000, 2004, 2005, pessoas estão morrendo de tuberculose no momento áureo... no auge do SUS, da política dos fundos de investimentos. E nem a gente lá dentro conseguiu elaborar, isso que a gente poderia ter esse acesso de uma forma mais eficaz porque você também está num lugar que não te apresenta nenhuma possibilidade. É tanta miséria que a gente está preocupado com a próxima refeição se vai vir estragada ou não vai garantir sabe aquele movimento pra gente acordar noutro dia e talvez acordar tendo que lidar com as dinâmicas do cotidiano naquele lugar que é ser torturado e você pensa "tomara que hoje quem vai fazer o plantão faça a revista limpa porque aí a gente vai ser torturado ou se for plantão sujo... a gente já acordava com aquilo. Então isso vai somatizando também. A pessoa vai sendo condicionada a uma situação que é uma situação gatilho na vida da pessoa e isso tem prejuízos e que não poderão ser mensurados. Você não consegue mensurar isso na vida de ninguém que passou pelo cárcere... seja 1 dia, 10 anos... às vezes a pessoa pode passar três dias na cadeia e sair de lá totalmente destruída ... como assim? só foi três dias... tem um processo que é um processo de internalização na vida das pessoas que eu acho que é que é fundamental

Para F., a gente precisa criar um movimento que tem uma proposta efetiva de transformação na vida das pessoas.

A gente tem o hábito de falar que não são egressos o sistema que os colocam como egresso já numa possibilidade numa construção de estigmatização dessas pessoas. A gente entende elas como sobreviventes como pessoas que passaram pelo mundo, pelo Holocausto em suas vidas por causa dos calabouços que passaram por processos extremamente degradantes. Uma pessoa humana que conseguiram sair de lá. Com todas as questões, mas saíram de lá e a gente precisa restaurar isso. Ele precisa manter esses processos juntos coletivamente, mas é bem legal. Eu me interesso particularmente muito para a questão de saúde sou estudante da Universidade Federal de São Paulo Unifesp e tem um trabalho muito voltado para a área da saúde para pensar a questão da integralidade mesmo nas formações, os trabalhos desenvolvidos

em conjunto seja com fisioterapia, terapia ocupacional, psicologia, educação física e serviço social.

Fabinho é um corpo negro periférico que se tornou liderança a partir de suas experiências no cárcere e das ações do CEDECA e da AMPARAR em sua existência. A pauta do encarceramento é muito presente em Sapopemba.

A inserção das lideranças representantes do movimento de moradia teve como estímulo para participar do movimento a necessidade e a luta pela casa própria. O movimento de moradia tem como uma de suas estratégias de ação a ocupação de terras que não cumprem sua função social. A questão da habitação na cidade de São Paulo marca a trajetória de muitas lideranças que entrevistei.

O meu vínculo com a Fazenda da Juta vem de longe, desde 87 participando do movimento de moradia, da organização das famílias e na luta pela conquista da Terra. Então a gente participou desse processo de trabalhar no mutirão de construir a casa em mutirão... A gente não quer só comida, quer casa, moradia, educação, esporte, lazer e o meio ambiente

D. F é uma das principais lideranças da Juta. Participou de lutas por moradia, assistência social, educação, entre outros. Trabalhou até se aposentar, no Instituto Daniel Comboni. É pesquisadora e escritora, mora no Bairro Fazenda da Juta e é autora do livro: Fazenda da Juta – uma trilha entre o rural e urbano: trajetória de luta de resistência no assentamento de um povo.

O ingresso de D. F nos movimentos sociais se deu por intermédio das ações da igreja católica, assim como seu C., que ia para as reuniões que aconteciam em sua paróquia e de lá começou a participar do mutirão para a construção dos prédios no início da década de 90.

Quando eu entrei no movimento eu morava no Parque São Rafael, a gente ia na Igreja, o pessoal se reunia lá. O que me motivou foi a necessidade de uma casa porque na época não existia financiamento como hoje com a facilidade que tem Só no aluguel. E então eu trabalhava na época eu trabalhava na firma e uma pessoa que trabalhava lá sempre falava do Movimento Sem Terra. Aí ele conseguiu lá e falou “Olha tem aqui os movimentos, né”. Eu comecei a falar... eu vou fazer a inscrição e eu fui ... e fiquei um ano no movimento e saiu. Eu entrei no movimento em 90 e em 92 saiu... daí começamos a construir.

Muitas vezes, a missão de seguir com as atividades políticas foi dada aos membros da família de antigos militantes. Isso aconteceu naturalmente, já que muitos pais levavam os filhos para as reuniões e mobilizações.

Eu sempre acompanhei meu pai... quando lá na década de 90 por volta de 95 96 por aí meu pai começou a lutar para trazer a unidade de saúde para o Madalena... Ele lutava sempre por melhorias no bairro. Era bem conhecido e participativo. Então, eu desde criança já participava das mobilizações (R. C).

J. G relata que nasceu e cresceu dentro do movimento. Sua mãe é uma importante liderança, pedagoga, educadora de jovens e adultos e responsável pela alfabetização de muitas mulheres da comunidade. J.G diz ter um respeito muito grande por todas as pessoas que fizeram e fazem parte da história e que desde nova, desde muito pequena, sempre estiveram juntas na luta.

Então hoje pessoas que eu trabalho junto, como a própria Sueli, a Ivaneide, do movimento de saúde... a Sheila Eulália são pessoas que na minha infância, nos meus primeiros anos de vida, como elas adoram reforçar aqui me pegaram colo. Minha mãe sempre fez parte das comunidades eclesiais de base. Então ela cantava na Igreja da Paróquia Nossa Senhora de Fátima e eu sempre participei... muito nova no catecismo, na crisma, eu sempre fiz dança na paróquia e ginástica rítmica com a Silmara na época desde muito nova, eu fiz Ballet, então desde os primeiros anos a gente sempre teve esse hábito muito grande de participar das festividades da igreja né, de participar da Pastoral da Juventude, dos bingos, da organização da dinâmica mesmo da própria comunidade.

A ingresso nos movimentos eclesiais de base é um ponto relevante e comum em muitas entrevistas. Acompanhada da inserção nos movimentos de defesa da criança e do adolescente.

E aí a minha relação com os movimentos sociais se dá no CEDECA ... quando tinha 12 anos e foi quando a minha mãe veio trabalhar no Centro de Direitos Humanos de Sapopemba, que é onde eu trabalhei no ano passado. Então quando a minha mãe veio trabalhar ela veio trabalhar como secretária, ela veio trabalhar com a Valdenia e eu desde muito nova aqui, interagindo, participando, sendo voluntária ajudando a fazer visitas domiciliares. Aos 13 anos eu coordenei uma oficina com as crianças daqui, de dança, de balé. Me tornei voluntária e mergulhei nas atividades do CEDECA. Fiz formação em visita domiciliar comecei a fazer

atendimento ao público. Comecei a acompanhar os atendimentos de outros educadores enquanto Direito Humanos, enquanto direitos das crianças e dos adolescentes, fazíamos gincana com as crianças nas ruas.

Seu João foi uma grande liderança do Teotônio Vilela. E trouxe sua experiência no movimento sindical para a Associação amigos de bairro, conhecido como a Sede.

Meu pai era operário em uma empresa de alpargata. Foi alfabetizado em um projeto da USP que tinha uma proposta de escola diferente... era uma escola clandestina na época da ditadura militar ... então, a escola que acolhia os operários, além de ensinar a ler e escrever, matemática, ciências, tinha ideais transformadores... de luta pelos direitos.... Meu pai entrou... aprendeu a ler escrever. Era agitador e grevista ... gostava muito lógico.

Teve um tempo que terminou porque a indústria fechou ... a tecnologia avançou... não tem mais aquela leva de operário e trabalhadores.

Seu João abriu uma sala pra alfabetizar os moradores do Teotônio, construiu uma horta, no espaço que hoje é a Sede. Um espaço de arte e cultura, de resgate da cultura popular e periférica.

GARRAFA e SOARES (2013) verificaram que os aspectos que estimularam o ingresso das lideranças nos movimentos sociais demonstram que, mesmo com reivindicações particulares, o ingresso delas nos movimentos sociais aconteceu pela necessidade de luta para a efetivação dos direitos. Além disso, as lideranças expressam uma coletividade, ou seja, suas trajetórias são individuais, mas perpassam a trajetória dos movimentos sociais que representam e, ainda, a trajetória de outras lideranças, o que remete ao exame da noção de sujeito social ou de sujeito coletivo, que corresponde a alguém que cria ou dirige sua ação, alguém com autonomia e liberdade, capaz de construir o mundo, defensor de direitos e subjetividade.

A tomada de consciência de alguns jovens se deu durante a adolescência nos projetos sociais, como o CCA, o CEDECA. Muitos passaram de educando para educador.

T. S é uma mulher negra baiana, que veio para Sapopemba com quatro anos de idade com a mãe. Faz parte do coletivo Periferia Preta, que nasceu do encontro de produtores culturais aqui de Sapopemba, em sua maioria pretos e mulheres. A

ideia do coletivo é construir atividades culturais na cidade que fomentassem e valorizassem a produção cultural e artística em Sapopemba, em especial na fazenda da Juta, que é o bairro onde moram.

R. conta que chegou ao CEDECA muito pequena, quando perdeu um irmão.

Então eu passei por muitas atividades no CEDECA, a gente brinca que nós fomos atendidos pelo CEDECA ... tinha uma atividade chamada Cidade Bacana que acontecia todos os sábados na quadra da escola Basilio que fica aqui próximo. então sempre quando tinha alguma ação do CEDECA que a gente estava junto então eu me reconheço como um CEDECA desde pequena. Então, eu estou no CEDECA desde pequena faz uns 30 anos mais ou menos ou mais. E então em 2008 eu passei a compor o quadro de funcionários do CEDECA . No serviço que a gente tinha que chamava NPV que era Nasci Para Voar então esse serviço era um serviço psico jurídico social que atendia à demanda das famílias e da comunidade. Então nesse momento eu estou como educadora social, trabalho como educadora social, mas sempre naquela perspectiva de quem já tinha passado por aqui.

R. F começou no movimento através das oficinas de teatro, de técnica vocal e musicalização. Depois virou educador.

Desde os 17 eu começo a fazer esse trabalho como arte educador. Educador desde a juventude. Sempre me interessando mais pela questão da educação social... E aí eu comecei a trabalhar com esse universo da percussão dos ritmos tradicionais...

E aí durante muito tempo fico nessas de dar oficinas. Fico trabalhando nesses espaços e é com essas linguagens das culturas tradicionais né. Trabalho também com a linguagem do circo e o trabalho no teatro.

Muitas pessoas chegam até os coletivos através das oficinas, encontros, feiras, saraus e se tornam referências e lideranças.

Eu acho que o meu primeiro contato com a Sede foi com 15/16 anos por causa do futebol... aí mais para frente eu voltei a frequentar a Sede. Em 2005 eu conheci o Marcelo (filho de João) na faculdade, fazia o curso de História... ele me convidou, daí eu conheci o pessoal do grafite em 2005 e desde essa data comecei a frequentar. Estamos buscando reestruturar o espaço e os projetos.

Um objetivo comum, que é o de levar o Maracatu para a periferia, foi um motivador para a construção de um coletivo e para inserção de novos atores.

Eu conheci a Sede em 2008/2009. Um amigo meu fazia oficina de maracatu lá na Cidade Tiradentes no Espaço Cultural Pombas Urbanas e comentou então comigo “eu tenho uns amigos que moram lá em Sapopemba e tem um espaço muito legal de Convivência Cultural. Tem toda uma história e a gente está tentando se reunir para fazer um projeto lá e a gente queria levar o maracatu para a periferia”.

a gente se reuniu e a gente pensou em escrever um projeto voltado para a cultura popular... depois desse projeto nós fomos escrevendo outros projetos. Os outros coletivos também acabaram contribuindo com muitos projetos culturais como o hip hop o graffiti. Então muita coisa vem acontecendo nesses nesse tempo em que eu corro e de 2008/2009 pra cá

Identifiquei que muitas pessoas começaram a participar de movimentos sociais por interesses pessoais, mas alcançaram a dimensão coletiva das lutas sociais criando possibilidades de alterar o cenário sociopolítico da cidade. A formação de sujeitos políticos feita pelas comunidades eclesiais de base na década de 70 dá lugar, na década de 90, para práticas democráticas e participativas menos densas, menos contestatórias e mais negociais. Houve uma abertura de espaços de participação popular, de controle social, de participação em audiências públicas, em conselhos gestores de equipamentos públicos, praças, parques, unidade de saúde; conselho consultivo das subprefeituras e participação nas conferências temáticas. A participação popular é uma característica comum que marcou o ingresso de muitas lideranças nos movimentos sociais.

SOARES (2010) sugere a denominação participação sociopolítica, porque a dimensão política aparece nas relações sociais cotidianas, na prática dos movimentos sociais. Assim, as lideranças podem ser consideradas sujeitos sociais presentes na cidade, pois orientam ações de mobilização, articulação ou reivindicação, tendo como eixo norteador ações de luta pela garantia ou efetivação dos direitos e exercício da cidadania.

Para GARRAFA e SOARES (2013), as lideranças representam os movimentos sociais dos quais participam, e se destacam pelo perfil articulador que possuem; a facilidade em associar suas experiências como lideranças com o conhecimento que adquirem do cenário sociopolítico brasileiro propicia que a participação delas alcance a dimensão educativa. Essas lideranças assumem um

posicionamento contra o poder, ao mesmo tempo em que reconhecem a necessidade de dialogar com ele.

5.2 MODO DE VIDA COMUNITÁRIO: “é nós por nós”

O modo de vida comunitário é a realidade de muitas crianças que nascem nas periferias. Muitos jovens da periferia foram educados e cuidados por uma extensa rede de solidariedade.

Eu falo até por questões pessoais e a minha mãe sempre trabalhou fora que também foi da luta da militância. Sempre trabalhou fora e eu cresci muito sozinha. Porque todos os meus tios são homens, então tinha a minha avó, mas a minha avó também sempre trabalhou fora... Então eu sempre fiquei muito solta. Almoçava na casa da tia Graça, jantava na Lavinia. E fazia as oficinas na paróquia e no CEDECA. Então assim... quem me ensinou a colocar o absorvente foi a tia da dança. Quem me disse a primeira vez que eu não podia deixar que ninguém tocasse no corpo, sem eu querer foi a tia Lavinia. E então eu fui, nós, não só eu, nós fomos criados em uma comunidade não fomos criadas por uma mulher, mas um grupo de mulheres uma comunidade. É nós cuidando de nós mesmos. Então esse espaço me fortalece muito.

Segundo FONSECA (2005), essa é a realidade de muitas famílias pobres, que vivem em condições de grande precariedade econômica, que só conseguem sobreviver porque criam extensas redes de ajuda mútua. Essa rede familiar não é formada por apenas pais, mas irmãos, tios, primos, ex-sogros, compadres e até amigos. Para os grupos populares o conceito de família está ancorado nas atividades domésticas do dia a dia e nas redes de ajuda mútua.

Participar de coletivos ... primeiro que a coletividade ... nunca vivi sem coletividade porque sou filha de uma mãe solo que sempre precisou de uma rede de apoio de vizinhos, na Escola, de projetos então sempre vivi em coletividade... eu não consigo... Eu não ando sozinha literalmente... sempre estou com muitas pessoas. E vivo dessa lógica de estar em bando né.... Não é fácil porque não dá para ficar rico trabalhando em coletivo, mas o pouco que a gente tem, a gente sempre divide.

Então cresci com uma construção muito natural de fazer comunitário muito natural. Então eu sempre falo isso aqui na rua onde eu cresci. Todo mundo era filho de todo mundo e todo mundo era irmão de todo mundo. E não é uma visão romântica de antigamente era. Era isso mesmo então A mãe do do neguim por exemplo Gilson me via fazendo tal coisa. Ah eu vi o Fagner em tal lugar... então todo mundo cuidava do filho todo mundo até porque tinha essa dinâmica muito louca de pais trabalharem fora ... e a nossa infância foi na rua o tempo todo na rua a rua é muito muita brincadeira muita muito rico nesse sentido que eu falo e sempre muito forte esse fazer comunitário muito muito aparentes é muito natural acho que essa naturalidade acho que é impossível. é importante ressaltar sempre porque não existia uma nova precisamos pensar como comunitariamente o pensar comunitário já era parte daquela daquele território e aí na adolescência.

“É nós, por nós mesmo” foi uma expressão muito usada durante as narrativas. É uma expressão comum da sociedade contemporânea, utilizada geralmente pelos jovens, e tem o mesmo sentido de "tamo junto" ou "estamos juntos", que significa estar de acordo com o pensamento de alguém ou de um grupo. É um lema de um povo que historicamente foi excluído e sempre contou consigo mesmo.

Desde muito tempo, a gente tinha que contar era com a gente mesmo. E hoje essa história não é muito diferente. É evidente que isso perpassa pelo sentimento de irmandade que o dito “Nós por nós” semeia. E a medida que esse sentimento nos toma de assalto, nossas possibilidades de crescimento pessoal, social e profissional se expandem. Mas uma coisa temos certeza: são os nossos iguais que nos fortalecem.

Entre 2000 e 2010, o processo de individuação se tornou cada vez mais crescente entre os moradores da Periferia devido às questões relacionadas à violência, assim como os incentivos para o sujeito empreendedor de si mesmo e contínuo aumento das tendências religiosas baseadas na teologia da prosperidade. O discurso de empreendedorismo busca colocar responsabilidade da inserção econômica, nos trabalhadores e em suas condições individuais de inclusão no mercado de trabalho, reduzindo a importância como as taxas de desemprego, baixo números de postos de trabalho, falta de qualificação, apostando no trabalho autônomo como principal complementação da renda. Essa informalidade é uma realidade na periferia urbana e modifica a forma com que o sujeito se percebe enquanto coletivo (FONTES, 2020).

Nesse sentido, de um modo geral, o modo de vida comunitário vai deixando de reverberar na periferia, que passa a ser marcada pelo avanço do neoliberalismo, e pela flexibilização das relações de trabalho, afetando a entrada de jovens no mercado de trabalho e a busca de soluções individuais para os problemas coletivos como desemprego, passaram a ser rotina no cotidiano das comunidades.

5.3 SUJEITO PERIFÉRICO

Quem produz os encontros no território periférico são os sujeitos periféricos.

De um lado, eu tenho um sujeito periférico que é empreendedor de si e que atribui o seu sucesso ou fracasso ao seu esforço e mérito próprio e que deseja a tão sonhada prosperidade, dialoga grandemente com a situação de informalidade, a precariedade do mercado de trabalho e a ideia de empreendedorismo. O desejo de um estilo de vida mais próximo das camadas médias é cada vez mais comum, e impulsiona o desejo da mobilidade geográfica de se afastar do estigma do território periférico.

D. F fala que as pessoas tinham vergonha de dizer que moram na periferia. Segundo ela, nos anos 80 a gente não falava periferia porque essa palavra era carregada de estigma, de preconceito. A gente tinha vergonha de falar que morava na periferia.

A literatura aponta o desejo de alguns jovens periféricos de sair da periferia. Enumeram alguns fatores, como a ausência de políticas públicas que atendam às necessidades dos sujeitos periféricos, a violência e o preconceito contra as pessoas que residem à margem da sociedade (D'ANDREA, 2013; PRATES, 2009).

Do outro lado temos o sujeito periférico que ascendeu economicamente e é um ator social ativo e não apenas um sujeito manipulável cooptado e que estaria satisfeito com a sua Integração no mundo do consumo. E que retorna ao território por identificar ali o seu lugar.

O jovem periférico é marcado pela convivência da violência policial, desemprego, segregação, falta de infraestrutura de lazer e ausência de reconhecimento social e isso cria dentro de um coletivo periférico elementos que fortalecem uma ideia de pertencimento, identidade a periferia (FONTES, 2020).

Os coletivos periféricos tornaram-se o principal espaço de formação individual e coletiva e dissemina uma mensagem de empoderamento e valorização da identidade do ser periférico. Para D'ANDREA (2013), o enfraquecimento do potencial dos movimentos sociais implicou na modificação do espaço de formação política, que nas novas gerações passa a ser desenvolvida por coletivos artísticos e culturais que exaltam orgulho de ser periférico.

Por isso a construção de uma visão positiva sobre sujeito periférico permite transbordamento societário de mobilizações sociais que foram iniciadas externamente às periferias, mas que reverberaram pelo aumento do número de coletivos negros, LGBTs e feministas, marcado por uma lógica de centralização e horizontalidade. É possível identificar um processo de ressignificação das formas e conteúdo das suas lutas a partir da experiência dos sujeitos.

T. S fala da experiência de se reconstruir a ideia de família, de que não é necessário ser do mesmo sangue, não é necessário ter passado a infância juntos.

Somos pessoas de diferentes idades que vieram de diferentes estados do Brasil, com diferentes histórias, mas quando a gente se encontra e compartilha as histórias. As histórias se encontram porque são muito semelhantes porque são de corpos pretos são os corpos periféricos de corpos LGBTQIA+.

A possibilidade de se politizar aspectos do cotidiano, como a homofobia, o machismo, o preconceito racial, aponta a possibilidade de formação de novos sujeitos políticos que dialogam com a cultura periférica de reconhecimento da periferia (NUNES, 2020).

Para PACHECO (2022), o sujeito periférico se destaca influenciado pelas narrativas do movimento Hip Hop, pelo Samba, pelo Sarau e outras diversas linguagens artísticas que começam a alterar o cenário dos bairros mais distantes da cidade. São outras subjetividades que vão se constituindo e que produzem outros cenários sobre a potencialidade desses territórios. Uma explosão de atividades culturais nas periferias começa a reverberar sobre sentido de cidadania, o uso dos espaços públicos e bem públicos, por meio de manifestações, que ressignificam o território periférico, a consciência de classe, raça, gênero e suas origens, da vivência no cotidiano, da precariedade, revelada nas letras de rap e no ritmo das batidas dos tambores.

R. F narra a sua experiência de como, através da arte, se reconheceu como sujeito preto periférico.

Então sempre gostei muito de música e quando a gente morava na comunidade, a gente saía para procurar muitas coisas. Foi nessas andanças que comecei a me enxergar enquanto negro, enquanto periférico e comecei a valorizar a história da minha família. Meu pai é branco e minha mãe é bem preta, e enquanto eu estava com o cabelo raspado eu passava ali por um menino branco. E comecei a perceber que eu não era branco e me descobri nesse lugar periférico que eu não era tão branco assim. O universo artístico é uma construção, é uma descoberta de várias coisas que já estavam ali e que às vezes não eram valorizados porque aquilo era tido como menor. E aí quando você vê a riqueza, você fala... opa isso é interessante, isso é muito bom. E aí comecei a adentrar nesse universo de ir para outras quebradas, trabalhar com ações educativas, com criança e adolescente em situação de rua.

Nos últimos trinta anos, houve uma explosão de atividades culturais na periferia: saraus, slams, cineclubes, posses de hip-hop, comunidades do samba, grupos teatrais, grupos de dança, literatura marginal, entre outras manifestações. Segundo D'ANDREA (2013), cinco fatores impulsionaram essa movimentação: a produção artística como forma de pacificar contextos tomados pela violência; forma de sobrevivência material alternativa ao trabalho capitalista e às atividades ilícitas; forma de melhorar o bairro; maneira de fazer política e tentativa de humanização em um contexto violento.

Esse movimento cultural foi o mais importante difusor de uma consciência periférica, ao afirmar o pertencimento e denunciar as condições de vida. A prática social desses coletivos também experimenta novas formas para o fazer político, tendo como uma de suas principais potências a capilaridade nos territórios periféricos.

6. ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA A PRODUÇÃO DE ENCONTROS

Identificamos durante a pesquisa de campo diferentes técnicas e metodologias utilizadas na interação com a comunidade: o acolhimento com cuidado e respeito, utilizando a música, a poesia como instrumento que possa provocar reflexões sobre a conjuntura ou o tema da discussão, a escuta qualificada, o uso de metodologias participativas (rodas de conversa, oficinas, cenopoesia e círculo de cultura), atividades artísticas e culturais (saraus, rodas de samba), dentre outras.

A mobilização comunitária é um processo que reúne pessoas de uma comunidade para discutir questões da realidade local. Esses encontros precisam ter um objetivo claro, planejamento e uma atuação responsável e ética dos envolvidos. O primeiro passo para a mobilização é conhecer e dialogar com as lideranças locais. Para que a mobilização seja eficiente e duradoura, ela deve ser um processo de fortalecimento da comunidade. É importante que a própria comunidade perceba os problemas que devem ser enfrentados e se motive a fazer parte da solução, reconhecendo seus papéis e responsabilidades no desenvolvimento das suas comunidades (SANTOS, 2012).

A mobilização também acontece quando existe um interesse coletivo em alcançar determinados objetivos e que, para envolver a comunidade, é necessário planejamento de médio e longo prazo, e muita criatividade. Valores como democracia e transparência devem estar sempre presentes. A democracia é um modo de se conviver com as diferenças. A transparência é palavra e atitude de ordem quando se trata de informações que sejam de interesse de todo o grupo. Não podem existir assuntos proibidos ou informações sigilosas (SANTOS, 2012).

A mobilização deve ser pensado numa perspectiva dialógica, emancipadora, participativa, criativa e que contribua para a autonomia, no que diz respeito à sua condição de sujeitos de direitos e autores de sua trajetória (BRASIL, 2007).

Destaca-se elementos importantes inerentes à prática de mobilização, como: a crença do homem nas expectativas de mudança para um sistema social mais justo; a produção de espaços abertos compartilhados por todos sem barreira

de classes; a dimensão da resistência e superação da alienação das pessoas; a participação e organização popular; a crença e o estímulo de práticas que promovam a cidadania a partir de processos que envolvam entendimento e assimilação da realidade individual e coletiva e a capacitação para ação pela reflexão sobre as condições de vida e as ações programadas (VASCONCELOS; CRUZ, 2016).

6.1 O ACOLHIMENTO, A ESCUTA QUALIFICADA E O DIÁLOGO

O acolhimento e a escuta qualificada são tecnologias utilizadas no cuidado em saúde e também nas vivências experimentadas nos encontros dos coletivos e grupos. É uma estratégia utilizada para mobilizar a comunidade e produzir encontros. Para MAYNART et al. (2014), por meio da escuta e do diálogo é possível a construção de vínculos, a produção de relações de acolhimento, o respeito à diversidade e à singularidade no encontro, como podemos perceber a seguir:

Não sei se você percebeu, mas eles são muito acolhedores. Já comecei a me sentir bem parte da família mesmo a partir dos primeiros encontros ... a galera já me acolheu assim e eu realmente me senti muito em casa lá.

Não teve uma vez que eu fui embora, e me senti desamparada, de falar assim: olha esse lugar não é para mim pelo contrário.

Quando eu comecei a participar me acolheram de uma forma muito carinhosa e respeitosa.... uma relação de irmandade mesmo... isso é importante para que as pessoas possam vim e participar.

E aí eu cheguei aqui numa oficina e aí eu lembro até hoje que o Fiote foi muito gentil e falou: meu... a casa é sua e quando quiser voltar as portas estão abertas. Não vou mais embora.... Aí eu amei. E daí eu fiquei e faço de tudo o que é possível fazer àqueles que me abraçou

Sempre fui muito bem acolhida e isso me faz querer estar sempre presente...

o nosso desejo é poder acolher ... escutar ... quais são as necessidade delas e em cima disso planejar nossos encontros

A escuta também promove espaço de troca entre as pessoas que participam das reuniões através do diálogo.

Eu acho muito bacana a troca que a gente tem de informação tanto nos processos entre nós do coletivo quanto nas nossas atividades

Assim a gente tem a admiração uma pela outra então a gente acaba buscando um apoio o lance também da escuta. Mas esse lance do aprendizado da troca para mim é o que mais tem me preenchido...

O diálogo acontece quando cada um coloca o que sabe à disposição do outro. Isso resulta na construção de novos saberes, que parte da escuta do outro e da valorização dos seus saberes. O diálogo permite relações horizontais e possibilita reconhecermos a diversidade e crescermos um com o outro (BRASIL, 2012).

O formato de organizar o espaço em círculo, de planejar uma atividade de acolhimento, de escuta e de diálogo é utilizado com muita frequência no território. A música, a poesia, o abraço, o sorriso, o respeito às diferenças, são elementos que nortearam todas as atividades que acompanhei em campo, através das narrativas ou nas vivências.

Na perspectiva das metodologias participativas, os encontros promovidos no território privilegiam experiências de diálogo, em que novos sentidos são criados, por meio dos quais o sujeito se sinta empoderado a buscar sua cidadania e a transformação de sua realidade social.

6.2 METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS

As metodologias participativas aparecem na pesquisa de campo como uma estratégia para produção de encontros no território que permite a vivência dos sentimentos e percepções sobre determinadas situações. Permite a reflexão sobre as situações do cotidiano, ressignificando conhecimentos e valores, promovendo possibilidades de mudanças.

Dentre as metodologias participativas citadas por BORNSTEIN (2016), temos: o círculo de cultura, a cenopoesia, a roda de conversa e as oficinas.

- I. O círculo de cultura é uma metodologia que busca promover o diálogo, a reflexão crítica e a autonomia. Círculo porque todas que estão inseridos nesse processo formam uma figura geométrica em que todos se olham e se veem.
- II. A cenopoesia é uma forma teatral simples e se produz a partir da articulação da linguagem: a música, a dança, a pintura, a contação de

história. O ato cenopoético se soma aos recursos ao promover memória corporal, intelectual, cultural, científica e artística. A partir das questões levantadas, os grupos problematizam as situações no diálogo e produzem colagens, desenhos, teatro, cordel, dentre outras formas de expressão artística.

- III. As rodas de conversa é um método de participação coletiva que tem como objetivo socializar saberes e promover a troca de experiências, de conversas, de divulgação e de conhecimentos entre os envolvidos, na perspectiva de construir e reconstruir novos conhecimentos e práticas sobre a temática proposta. É um espaço de diálogo que possibilita a revelação e a discussão de diferentes experiências e perspectivas dos participantes.
- IV. A oficina é uma modalidade didática que permite a valorização dos conhecimentos prévios dos sujeitos, permite a construção de novos conhecimentos, em um processo ativo e reflexivo, com base teórica

Na perspectiva das metodologias participativas, as atividades privilegiam: experiências que possibilitam o **diálogo**, em que novos **sentidos** são criados, por meio dos quais, no coletivo, os sujeitos se **empoderem e lutem por** cidadania e **transformem** sua realidade social. As atividades se caracterizam como espaços de promoção da emancipação do sujeito e do coletivo.

Um exemplo prático do uso da metodologia participativa é o Bloco Eureka.

O Bloco Eureka (Eu reconheço o Estatuto da Criança e Adolescente) é um bloco de carnaval construído nos princípios das metodologias participativas com temas de reivindicação de direitos. Estamos falando de metodologia participativa numa concepção emancipatória e libertadora. O tema de cada ano é amplamente discutido em oficinas, reuniões com as famílias atendidas, no trabalho de educação de rua e com as demais entidades que participam da elaboração do evento. O Bloco Eureka fomenta discussões sobre o compromisso de todas as pessoas, entidades e órgãos públicos nas diversas situações que as crianças e adolescentes estão inseridos. Tendo uma participação fundamental, os integrantes do Bloco percebem que são mais fortes que as ações contrárias à inclusão social, e que são capazes de reivindicar as transformações que desejam.

A escolha do tema parte de alguns questionamentos. O que é que tá pegando? Que história queremos contar com o nosso bloco esse ano? O que queremos denunciar ou alerta a população e autoridades? Os educadores são disparadores e facilitadores das discussões.

A chuva de ideias intergeracional, a problematização do cotidiano e o entendimento que “não há saber maior” ou “saber menor”, “há saberes” é um princípio norteador das rodas de conversa, com base no pensamento de Paulo Freire.

Após a definição do tema os educadores passam por um processo de formação para depois facilitar a formação das crianças e dos adolescentes multiplicadores. Passado esse momento, inicia-se o trabalho de construção das alegorias elementos utilizando elementos lúdicos, cores, brilho, e formas do bloco. A construção do samba enredo é feita coletivamente com as crianças e adolescentes e gravada no estúdio do CEDECA e A bateria é composta pela junção de 5 baterias: meninos e meninas de rua de São Bernardo do Campo, Camará, CEDECA Sapopemba, CEDECA Interlagos e Batucada NASCE.

A gente percebe a construção compartilhada do conhecimento acontecendo nas reuniões e oficinas, garantido pelo diálogo e pelo respeito aos diferentes saberes: popular, provenientes da experiência vivida de cada um; e do conhecimento técnico-científico. O levantamento de questões e a chuva de ideias possibilita a problematização da realidade, é um dispositivo de crítica social e das situações vivenciadas por pessoas, grupos e movimentos.

6.2.1 Roda de Conversa

A roda de conversa é um instrumento que permite compartilhar experiências e desenvolver reflexões sobre determinados temas, em um processo mediado pela interação com os pares, através de diálogos internos e no silêncio observador e reflexivo (MOURA A; LIMA, 2014).

A roda de conversa é uma estratégia bastante citada nas narrativas.

As mulheres no Vilela organizaram uma roda sobre violência contra a mulher e foi reveladora, como fala J.

Foi uma roda sobre violência doméstica uma roda sobre autocuidado. Nós chamamos uma amiga nossa que estava estudando enfermagem e ela mesma se propôs a fazer essa roda né. A gente achou superimportante.

Algumas mulheres fizeram uma participação muito bonita na roda de conversa falando de momentos que ela viveu de violência na vida dela. Então ela foi superaberta a falar da vida dela. Foi bem bacana em falar um pouquinho da experiência de vida dela... esse evento mexeu bastante onde a gente teve a participação de mulheres da comunidade falando do que já sofreu na vida pessoas que a gente jamais imaginava que teria sofrido uma violência doméstica... nesse exemplo acabou desabafando e falando então eu acho que esse evento ele contribuiu muito para a gente se

fortalecer como coletivo e aí a gente vê hoje dentro do nosso na nossa página do facebook as mulheres pedindo para ter suas histórias contadas, tanto que a gente tem mais de 40 as histórias contadas ali de mulheres da comunidade que perceberam o nosso trabalho e pediram para falar delas . Então eu acho que o último evento das mulheres foi muito importante para abrir essa porta pra gente dentro da área né.

Figura 37 - Roda de conversa sobre violência no encontro de mulheres do Vilela



Extraído de: <https://www.facebook.com/mulheresdovilela/photos/pb.100063497033804.-2207520000./173992398062915/?type=3>

Para MOURA A e LIMA (2014), uma boa roda de conversa precisa de um ambiente tranquilo, propício para o diálogo, em que todos possam ficar à vontade para partilhar e escutar, de modo que a conversa seja relevante para o grupo e provoque a atenção na escuta. Nas rodas de conversa, o diálogo é um momento especial de troca, de escuta e de fala, em que os momentos de escuta são mais numerosos do que os de fala. As falas são construídas por meio da interação com o outro.

O Centro Comunitário Joilson de Jesus em parceria com o CEDECA promove mensalmente rodas de conversa com as mulheres e com os adolescentes, com psicólogas voluntárias, para acolher e refletir sobre questões cotidianas. Dessas rodas resultam organização de passeios a museus, parques, cinema. Planejam-se oficinas, feiras, festas.

O diálogo provocado pelas rodas de conversa implica escuta e humildade, amplia o conhecimento crítico acerca da realidade e contribui com os processos de transformação e humanização, quando cada um, de forma respeitosa, coloca o que sabe à disposição, para através da metodologia problematizadora contribuir com a

elaboração de estratégias. Dialogar é o encontro de conhecimentos construídos histórica e culturalmente por sujeitos, portanto, o encontro desses sujeitos na intersubjetividade tem como efeitos atitudes colaborativas, trocas de saberes e afetos. Essa interação se faz numa relação horizontal em que a confiança de um no outro é consequência. Implica um respeito mútuo: o pensamento crítico de um não anula o processo de construção do pensamento crítico do outro e os conflitos são explicitados e não silenciados, não dando espaços para o autoritarismo (BRASIL, 2007).

A AMPARAR organiza a cada 15 dias rodas de conversa com familiares e amigos das pessoas privada de liberdade.

A gente organiza um grupo de familiares de 15 em 15 dias ele tem uma proposta formativa, mas sempre pensando no que elas querem. “Vamos discutir o que? Vamos falar sobre o quê?” E aí elas vão levantando temas e a partir desses temas a gente vai buscando pessoas que possam falar sobre, mas sempre com um cuidado a mais também para que não caia nessa lógica de que tem alguém detentor do conhecimento... não... e a gente vai sempre articulando com todo mundo no processo de passar a palavra mesmo. Sempre muito comprometido se vai trazer algum teórico alguém que elabore alguma coisa no campo da academia... a gente também traz um familiar para fazer o contraponto e tentar criar um processo que é um processo da construção coletiva. Mostrar para aqueles que também estão do outro lado que aqui também existem pessoas nesse lado produzindo conhecimento e que esse conhecimento precisa ser de alguma forma valorizado. Então as famílias adoram. A gente teve as primeiras experiências foram presenciais lá no Centro de Direitos Humanos de Sapopemba... a gente construiu um grupo lá. Era um grupo de quatro pessoas... Quando a gente foi ver, a gente já estava com mais de 20 mulheres aqui naquela sala falando sobre diversas questões elaborando várias coisas

O respeito e a confiança alcançados pelo diálogo, contribui para a produção de autonomia. Algumas pessoas encontram caminhos de socialização e participação na própria comunidade: intervém, transforma e fala do que faz, mas também, sonha, avalia, decide e rompe paradigmas (VASCONCELOS; CRUZ, 2013).

Nessa mesma retórica, BORNSTEIN (2016) destaca a defesa intransigente da democracia em contraposição ao autoritarismo (comum em nossa democracia nos dias atuais); a aposta na solidariedade e na amorosidade entre os indivíduos

como forma de conquistas de uma nova ordem e a valorização da cultura como fonte de identidade.

Portanto, os valores e princípios presentes nas rodas de conversa contribuem significativamente para a promoção da autonomia do cidadão no que diz respeito à sua condição de sujeito de direitos, autor de seus projetos e modos de andar a vida. A incorporação de práticas populares valoriza a cultura popular, dentro de um caráter emancipador, à medida que se reconhece o participante dessas experiências como sujeito de sua vida, permitindo enxergar o seu papel e lugar no mundo (BRASIL, 2007).

6.2.2 Oficinas

Oficina é uma modalidade didática que permite a valorização dos conhecimentos prévios dos sujeitos, permite a construção de novos conhecimentos, em um processo ativo e reflexivo, com base teórica. Durante as oficinas podem ser vivenciadas situações significativas, atuando o sentir, o pensar e o agir, focado no processo cognitivo, dando destaque aos afetos e à criatividade (HABERLAND et al., 2017). Oficinas de dança, teatro, musicalização acontecem em diferentes equipamentos sociais em Sapopemba, apoiando-se na arte enquanto forma de expressão e de resgate.

A formação de um sujeito crítico e reflexivo, proativo pode ser construído durante as oficinas, quando se praticam relações não hierárquicas dentro do grupo, promovendo sentimento de pertencimento. Oficinas como a de Maracatu realizada na Sede são importantes para ressignificar as experiências a partir da música, das imagens, das narrativas e do resgate da cultura popular. M. narra que começou a participar das oficinas porque queria aprender a tocar um instrumento e saber mais sobre a cultura popular e relata que se sente parte do grupo desde que começou a participar “lembro que ele (o facilitador da oficina) falou também que eu não precisava me sentir inferior porque eu estava começando agora porque todo mundo estava aprendendo e dividindo conhecimento.

As oficinas atraem e mobilizam a comunidade, principalmente a juventude.

Eu passei um dia lá para ver o que é que tinha de oficina rolando e tal. E aí eu fui lá e vi que tinha inscrição aberta para a oficina de percussão voltada para o Maracatu de Baque Virado. E aí eu comecei a fazer essa oficina era no período da tarde se eu não me engano durante a semana (J. R.).

Eu comecei a participar das oficinas de graffiti. Ai depois, 2009 é que eu escutei o baque... não sabia nem o que era... eu vindo lá de baixo assim ... eu vi o som... eu fui seguindo... quando eu cheguei era no Artur (escola estadual)... Aí cheguei vi aquela coisa... já na hora eu gostei pra caramba já fui seguindo ... E aí eu vi... cheguei lá e meus amigos ainda estavam tocando ... pens caramba ... que negócio bacana.... E aí nesse dia fiquei com eles lá e fui lá para Sede e aí mesmo comecei. E aí rolava uns toques e eu ia junto com os caras...

Oficina de reaproveitamento alimentar e consumo de alimento orgânico são realizadas no Centro Comunitário Joilson de Jesus. O parceiro Pontes da Terra é responsável pela distribuição de alimentos agroecológicos para garantir que uma alimentação fresca, saudável e com diversidade nutricional chegue à mesa das famílias. A distribuição dos alimentos orgânicos causou um estranhamento e fez com que acontecessem as oficinas. R. conta que essa oficina foi importante por falar de direito à alimentação de qualidade e livre de agrotóxico e a possibilidade de aproveitar partes dos alimentos que são descartados pela maioria das pessoas.

A gente teve em novembro um encontro com as meninas da ponte falando sobre o reaproveitamento alimentar... como a gente não foi ensinado a comer tudo, então e a gente desperdiça muito... a gente joga muita comida fora... comida pode sanar a fome de muita gente. Tem produtos que a gente não tem o conhecimento e que pode ser utilizado, que é nutritivo e saudável. Porque é isso... as vezes, assim o entendimento que a gente tem é a de quando chega no mercado. Então quando a gente olha a cenoura é aquilo. E é quando você vai na feira que você pega uma cenoura que tem toda aquela folhagem, já tira e é descartado e como aquilo pode se fazer, porque é um alimento.... e é descartado
Então a gente vem numa perspectiva muito bacana com o Pontes da Terra tanto nesse viés do orgânico quanto dessa questão do reaproveitamento alimentar ... da oficina surgiu uma proposta fazer uma conversa com os feirantes de levar uma caixa para eles depositarem esses alimentos, para que não fossem desperdiçados e que fossem repassados para outras famílias.

Figura 38 – Folder de divulgação do Coletivo Pontes da Terra



Extraído de: folder de divulgação

Para que as propostas levadas para as oficinas possam reverberar no cotidiano é importante propor receitas simples de baixo custo, para que seja acessível e esse é um dos objetivos da oficina de culinária promovida pelo Joilson. Resultado das oficinas de culinária foi a organização de projeto chamado de Mandala dos Sabores do buffet, que vem proporcionando para as mulheres uma fonte de renda, mas também um espaço de cuidado, de troca e de afeto. Então tudo que as mulheres aprendem nas oficinas elas trazem para prática e gera renda para as famílias.

Durante a pesquisa de campo participei dos últimos encontros da oficina de educação ambiental da Sede. As oficinas de educação ambiental têm o objetivo de envolver-se com a questão ambiental do território, principalmente as áreas de encosta e desenvolver atividades relacionadas à melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida, através do plantio de árvores e produção de alimentos.

6.3 A ARTE E A CULTURA

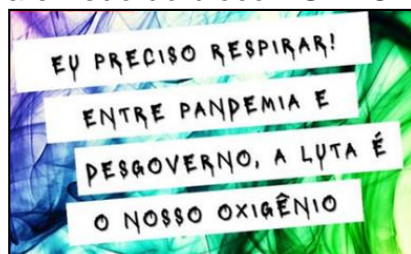
A arte e a cultura são estratégicas para a produção de encontros no território. Uma das características dos coletivos encontrados é a diversidade de linguagens artísticas: samba, maracatu, hip hop, rap, grafite, documentários, saraus, eventos culturais com manifestações de rua e em espaços fechados.

6.3.1 Bloco de Carnaval

Uma das maiores manifestações de rua do país na defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes é o Bloco Eureka, que iniciou suas atividades há 16 anos no Município de São Bernardo do Campo e expandiu suas ações para Sapopemba e São Vicente no litoral paulista.

O Eureka esse ano trouxe a pandemia e o desgoverno como tema do Bloco. O bloco usou o samba-enredo “Eu preciso respirar. Entre pandemias e desgoverno a luta é o nosso oxigênio”.

Samba enredo do bloco EURECA, 2022



Eu respiro, criatividade
No Bloco Eureka vou brincar o Carnaval
Sem fome, com saúde, eu quero estudar
Ser vacinado e ter um teto pra morar

Não fale que é frescura
Se a dor não é a tua
Me escuta...
Que agora eu vou falar

O governo descumpriu o seu papel
Mesmo assim não paramos de lutar

E os movimentos sociais
E redes solidárias
Foram fundamentais

Entre becos e vielas, resistência predomina
 Atrasaram vacina
 Nos deram cloroquina

O gás de cozinha faltou
 À lenha o povo cozinhou
 E a escola, sua distância se fez confirma

Auxílio emergencial
 Um caos na saúde mental
 Desemprego, nos deixou à deriva no mar

O ar faltou
 A luta se expandiu
 Mas não traz de volta quem partiu

Máscaras caíram, o cenário tem que mudar.

CHEGA, CHEGA, eu preciso respirar!
 CHEGA, CHEGA, eu preciso respirar!

Extraído de: Centro Comunitário Joilson de Jesus

O samba-enredo critica o governo, denuncia o descaso com a pandemia, o aumento da miséria e do desemprego.

Figura 39 – Apresentação do Eureka em São Bernardo do Campo



Extraído de: Acervo pessoal

6.3.2 Hip Hop

O Hip Hop é uma manifestação importante da periferia de São Paulo. Para MAGRO (2002), o Hip Hop é um movimento de cultura juvenil que une práticas culturais dos jovens negros da periferia dos grandes centros urbanos. O movimento é constituído pela linguagem artística da música (RAP-Rhythm and Poetry, pelos rappers e DJ's), da dança (o break) e da arte plástica (o graffiti).

No Brasil do final dos anos 80, o movimento Hip Hop, especialmente o ritmo musical rap, tornou-se para os jovens das periferias urbanas um meio fecundo para mobilização e conscientização, como podemos ler na letra do Rap Função Família Febre do grupo Armamentes.

Função Família Febre

Do sistema vamos para cima
 no graffiti ou na rima
 É manifesto protesto,
 porra de pop não sou loki
 Sou só mais um louco do movimento
 Que não nasceu em berço de ouro e não
 comprou talento
 O raciocínio não é lento
 periferia cem por cento
 Ficar parado foi o tempo agora é partir
 pro arrebento
 Para mostrar que a febre que vem da
 leste cresce e é pra trinca
 E causar alvoroço no globo de quem
 está no jogo unindo a mente dos loucos
 Que estão dispostos a correr parasita na
 família mando logo se foder
 Atitude prevalece a humildade tem que
 ter e para você que não quer ver
 A família crescer tem medo da mente do
 proceder humildemente vocês vão ver
 O que é consciente e o que é tv então
 não se assuste lado a lado
 Armamentes raciocínio f cruzado
 Função família febre
 os maloqueiros conscientes
 Quer nos parar então tente rp 13 e
 armamentes
 Que venham com suas armas seus
 canhões
 Nós temos microfones punks nóias
 macacos leões
 Vários anos de corre evolução que
 acontece veja nos muros ff
 Função família febre
 Que venham com suas armas seus
 canhões
 Nós temos microfones punks nóias
 macacos leões
 Vários anos de corre evolução que
 acontece veja nos muros ff
 Função família febre

Varios tombos já tivemos não desistimos
 crescemos
 Corremos atrás do mais mesmo só tendo
 o menos e quanto sacrifiquei
 Pra hoje estar aqui lutei pelo povo pelo
 movimento e as vezes não lutei por mim
 Vi quem eu amava partir conflitos
 mentais sozinho eu a casa vazia papel
 caneta
 Um banza e um vinho muitas vezes
 faltava palavras outras vezes faltava
 emoção
 Mas quando a mente clareava no túnel
 acendia a luz da missão
 Então peço aos meus irmãos que não
 abandonem a luta pois quem não semeia
 Não rega a planta nunca colhera a fruta
 me alegra vê o apetite maracatu tatoo
 graffiti
 O povo metendo o pé na porta mesmo
 se não chegar o convite cultura aqui
 resiste
 A sede faz outros só assistem covarde
 que ataca na calada não faz pela
 quebrada
 Só atrasa é mas também só regride Que
 venham com suas armas seus canhões
 Nós temos microfones punks nóias
 macacos leões
 Vários anos de corre evolução que
 acontece veja nos muros ff
 Função família febre
 Que venham com suas armas seus
 canhões
 Nós temos microfones punks nóias
 macacos leões
 Vários anos de corre evolução que
 acontece veja nos muros ff
 Função família febre Ff família febre,
 agô anama família febre
 A sede família febre
 mulheres do vilela família febre

Que venham com suas gravatas
 camburões
 Nós temos livros alfaias poesias violões
 Vários anos de corre evolução que
 acontece veja nos muros ff
 Função família febre
 Que venham com suas gravatas
 camburões
 Nós temos livros alfaias poesias violões

Vários anos de corre evolução que
 acontece veja nos muros ff
 Função família febre
 Ff família febre
 bairro 13 família febre
 a quebrada família febre
 a sede família febre Família febre e
 Armamentos com o meio ambiente
 Permapopemba
 cultura agô anama na rua

O grupo Armamentos utiliza a música como forma de denúncia do cotidiano da periferia, de resistência e protesto e expressa explícito antagonismo racial e de classe e cria um estilo de confrontar deixando pouco espaço para tolerância, para negociação. Muitos grupos de rappers foram criados, ocupando um espaço de articulação e atuação no campo social, para reivindicar o direito de ser cidadão, participar do mercado de trabalho e para lutar contra a violência e a discriminação. Para MAGRO (2002), o movimento hip hop é um espaço de referência para os adolescentes, que desenvolvem um sentido de comunidade, de identidade radicalizado na experiência social, cultural e étnica.

A família febre é um coletivo de grafite que expressa sua arte pelos muros de Sapopemba.

Figura 40 – Grafite do coletivo Família Febre na Av. Francesco Usper em Sapopemba, 2021



Extraído de: Acervo pessoal

A cidade de São Paulo apresenta a maior gama e diversidade de produção de arte urbana no mundo, de acordo com SANTOS (2019), são dez mil pichadores ativos que inscrevem suas marcas na cidade nos topos, prédios com estratégias particulares de ação. Os pichadores são sujeitos anônimos que querem ser lembrados, suas inscrições são gritos de existência, cheios de significados.

6.3.3 Maracatu

O Agô Anama é um grupo de Maracatu de Baque virado que se encontra semanalmente no Teotônio Vilela e se apresenta em diversos eventos culturais em São Paulo, principalmente na zona leste.

Música: A Sede
Baque: Martelo e trovão

Agô Anama
Eu vejo crianças
Brincando na praça
Eu vejo um terreno
Fértil pra colher
2x

Ago...ago...
Vem trazer esperança pra esse povo.
2x

Cinema, grafite, rap, futebol
A Sede cumprindo papel social
2x

Ago...ago...
Vem trazer esperança pra esse povo
2x

O maracatu é uma forma de expressão da cultura popular e negra brasileira, descrita como uma manifestação cultural performática, inserida nos festejos carnavalescos, em que um cortejo real - composto por rei, rainha, príncipes, princesas, figuras da nobreza, vassalos, baianas, dentre outros personagens - desfila de forma processual, pelas ruas. Os grupos executam uma dança específica e são acompanhados por uma orquestra percussiva, composta por instrumentos como: alfaias, caixas, gonguês, mineiros e, por vezes, agbês e atabaques.

6.3.4 Roda de Samba

As rodas de samba é um grande exemplo de mobilização comunitária: os músicos geralmente são vizinhos e amigos dos moradores, as canções e as composições dialogam com o cotidiano da comunidade. Cada pessoa contribui com aquilo que sabe fazer de melhor: organizar estrutura, tocar instrumento, dançar, cantar ou apenas observando. As rodas de samba atraem grande número de pessoas e é um evento acessível para os sujeitos periféricos. Para CALIXTO JÚNIOR (2014), a grande maioria das rodas de samba em atividade na periferia de

São Paulo tocam composições de pessoas da comunidade, canções desconhecidas do grande público.

A colaboração existe quando cada integrante ou simpatizante da ação cultural contribui com aquilo que melhor sabe fazer: uns tocam algum instrumento, já outros simplesmente esticam a lona na rua para proteger melhor os sambistas e a roda caso chova durante a apresentação.

Para os músicos é necessária a leitura, e para compositores é indispensável pensar na estrutura como se formam textos poéticos para fins musicais.

O Projeto “Essa Biblioteca dá Samba” é um evento realizado na Biblioteca Comunitária Ademir do Santos e Espaço Erê Brincante, na Rua Nova, evento realizado no modelo de co-parceria entre CEDECA Sapopemba, Coletivo Periferia Preta, Samba da Vista, Cooperativa Libertas¹⁰. O objetivo do projeto é fortalecer agitações culturais e sociais transformadoras no território através da promoção de espaços de troca e resistência. A atividade aconteceu nos domingos à tarde e teve entre os seus destaques oficina de instrumentos musicais inspirada na experiência “jogos sonoros e brincadeiras musicais”, exibição de documentário e roda de samba.

Figura 41 – Folder do Projeto “Essa Biblioteca dá Samba”



Extraído de: Folder

¹⁰ A Cooperativa Libertas é uma cooperativa de trabalho e desenvolvimento social, voltada para a conquista da autonomia financeira de mulheres sobreviventes ao sistema prisional <https://www.cooperativalibertas.org/>

O Coletivo periferia promove roda de samba com o objetivo de mover as estruturas e com ela, a sociedade. Para T. S, o coletivo faz música em homenagem a MARIELLES E LUANAS. “É sobre amor e saudade, mas é também um clamor por justiça e igualdade para todas aquelas que seguem semeando e florescendo pelo mundo e quebradas afora”.

6.3.5 Saraus, Encontros e Feiras

Outras formas de promover a mobilização da comunidade é a organização de saraus, encontros e feiras.

Os saraus, por exemplo, fazem com que os jovens enxerguem a sua própria realidade se tornando mais crítico, mostrando um lado mais positivo da periferia, portanto é um espaço de formação política e cultural importante para criação de vínculos afetivos entre as pessoas e com o local onde vivem e de certa forma leva as pessoas a se importarem mais com próprio território, ampliando o sentimento de pertencimento (TENINNA, 2013).

O Sarau é democrático, contestador, com espaços de fala e pautas concretas, nesse sentido a atuação política é entendida em sentido restrito de pressionar o poder público na direção de determinadas demandas. O debate sobre direito é uma pauta dentro dos saraus, assim como o empoderamento individual e coletivo com relações horizontalizadas e valorização das singularidades.

Para TENINA (2013), os saraus da periferia moldam um circuito atravessado por uma rede de frequentadores, que transitam de um bairro a outro, sem levar em consideração as grandes distâncias geográficas, nem as distâncias que impõem a realidade do tráfico e da pobreza.

Além de ressignificar o espaço periférico, o sarau ressignifica o modo de vida, as vivências apreendidas no dia a dia da comunidade, traçando uma estética particular nessas reconfigurações.

No Sarau da Juta o coletivo Periferia Preta exalta as potências periféricas e expõe os atravessamentos do Centro sobre as quebradas. *É fazer barulho para*

impulsionar ainda mais a arte que brota sem aviso ou apoio a partir da união de coletivos e grupos de outras quebradas cidade afora (T.S).

O Sarau da Nova é uma atividade bimestral desenvolvida pelo Núcleo de Cultura do CEDECA Sapopemba. A atividade acontece no Espaço Cultural e Brincante Rua Nova, localizado na favela do Parque Santa Madalena. Acontecem roda de capoeira arte erê, slam, danças urbanas, samba e choro, espetáculo de ballet, apresentação da bateria do EURECA Sapopemba, dentre outros. O Núcleo de Cultura CEDECA Sapopemba e a Biblioteca Comunitária “Ademir dos Santos” são os principais responsáveis pela organização do Sarau desde 2016.

O coletivo mulheres da vilela organizou um sarau durante a pandemia, em comemoração ao dia das mulheres. Em agosto organizaram uma feira de mulheres empreendedoras. Os dois eventos contribuem para incluir as mulheres que moram no território, para troca de experiência.

M. conta que fez a curadoria para apresentar a proposta do sarau, conhecer o perfil das artistas e saber mais sobre a vida delas, principalmente a trajetória artística. Foi feito roteiro para fazer a *live*. Então cada uma na sua casa. Isso foi em março de 2021. Escolhemos 4 artistas para se apresentarem.

Figura 42 – Convite do Sarau das Minas e da Feira das Mulheres

Mulheres do Vilela Apresenta:

SARAU DAS MINAS

14 de Março
20:00 horas

PELO INSTAGRAM @MULHERESDOVILELA

- Convidadas especiais
- "Mic" aberto
- Sorteio

Mediação por Mariana Rodrigues

KIM
Poeta e dançarina

Carolina Das Santos
Poeta e cantora

Patricia Borges
Poeta e ativista

Nay Carvalho
Cantora e Multi-instrumentista

O COLETIVO MULHERES DO VILELA APRESENTA:

FEIRA DAS MULHERES

Venha prestigiar e fortalecer os trabalhos das mulheres autônomas

ECONOMIA SOLIDÁRIA
BRECHÓS • ARTESANATOS • ACESSÓRIOS • DOCES E SALGADOS
TARDE SONORA COM: NAY CARVALHO E CAROLINA DAS SANTAS

Rua Francesco Usper, 539
Teotônio Vilela
Dia 21/08 das 14:00 às 20:00

EVENTO AO AR LIVRE
SERÁ ESSENCIAL O USO DE MÁSCARA

Extraído de: <https://www.facebook.com/mulheresdovilela/photos/pb.100063497033804.220752000.1124299826365506/?type=3>

As feiras de economia solidárias têm se tornado cada vez mais frequentes como uma opção de enfrentamento ao sistema capitalista. O processo de produção e comercialização não tem como único objetivo o lucro, e sim as possibilidades e fortalecimento de outras formas de relação de trabalho que se contrapõem ao modelo vigente. A participação e a solidariedade são formas de enfrentamento à desigualdade, pois propiciam engajamento social e um senso de comunidade.

Para J. G., *“as trocas de saberes e afetos cada vez mais naturais se desenhou junto a essas mulheres, ativistas, produtoras, mães, trabalhadoras, inventoras, sábias e construtoras de sonhos a ideia de uma feira”*.

A organização de encontros de mulheres no território tem contribuído também para a inserção em grupos culturais.

No início era um grupo de pessoas e em 2019 era um grupo de mulheres, não tinha um nome a gente só queria muito se reunir e fazer aquilo e concretizar então a ideia do encontro de mulheres era a de fazer um de encontro de dez horas. Então começou às 10 horas da manhã e foi até às 10 horas da noite. Aí nós planejamos em fazer chamar pessoas que são conhecidas. Porque era algo voltado para o público feminino, mas assim sempre lembrando que a gente não podia discriminar ninguém.

A gente resolveu também abrir um espaço já que a gente estava falando sobre o espaço e espaço de convivência cultural e levar mulheres da região que trabalham com arte que cantam tocam. Para se apresentar nesse dia em que nós tivemos no período da tarde até a noite foram só apresentações culturais apresentações de cantoras tiveram o grupo de cultura popular

A companhia de cultura popular de Lele de Yoá que é um grupo da zona leste de São Paulo de Itaquera. Elas foram. Elas se apresentaram em 2019 e e algumas meninas também do Hip Hop. Chamamos uma DJ então a gente se preocupou muito de deixar esse espaço mesmo pra mulher.

Fizemos o convite para as mulheres participarem das rodas de conversa e fizemos um brechó e um bazar.

E foi muito legal assim porque a gente não tinha dinheiro para nada nesse evento, mas a gente conseguiu pagar uma ajuda de custo para todas as convidadas, garantindo o transporte e a alimentação. A gente conseguiu fazer com a estrutura foi bem legal e além das apresentações além das apresentações tiveram rodas de conversa e uma prática de yoga.

6.3.6 Filmes e Documentários

O espaço Periferia Preta promove encontros mensais para exibição, conversa, análise e reflexão de filmes. Mensalmente é selecionado um filme que dialogue com a temática do encontro, mas que principalmente contemple aspectos da conjuntura atual e questões do território.

Figura 43 – Convite para debate sobre filmes

19 DE MARÇO **SÁBADO AS 15H**

INSURGÊNCIAS CINE AIDS POSITIVAS II

FLIP COUTO **WELTEN SANTANA**

ESPAÇO PERIFERIA PRETA

OXFAM AMEM Visual AIDS PERIFERIA PRETA

Cine Clube e Periferia Preta apresentam:

NOSSA HISTÓRIA INVISÍVEL
2ª TEMPORADA

19/10 às 19h

SESC Belenzinho
Local: Espaço de Tecnologias e Artes

05/11 (sábado) | 18h30

Local: Periferia Preta - Espaço de Artes Pretas e TLGBQIAPN+
Av. Sapopemba, nº 11426 (próximo a estação Sapopemba)

Exibição dos filmes:
À beira do planeta mainha soprou a gente (13 min)
Minha história é outra (20 min)
O L de lésbica (4 min)
Para costurar folhas secas (8 min)

AFETOS E NEGRITUDE
"vivendo de amor"

Cine Clube e Periferia Preta apresentam:

Um filme de **ARIEL NOBRE**

PREMI DIZER QUE TEM AMOR

21/09 às 19h

SESC Belenzinho
Local: Espaço de Tecnologias e Artes

Extraído de: <https://www.facebook.com/periferiapreta/photos>

Mensalmente o Coletivo Periferia Preta seleciona filmes que dialoguem com a temática do encontro, mas que principalmente contemple aspectos da conjuntura atual e questões do território.

Durante a pesquisa de campo, identifiquei algumas produções feitas pelos coletivos: o documentário Sapopemba 2072 e o curta metragem “mulheres além do tempo”.

O documentário Sapopemba 2072 produzido pelo coletivo Periferia Preta conta parte da história de luta do território, que, além das desigualdades históricas, tem vivido a pandemia de maneira aguda.

No documentário partimos do princípio de uma hipótese, ideia ou vontade de contar uma história que entendemos que precisa ser contada pelo nosso viés, e é importante que seja registrada e publicada, para temos certeza do valor daquele documento (T. S).

Figura 44 – Card do documentário “Sapopemba 2072”



Fonte: <https://www.facebook.com/periferiapreta/photos/5236226069806716>

Outra produção de impacto, produzida pela Coletiva Emana, é o curta metragem “Mulheres Além do Tempo”, que revela formas existentes de opressão que incidiram e incidem sobre as “corpas” de 8 mulheres da quebrada com mais de 45 anos, assim como os elementos de empoderamento e resiliência utilizados para sobreviver cotidianamente diante do machismo e do patriarcado.

Figura 45– Card do documentário “Mulheres Além do Tempo”

**MULHERES
ALÉM DO TEMPO**

Curta Metragem (2020)

→

@coletivaemana

O processo simbólico e narrativo foi desenhado a partir da subjetividade do preparo do **café** em uma dose individual como ação provocativa desta descoberta, passo a passo, diante dos depoimentos das mulheres.

→

@coletivaemana

SINOPSE

Ultrapassar o tempo é caber em outro. Dar espaço a ótica, as vivências e a novos tempos. Questões estas tão evidentes que se assemelham em outros corpos vibráteis compondo a organização da vida em luta.

Dar voz, imagem e som. Mulheres que se veem em outras mulheres. Mulheres que olham e se reconhecem na força que tem".

→

@coletivaemana

A materialidade da criação cinematográfica foi construída a partir de narrativas/depoimentos em uma construção imagética - não linear - percorrendo provocações sobre o que é o Feminismo (dentro dos seus mais diversos recortes).

→

Extraído de: <https://www.facebook.com/coletivaemana/photos/pb.100028372047285.-2207520000./1825829074267724/?type=3>

A produção de um documentário requer a realização de uma pesquisa de campo, planejamento e improviso. Efeitos especiais, atuação, roteiro estruturado, são elementos importantes para a criação, que, apesar de ser planejada, pode ser alterada durante o processo. Para SOARES (2007), o cinema documental é uma arte de responsabilidade e descoberta, até mesmo um laboratório para o próprio cineasta que se aventura no gênero. O caminho do registro pode tomar caminhos inesperados, dramáticos e incontroláveis, em que o documentarista tem a responsabilidade de criar recortes e construir a narrativa que lhe parece adequada.

6.4 PRODUÇÃO DOS ENCONTROS: ações multiestratégicas e intersetoriais

Ações multiestratégicas e intersetoriais é um dos princípios da promoção da saúde que é estratégico para alguns coletivos, para que possam desenvolver suas atividades através das parcerias com diferentes atores.

Alguns coletivos formam uma rede de apoio social no território, trabalham em parceria e se articulam com alguns serviços, como saúde e educação.

A gente iniciou um processo muito massa na periferia Preta que faz parte de saúde... primeiro a gente acredita muito sobre esse lance dos sonhos do bem-estar e a saúde mental a gente sempre achou que é um ponto muito importante. Até como amigos e parceiros de trabalho a gente começou a ter que fazer terapia juntos ... se ajudando, mas a gente iniciou um projeto com a Secretaria Municipal de Saúde que é para falar sobre a prevenção de HIV Aids e ISTs. Então eu e uma galera, a gente faz uma articulação no território de conscientização para a prevenção dessas doenças.

O Espaço de Artes Pretas e TLGBQIAP+ virou um ponto de entrega de exame rápido de HIV. É um projeto novo em parceria com o coletivo zoom e com o Serviço de Atendimento Especializado DST/AIDS Herbert de Souza Betinho.

A gente ficou muito feliz de poder fazer parte com todas as nossas atividades da rua... a gente leva uma mesa com insumos... troca ideia com a galera sobre prevenção. A gente fez um sarau na praça e a Secretaria Municipal de Saúde, levou uma van para orientar a galera sobre prevenção porque a galera percebeu muito que a galera hetero acha que não precisa de camisinha. Só que aqui em Sapopemba a maior parte das pessoas HIV positivas são mulheres são mulheres que tem relação com homens, casadas com homens (T.S).

Figura 46 - Card do evento Profilaxia Pré-Exposição ao HIV (PrEP)



Fonte: <https://www.facebook.com/hashtag/preparua>

Esse projeto, seja da periferia preta, seja do coletivo Zoom, é importante porque é preciso dialogar com as mulheres, principalmente as casadas, pois ainda há muitos estigmas a respeito do uso do preservativo e de que é uma doença de gays, de travestis, como era há quase 40 anos.

O movimento de defesa da infância e da juventude também desenvolve ações em parcerias: CCA's, CEDECA, CDHS e o Centro Comunitário Joilson de Jesus se articulam com a AMPARAR e com o Coletivo Periferia Preta.

A unidade de Saúde do Parque Santa Madalena é parceiro dos coletivos do território e participa ativamente da horta comunitária do Jojo, através do agente de saúde ambiental, que é um dos idealizadores da horta e dos Agentes Comunitários de Saúde. A horta também movimenta a parceria com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Brasília Machado Neto, que cedeu o espaço e mobiliza alguns alunos para o plantio e manejo.

Várias outras ações são desenvolvidas na comunidade com vistas à formação e garantia de direitos e ampliação da potência de vida, como passeios culturais, apresentação da orquestra sinfônica, teatro, cinema, exposição de filmes e documentários, curso de saboaria artesanal, oficina de customização de roupa, oficina de bordado, aula de ritmos, alfabetização de crianças, jovens e adultos, gincanas, oficina de panificação, acompanhamento psicopedagógico, oficina de capoeira, visita a outros espaços de mobilização social, distribuição de alimentos orgânicos, aula de ballet, tarde de brincadeiras, leituras e reflexões, aulas de

reforço escolar e francês, orientação e encaminhamento para acessar benefícios sociais. Encontramos espaços de contação de histórias, na Biblioteca da Rua Nova, no Joilson, na Periferia Preta, que mobiliza principalmente crianças, propiciando a interação entre contador e os ouvintes, já que o corpo e a voz permitem vivências comunitárias, divertindo e estimulando a imaginação.

7. AFETOS E EFEITOS PRODUZIDOS PELOS ENCONTROS

Os encontros no território causaram sentimentos contraditórios: tristeza por ver tanta miséria e alegria por perceber que existe uma rede de apoio de ajuda. Há situações que provocam tristeza e raiva, principalmente quando se percebe que há situações que vêm justamente de um sistema perverso que foi feito para matar o pobre favelado. Isso é revoltante, é muito triste. Já as ações de cooperação com as famílias fortalecem e provocam sentimentos de esperança. A felicidade de poder conviver com as crianças, de superar a timidez transcende as expectativas. Sinto nostalgia de retornar às origens e me afeto desejando dar o retorno daquilo que recebi. Sinto que a minha história de vida está atrelada a minha história nos movimentos sociais. Sinto um respeito muito grande por todas as pessoas que fizeram e fazem parte dessa história de luta, sinto muito respeito pelos meus ancestrais. Eu tenho muito orgulho das minhas origens e sou muito grata porque eu aprendo todos os dias. Acredito que, quando você trabalha com aquilo que acredita é tão bom, porque faz sentido. Tudo faz sentido. Como você enxerga o território que você vive. Como você enxerga o seu fazer. É possível disputar novas narrativas, novos espaços. A coletividade me fez entender que eu não sou sozinha o que me encorajou a ocupar certos lugares que pela lógica são espaços que eu não deveria ocupar. Então, a coletividade é o que me move, é o que me faz ser quem eu sou hoje. Eu não me vejo fazendo outra coisa a não ser a educação. A educação popular. Sou educadora porque eu acredito na base e o meu foco é compartilhar meu conhecimento com quem está na base comigo.

As narrativas trouxeram elementos como a história de luta e de conquista durante o processo de ocupação do território, que permite o reconhecimento das potencialidades locais, o resgate da ancestralidade e por consequência a afirmação da identidade, formando sujeitos sociais críticos e solidários com engajamento e participação na luta por direitos. Esses elementos permitem entender as relações construídas e compartilhadas nos encontros no território que podem ampliar a potência de vida, e, portanto, produzir saúde.

7.1 ESPERANÇA: partilha de memórias de lutas e conquistas

Segundo BAGNO, SILVA e PINTO (2014), a partilha das memórias e experiências de uma comunidade, sobretudo para os mais jovens, traz em si a oportunidade de maior envolvimento intergeracional, comunitário e de ampliação do sentimento de pertencimento ao grupo e ao lugar.

Seu C., ao narrar a história dele e da associação, lamenta a falta de registro, fotos e filmes: *naquela época a gente não tinha, mas se a gente tivesse filmadora, daria um longa-metragem, dá muita história, muitas fotos e muitas fotos, mas as pessoas também foram perdendo.*

FERREIRA (2018) fala da importância dos registros que pôde levantar durante a sua pesquisa de campo para a construção de sua tese de doutorado, para que as futuras gerações saibam da história a partir das memórias de quem estava lá. A sua tese deu voz a 21 pessoas que participaram do movimento moradia, dentre eles: o padre Baresi, padre Comboniano, que esteve aqui na fazenda da Juta na década de 70 e que ajudou a organizar e fortalecer a comunidade para negociar junto aos donos da Fazenda para que houvesse a desapropriação.

O Padre Parese faleceu em 2018, mas no livro está registrada a memória a partir do depoimento dele. Em 2020, com a pandemia, quatro pessoas que deram depoimento para este livro também faleceram. Então é uma memória que está registrada e que eles deixaram. Me orgulho muito de ter tido tempo hábil de registrar essa memória ...muitas lideranças estão bastante idosas e já não estão mais no Brasil e que também tiveram tempo de registrar as suas memórias e que são exemplos para a gente pensar como nos organizarmos na atualidade para continuar este legado que deixaram para a gente.

O sentido é exatamente este que essa memória dessa luta dessa caminhada esteja registrada para que a juventude que as pessoas não esqueçam de todo esse caminhar que esse período de conquistas para que haja uma continuidade de melhorias e que um assentamento que possa fazer parte da cidade e que tenha mais cidadania, vida, dignidade, que nenhuma pessoa precise estar sozinha ou desamparada por falta de espaço de organização social e de moradia. Esse é o sentido de registrar essa memória coletiva (D. F).

Na categoria “memória coletiva”, criada por Halbwachs, a memória deixa de ter apenas a dimensão individual, tendo em vista que as memórias de um sujeito nunca são apenas suas, ao passo que nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social. A lembrança necessita de uma comunidade afetiva, construída através do convívio social que os indivíduos estabelecem com outras pessoas ou grupos sociais, a lembrança individual é então baseada nas lembranças dos grupos nos quais esses indivíduos estiveram inseridos (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993).

7.2 AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE

Outra relação construída a partir dos encontros no território é o reconhecimento e o resgate da identidade e da ancestralidade de um povo. Quando falamos sobre identidade, estamos falando de pessoas negras, indígenas e periféricas. O resgate da ancestralidade e o entendimento da identidade estão diretamente interligados ao entendimento da opressão da população negra e indígena na construção do país e a um processo de resgate da autoestima ou de chegada à autoestima.

Ju G narra que foi no encontro com a cultura popular e com a Sede que ela se ligou a sua história de mulher negra, filha de nordestinos. As oficinas de maracatu, jongo e roda coco foram importantes para esse resgate.

Eu cresci na periferia, eu cresci na Cidade Tiradentes e sempre tive esse desejo de fazer algo nesse espaço que é periférico. Eu não tinha muito conhecimento das culturas populares e eu estava iniciando ali também, mas eu sentia algo muito ligado à minha ancestralidade e ligada à minha história.

O Brasil é um país construído através de trabalho escravo, negro e indígena. A construção das desigualdades fez parte do modelo de desenvolvimento implementado. Então, o resgate desta origem, daqueles que construíram o país, e o resgate da memória e da ancestralidade para o reconhecimento do processo e identidade é fundamental para pensar o futuro (PEDREIRA et al., 2018).

De acordo com PEDREIRA et al (2018), essa consciência da ancestralidade, de reconhecimento e pertencimento acontece quase que diariamente.

Conseguimos entender que a população preta e indígena não é apenas o que está sendo colocado pela história. É extremamente necessário que todos conheçam o passado para saber para onde estamos indo e o que precisamos para poder sair desse lugar onde fomos colocados. É algo a se pensar o fato de que vivemos em um país que, em sua maioria, negro, mas cuja cultura exclui e coloca essa população num lugar subjugado.

... a minha mãe é do Piauí e o meu pai é do Maranhão.... Eles não me falam muito sobre o contato que eles tinham. Só me falou que foi uma vida muito sofrida e tal... mas essa coisa da cultura mesmo... eles não me falam muito... então eu só entendo que essas linguagens culturais... a cultura popular ela conversa comigo porque há algo lá atrás do meu passado tenho uma ligação muito forte e lá eu consigo te dizer que eu sei que tem uma ligação com a minha ancestralidade com os antigos e talvez mulheres. Não sei não conheço muito da minha história é isso... eu tenho desejo muito grande de saber um pouco da minha história.

O colonialismo transformou a forma de pensar de vários povos e culturas, modificando também o modo como se desenvolveu as relações de poder. Para FANON (1961), citado por SANTOS (2020), o racismo é um problema de alienação psíquica, um problema que se projeta para o campo das causas psicológicas do sujeito e na forma como ele pensa e existe no mundo, e isto vai refletir a forma como ele exercita a reflexão de sua atuação social e de sua representação, e mais que isso, a forma como ele interage com seu passado histórico e, ideologicamente, o configura.

eu sei que tenho uma ligação muito forte com a minha ancestralidade e com a minha ancestralidade. Os meus pais eles são nordestinos ... então eu só entendo que essas linguagens culturais essas a cultura popular ela conversa comigo porque há algo lá atrás do meu passado ... tenho uma ligação muito forte e lá eu consigo te dizer que eu sei que tem uma ligação com a minha ancestralidade com os antigos e talvez mulheres.

Eu jamais imaginaria que o maracatu fosse me tocar tanto e quando eu pego um tambor quando eu toco me vem uma energia muito potente assim é uma ligação mesmo com aquilo que é sagrado né. E mesmo eu não sendo de uma religião de matriz africana. Eu não sou do candomblé não sou da Umbanda. Mas eu entendo que tem algo muito forte dentro dessa manifestação cultural que me liga com a ancestralidade. Eu sei que tem algo muito forte que me liga com a minha ancestralidade. Eu respeito muito, muito mesmo...

Esse resgate da história e da ancestralidade faz com que as pessoas lutem para que a história não se repita, pelo contrário, fortaleça o desejo de mudança. É

saber que existe um lugar de fala para resistir, re-existir. É exigir respeito às práticas culturais e fomentá-la. F. fala de como o Maracatu mudou a sua vida: *através do Coletivo Agô Anama eu fui estudar maracatu, o que era?... o que tem a ver com a minha ancestralidade. Antigamente eu era da Igreja e hj eu sou da religião... então através do maracatu que eu me encontrei. É ter orgulho do seu lugar de fala. Eu acho muito importante esse papel que a gente tem assim. De levar uma informação de até fortalecer o trabalho de artistas aqui da região e da gente se desenvolver também como artista nesse processo a gente se descobrindo. Eu acho muito bacana a troca que a gente tem de informação tanto nos processos entre nós do coletivo quanto em tudo o que eu vou fazer.*

7.3 FORMAÇÃO, EMANCIPAÇÃO E COMPROMISSO ÉTICO

Os encontros no território são espaços de formação política e ética. Nos anos 80 foram essencialmente as igrejas, as agremiações das escolas, os sindicatos e as formações de base partidárias. A partir dos anos 90, as organizações sociais não governamentais, as ONGs, protagonizaram os ambientes de formação política. Já nas duas primeiras décadas do Século XXI, a formação política se deu através de coletivos autônomos de cultura, ativistas e políticas públicas de acesso à universidade.

Os jovens formados desde a infância, através dos coletivos autônomos com essa perspectiva emancipadora se tornaram multiplicadores e atuam de forma significativa devido a sua vivência.

T. S narra que começou nas artes muito nova quando era menina de 7 anos. Graças a projetos culturais do território, assim como é o Periferia Preta hoje.

Com sete anos de idade eu comecei a fazer teatro na rua detrás da minha casa e eu continuei fazendo sempre participando de cursos gratuitos, serviços públicos ou serviços de coletivos do território ... acho que daí que veio minha vontade... minha vontade e das minhas parceiras de abrir um coletivo e dar continuidade nessa história porque foi a partir desses projetos que a gente se percebeu artista, se percebeu nossa potência... a gente quer continuar para que outras crianças adolescentes também se enxergue como potência como artista...

Para T. S., o fazer artístico pode ser muito amplo e libertador e que é possível criar novas formas na periferia. A periferia pode criar a sua própria arte e fazer artístico. *Eu comecei muito nova e nunca paguei um curso para fazer teatro. Eu sou das múltiplas linguagens ... eu me formei como atriz, mas sempre fiz aula de dança, de literatura, fui para vários campos das artes... fui para a escola de teatro, onde eu me formei...lá em Santo André me formei lá como atriz. E sinto que preciso compartilhar o saber que eu adquiri fora do território com os meus.*

Os espaços de formação política modificaram socialmente não apenas os sujeitos participantes, mas também impulsionaram transformações nas suas famílias e nos seus bairros, criando outras possibilidades de ser e ocupar espaços na sociedade, principalmente pelo acesso ao direito à educação.

A formação em direitos humanos impulsionado pelas experiências dos coletivos no território envolve compromisso ético, relações afetivas e intencionalidade política. E essa intencionalidade deve ser a emancipação, portanto, requer a vivência de um movimento de ação-reflexão-ação, movido por inquietações, desejos, angústias, ousadias, afetos, compromissos e descobertas.

São as contradições, os conflitos e a diversidade apresentada pelo contexto social que convocam e provocam a formação de sujeitos sociais críticos e de consciência política.

Algumas pessoas não conhecem e antes de vivenciar os espaços de formação, imagina que estamos doutrinando e é muito ao contrário, muito ao contrário as crianças trazem, elas são extremamente provocadoras e isso é proporcionar um espaço para que as crianças possam falar possam contar a sua história e possam criar ... é falar de direitos de infância a partir da perspectiva deles o que eles desejam, o que eles precisam. Então não é o adulto falando do que eles precisam. É um movimento muito interessante, que existe há 30 anos, mas que nasce junto com o ECA então por isso que eu trago muito isso.

Para M., esses espaços culturais de formação política possibilitam descobrir novas habilidades.

Eu sou bem tímida em questão de ter que me mostrar. Nesse lance de fazer *live* eu fui descobrindo sabe que. Que eu realmente levo, levo jeito para isso de trocar a ideia de criar uma pauta e de apresentar de fazer a parte da comunicação até o lance dos *flyers* foi uma parada que eu acabei gostando muito de fazer também. Então eu estou descobrindo habilidades que eu não botava tanta fé

antes. Eu até estou pensando em fazer outros cursos assim para me especializar. O lance da produção audiovisual eu tinha feito o curso, mas nunca trabalhei na área, mas as atividades que a gente tem desenvolvidos. Eu acabei praticando. Se eu tivesse feito do zero eu teria ficado muito mais perdida. Então foi uma forma também de praticar o conhecimento que eu tinha adquirido antes.

Muitas lideranças que entrevistei conseguiram acessar o ensino superior através dos programas governamentais das duas últimas décadas. A formação no ensino superior graduação e pós-graduação se tornou uma realidade para uma parte, mesmo que pequena, da população pobre periférica, ampliando a possibilidade de fazer uma leitura crítica da realidade e das experiências vividas, promover autonomia e empoderamento.

Minha mãe dizia que a herança que eu tenho para dar para vocês é o caminho da escola ... ele é libertador, a gente deve buscar a emancipação, buscar a liberdade, buscar ampliar o horizonte através dos estudos. Então eu comecei a fazer a graduação de Filosofia lá no final da década de 80, mesmo como educadora social e com baixa remuneração. Como eu era educadora social e educadora da Pastoral dos menores Dom Luciano Mendes me ajudou a conseguir uma bolsa de estudo e eu estudei por três anos. Fiz filosofia justamente para pensar e tenta entender o porquê de tanta desigualdade social por que tantas diferenças porque um filho de uma família pode estudar e porquê que o outro se não tiver uma bolsa de estudo não consegue.

Eu estudei no mestrado e doutorado com bolsa de estudo integral por conta de gestões populares e governos que acreditam na potencialidade da juventude assim como o ensino como direito universal para todos não excludente, não escolhendo quem é o filho de rico quem é o filho de pobre né. E assim ter feito esse caminho. Eu me vejo representando toda uma população de pessoas já não tão jovens, quando eu fiz a defesa já tinha 56 anos. Então a gente pode ter a oportunidade de estudar um tanto tempo com tanta dificuldade exatamente porque o país chegou nesse estágio de avanço de democracia de partilha de poder e de direitos. Infelizmente agora a gente está vivendo um retrocesso grande, mas a gente tem que resgatar esse caminho democrático porque assim a educação é ela que liberta, é ela que amplia o nosso caminho e amplia nossos horizontes. é esse o sentido de muita gratidão e muita satisfação mesmo.

Tive muita motivação para eu persistir e ocupar esse espaço acadêmico e mostrar que a nossa luta popular é a nossa luta social ela é uma ferramenta da academia e o saber acadêmico. Tudo o que a gente consiga é levada a nossa história. Ela é uma ferramenta potente de Luta para nos empoderar mais para nos trazer mais cidadania e dignidade. E esse não é uma coisa pessoal e essa é uma conquista que é coletiva (D. F.).

FREIRE (1967) defendia essa conscientização sociopolítica como contraponto para as desigualdades sociais. Em “Educação como Prática da Liberdade”, assinalou que a palavra podia deixar de ser difusor das ideologias alienantes para tornar-se ferramenta de transformação.

Atuei durante muito tempo no Instituto Daniel Comboni... é uma entidade que está no território e que está aí para potencializar os jovens, as famílias, as crianças... então, é devolvendo pra comunidade o que eu recebi também porque tenho consciência que eu estudei com uma bolsa de estudo e aquele estudo ele é pago com o imposto ... então o que a gente recebe gratuitamente da universidade é o nosso dever devolver gratuitamente para beneficiar a comunidade também. Então se o dinheiro não deve estar acima de tudo tem que ter a consciência ética né. Tinha consciência ética política. Insisto e acredito muito nessa perspectiva e a Carolina me inspira a cada dia catando pedaços de história e reconstruindo e ampliando. E colocando em evidência.

Para TORTORELLA (1997), a ideia é a de que a consciência ética coincide definitivamente com o conhecimento da realidade a ser transformada. A tomada de consciência das necessidades, que a inserção no ensino superior produz é uma forma de emancipação.

7.4 SOLIDARIEDADE CRÍTICA

Ações de solidariedade são práticas de grande parte dos coletivos, principalmente porque essa pesquisa foi realizada durante a pandemia. Contudo as ações são acompanhadas de reflexões críticas, acerca do direito e da luta para alcançar a cidadania.

Agora que está em período de chuva que ainda há pessoas perdendo casas, a enchente tomando os barracos que era algo que passava na minha infância. Mas ainda há a coletividade em ajudar ainda a mobilização e cobrar o poder público.

GARRAFA e SOARES (2013) criticam a solidariedade de cunho assistencialista, por ser uma ação que não contribui para mudanças efetivas e transformadoras na vida de quem é assistido de forma passiva do ato solidário, que

pode até resolver uma situação momentânea de inequidade, mas que não tira as pessoas de forma efetiva da situação encontrada. Geralmente são ações voluntárias assistencialistas, unilaterais e passivas.

A gente tem observado que muitas famílias têm passado por situações de falta de renda e alimentação. A gente tem feito lista para gente arrecadar alimentos para levar para dentro da comunidade do Promorar.

Para GARRAFA e SOARES (2013), a solidariedade deve possuir critérios capazes de ajudar as pessoas a identificar as dimensões sociais e políticas indissociavelmente presentes na relação solidária. Assim a solidariedade não se esgota enquanto relação característica da sociedade civil. Ao contrário, possui um cunho político que tem como referência o Estado, no que se refere à cidadania e à possibilidade de intervir de forma ativa na definição de políticas públicas.

Essa questão foi levantada em alguns momentos no campo, principalmente nas ações de solidariedade realizada pelo CEDECA, CDHS e pelo Centro comunitário Joilson de Jesus.

R. coloca que sempre que vai entregar uma cesta básica, esclarece que:

Eu não estou fazendo isso porque sou legal, faço porque você tem esse direito: direito a alimentação e ninguém pode te tirar isso. Então quando a gente consegue ver que o direito do outro foi garantido e que ele tem essa consciência, de que ele pode isso, porque é um direito dele e não porque alguém foi legal, estamos cumprindo com o nosso papel.

É preciso esclarecer que todo mundo tem direito à alimentação. Para R., é preciso romper com o ciclo desse assistencialismo vinculado à questão da cesta básica.

A gente precisa garantir a alimentação. É bom sempre deixar isso claro para a família para quem vai receber que é um direito dela não é porque aquele espaço é bacana é um direito dela. Então em qualquer espaço que ela vá ela sabe que é um direito dela e que ninguém pode negar.

SELLI e GARRAFA (2005) consideram que essas ações e intervenções devem privilegiar o respeito ao pluralismo moral e a construção de transformações

sociais includentes A identidade da solidariedade crítica está centrada no comprometimento do sujeito em suas intervenções e ações orgânicas, visando proporcionar ao “outro” a conquista da autonomia, livre de paternalismos ou de qualquer outra forma de assistencialismo e autoritarismo, cuja expressão histórica concretiza-se no exercício da liberdade individual consagrada na Carta dos Direitos Humanos e da Constituição brasileira.

Os estudos sobre a solidariedade crítica têm como base a participação democrática das pessoas, proporcionando ferramentas concretas para que estas consigam sair da situação de vulnerabilidade. Sugere ações voluntárias relacionadas principalmente com políticas públicas direcionadas à organização social e que tenham como objetivo a redução das desigualdades sociais. Esse tipo de cooperação promove o desenvolvimento social e econômico, estimula a autoconfiança dos participantes, traz dignidade às pessoas envolvidas e mobiliza grupos sociais (GARRAFA; SOARES, 2013; SELLI; GARRAFA, 2005).

E hoje a gente está tão imerso a estar protegido por conta desse desgoverno ditar que as pessoas acabam tudo o que que recebe e porque o outro é legal. Acho que às vezes também compreender um pouco essa questão do que é o meu direito. Por que tantas violações que a gente vem percebendo que a gente vem assistindo e quando o outro recebe uma coisa que é de direito ele acha que a pessoa é bacana que ela é legal e quando na verdade não é isso não tem que ser não deveria ser.

Para os autores a capacidade de entender essa dimensão, que se refere à cidadania e à possibilidade de intervir de forma ativa na definição de políticas públicas, também caracteriza tal dimensão crítica. O exercício da solidariedade crítica proposto, quando realizado de forma democrática e bilateral, promove a cidadania, sendo, portanto, diferente da solidariedade assistencialista, que sufoca a autonomia, causando dependência e baixa autoestima

7.5 CONSCIÊNCIA CRÍTICA. ENGAJAMENTO E PARTICIPAÇÃO

O grande desafio dos coletivos, ao mobilizar, é tocar a emoção das pessoas, para que estas se mobilizem e tomem a decisão de se engajarem em algum

movimento. Fatores ligados a questões culturais, históricas e políticas também determinam a decisão de participar. Esta questão está diretamente ligada à experiência histórica de um povo e à sua tradição em relação a uma consciência participativa.

Eu era apenas mais um integrante na Sede.... ia por conta própria não tinha tanta responsabilidade comparado ao que é hoje. Foi aí que eu me envolvi... eu estava sem trampo, sem nada também com a cabeça doída... eu preciso fazer alguma coisa. Eu tinha a chave ... aí eu precisa fazer alguma coisa ...aí ... eu levava lá uns vasos e comecei a fazer isso, plantar... aí eu enchi a Sede de Plantas.... aí envolveu o meio ambiente também. Aí teve um projeto envolveram tudo, graffiti, hip hop, maracatu, meio ambiente... e aí veio o futebol também e aí a gente conseguiu ter recurso para gerir o espaço, pagar as contas e fazer as oficinas (D.).

Ao se comprometer, D. está tomando consciência do seu compromisso com o mundo. Para FREIRE (1996), ter consciência crítica é um compromisso histórico, que implica:

Saber que não apenas estamos no mundo, mas com o mundo e pelo mundo; da mesma forma, que somos seres condicionados e não determinados, e que, portanto, nossa possibilidade de transformar a realidade que nos oprime e nos explora é a mesma possibilidade dialética que rege a história da humanidade e nos permite produzir novas formas de viver em sociedade...

Saber que sonhar passa pelo desejo de uma forma justa, fraterna e humana de viver em sociedade; este é o primeiro passo para a transformação social.

Saber que a utopia é possível.

Para FREIRE (1979), a conscientização é o processo de desenvolvimento de saberes a respeito das condições materiais nas quais os indivíduos estão expostos. É ter consciência de sua situação de classe, para que possa se organizar e vir a ser humano.

R., em sua narrativa, questiona essa lógica do capital desenfreado e de como isso impacta na nossa vida

... é aquela coisa da gente ser rápido... a gente tem que ter mais celeridade nas coisas, então vai tornando as coisas mais prática. Então olha você não precisa perder seu tempo cozinhando, já tem tudo na geladeira e você só descongela e põe na mesa e como essas coisas elas vão sendo criadas e a gente acaba entrando nisso sem perceber. E isso impacta nas nossas relações mesmo porque a questão de produzir o alimento dentro da sua casa é todo um ritual. Tem toda aquela questão da cozinha ser o centro da casa o coração da casa e com isso você já tem tudo pronto praticamente mastigado. A gente só põe na mesa e sai porque a gente tem que ganhar tempo a gente está dentro de cada um nessa hora e a gente vive atrasada.

A gente vive correndo porque a gente está sendo projetado para isso. A gente tem que ser assim a gente tem que ter agilidade a gente não pode parar. E aí a gente está sendo engolido por isso... quanto mais eu tenho tempo mais eu vou colocando coisa na minha agenda. ...

E aí você come um alimento que é um ruim, contaminado. E aí você adoce então você vai gerando para essa cadeia. E a gente fica nesse meio,

É uma questão de enriquecimento das indústrias farmacêuticas das indústrias de mercado porque quanto mais você não tem tempo de cozinhar mais você consegue comprar aqueles produtos industrializados totalmente ruins para a saúde e com isso você adoce.

A narrativa apresenta elementos que permitem afirmar que R., através de sua vivência, tem consciência que estamos condicionados e submetidos a um sistema opressor e que é preciso superar. Para FREIRE (1979), a conscientização é o aprofundamento da consciência crítica que acontece através das práxis, numa relação ação/reflexão/ação para a superação das desigualdades sociais.

7.6 LUTA POR DIREITOS

O agravamento da questão social é um traço estrutural, atual, do capitalismo e se materializa no processo de retirada de direitos: direito ao trabalho, e, mais especificamente, a um emprego; direito ao acesso à terra; direito à moradia, à educação, à saúde, ao lazer.

Nesse contexto, no limite, homens e mulheres vêm sendo despojados, no dizer de Hanna Arendt, do “direito a ter direitos” que, de forma incontestável, é o móvel das lutas dos sujeitos sociais; sujeitos que exercem a “cultura da recusa”, a “cultura da negação”

do modo de vida imposto pelo capital, gestando a “cultura dos direitos”, acenando para um novo modo de vida, novas sociabilidades, no interior de movimentos sociais de diferentes naturezas e formatos (SORJ; CARDOSO; FRONT, 2008, p.17).

É exatamente a “cultura da recusa” a esse modelo que mercantiliza, privatiza, dissocia e exclui, que os movimentos expressam, na sua luta por direitos, e questionam o Estado a criar e instituir políticas sociais. Obviamente, a luta por direitos no Brasil se contrapõe à “cultura da carência”, do clientelismo, do patrimonialismo, da dependência que marca a vida brasileira. E mais, é confrontar a “cultura da benesse”, a favor de quem é incapaz de prover suas necessidades; enfim, o carente, destituído de cidadania.

Para R., essa questão do direito é tão recente, que, às vezes, mesmo quem tem um pouco mais de consciência ainda se pega tendo os nossos direitos violados. *Mesmo a gente tendo conhecimento de algumas coisas não estarem tão enraizadas, o que é essa questão do direito que é o direito e como eu posso fazer para garantir acho que é também uma questão. É preciso de voz para lutar por isso para garantir um direito que é teu.*

A organização dos coletivos em Sapopemba luta pela garantia de direitos se contraponto à cultura da carência e da benesse. Para J. G., a gente quer ver o outro bem... onde eu tenho acesso o outro tem que ter acesso, é o direito a ter uma política pública e fazê-la acontecer.

Algumas lideranças começaram lutar para trazer a unidade de saúde, porque a gente não tinha ali no nosso território unidades de saúde as Unidades de Saúde mais próxima que a gente tinha era do laçapé e a da Vila Renato. Então esse miolo onde nós estamos ele ficava descoberto porque só tinham essas duas unidades de saúde então o atendimento era mais difícil acesso. E aí eu me recordo que acho que foi em 97 98 por aí que a unidade de saúde foi instalada onde era o centro comunitário hoje. Hoje é a Unidade Básica de Saúde da Madalena que antes ela era ali. Então ela foi pensada naquele espaço por conta de acesso mesmo por conta da questão do território de ressignificar muita coisa naquele território, com relação à saúde que não se tinha acesso não se tinha muito acesso às unidades de saúde. Então proposta foi isso de garantir o direito à saúde para aquela população e eu me recordo, muito clara tudo. Assim que o posto foi inaugurado de duas situações, uma de uma menininha que estava se engasgando com leite e acabou sendo levada para a unidade de saúde e acabou sendo ressuscitada ali e outra de uma senhora que acabou entrando em trabalho de parto e acabou ganhando neném na unidade de saúde.

Então, o quanto que aquela unidade significou muito para aquele território porque é uma população que ela não tinha esse acesso. E aí de repente ela se vê como unidade da porta de casa então isso fez muita diferença para a relação do território com a saúde e ao longo do tempo acho que foi feita essa construção da importância de trabalho preventivo, porque antes não se tinha como a gente não tinha esse acesso à unidade de saúde.

Meu pai participou do movimento de saúde... aí quando a unidade foi instalada ele passou a trabalhar na unidade de saúde como agente operacional... ele ficava na porta, acolhia as pessoas... como ele era bem conhecido era muito mais fácil de lidar ... quando tinha alguma situação mais difícil, quando havia alguém um pouco mais exaltado... então ele conseguia fazer um pouco esse manejo de ir moldando um pouco essa situação tem que conseguir fazer.

O Direito à alimentação saudável também é uma pauta dos coletivos, como S. comenta que fica pensando como o acesso a alimentos afeta as famílias. Relata que diariamente recebe famílias que estão desempregadas e sem recurso para adquirir o alimento. É preciso garantir alimentação de qualidade, orgânica e sem agrotóxico.

Outras garantias de direitos também aparecem nas ações dos coletivos e associação, como o direito à cultura na periferia, o direito à educação, o direito à proteção das crianças e adolescentes, os direitos humanos das pessoas privadas de liberdade, o direito de ir e vir, direito de viver em um território livre da violência institucional e principalmente o direito de existir.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal motivador da minha tese é a minha prática docente no ensino e na extensão. É contribuir para que o aluno consiga, a partir das potências do território, pensar em ações promotoras de saúde. Para isso, tal qual eles, adentrei um território desconhecido por mim e busquei construir elementos que permitam identificar as potencialidades do território, com vistas à ampliação da potência de vida e de produção de saúde.

Durante a pesquisa de campo encontrei espaços produtores de saúde no território que atendem uma parcela das famílias. Importante registrar que a demanda do território é maior que a oferta. Registro também que as potencialidades do território marcaram as narrativas e é delas que tratamos.

As pessoas que conseguem acessar esses espaços vivem uma experiência de existir coletivamente, de pensar sobre outras formas de existência mais cooperativa e menos egocêntrica. Esses espaços afirmam a existência de um povo periférico, discute os estilos e as formas de viver.

Partindo da ideia que pode se ampliar a potência de vida a partir dos encontros, conseguimos identificar no território vários espaços onde as pessoas se encontram, estabelecem momentos de falas e de escuta e se organizam para resolução de problemas de forma coletiva. Esses encontros fazem com que as pessoas aumentem a sua potência de agir e de viver, porque a partir das falas se percebe que afetos de alegria são produzidos.

Alguns encontros ruins foram narrados, relacionados à violência institucional contra o jovem pobre da periferia. Percebe-se que esses encontros ruins fomentaram a mobilização popular por direitos. Portanto, um encontro ruim promoveu bons encontros, para atender uma necessidade de proteger as crianças e adolescentes dessa violência.

Podemos falar que no território de Sapopemba existem encontros convenientes e encontros transformadores, nos quais afetos de alegria resultam em amor e esperança.

Temos encontros transformadores que são muito importantes para resgatar o sentido da vida e despertar as potencialidades do território. São considerados bons encontros, por ampliar a potência de vida.

Os encontros também podem ser geradores de desconforto quando na relação não há habilidade para negociação. E por isso as relações precisam acontecer de forma dialógica mediada pelo respeito, fomentando a troca de conhecimento, com capacidade de acolher, produzindo vida de forma coletiva, experimentando e reinventando modos de vida.

O encontro é considerado uma ferramenta potencializadora porque possibilita a construção compartilhada de conhecimento e por consequência amplia a possibilidade de uma reflexão crítica sobre a realidade. Considerando as narrativas, é possível dizer que os encontros no território ativam afetos de alegria, de esperança, confiança, vínculo e respeito e nos desvencilham de uma forma de existir subserviente, possibilitando ter mais autonomia e mais liberdade no cotidiano da saúde, pois mobiliza saberes e troca de experiências de práticas de cuidado.

Contraditoriamente, a gente vive um momento da história onde as práticas coletivas deram lugar às práticas individuais e por isso é muito desafiador a existência desses espaços coletivos no território, tanto pela sua capacidade de mobilizar a comunidade, quanto de fortalecer a participação popular com vista à emancipação coletiva.

Muitos autores discutem a importância das ações intersetoriais e multiestratégicas dentro do território para a resolução de problemas complexos que afetam diretamente as condições de saúde.

Encontramos espaços coletivos de luta e de resistência dentro do território de Sapopemba através das redes sociais, principalmente do whatsapp, facebook e do instagram. Foi uma forma de me comunicar e de acessar algumas informações, como, por exemplo, os projetos, os eventos, os conflitos, as alianças. É um espaço para registro das atividades realizadas pelos coletivos.

Considerei importante manter as falas dos sujeitos algumas vezes na íntegra, mesmo sendo extensas por representar referenciais importantes para discutir a temática dos encontros no território.

O *Google Maps* é uma ferramenta importante que permitiu navegar pelo território e identificar os equipamentos sociais, as áreas de comércio e os lugares por onde eu precisava caminhar até chegar para a entrevista. Através da imagem de satélite é possível observar o relevo, as nascentes, as matas e os aglomerados urbanos.

Acredito que a empatia, a simplicidade e o respeito às pessoas que ali vivem são elementos importantes para a entrada no território.

O número de pessoas que se responsabilizam pelos projetos é pequeno, por isso a necessidade de trabalhar em rede e apoiar as iniciativas dos parceiros.

O contato com práticas de agroecologia e agrofloresta em um grande centro urbano é significativo, já que o trabalho com a terra resgata a história dos nossos antepassados e promove a valorização desses saberes. É um ato coletivo que permite que as pessoas se encontrem, dialoguem sobre as questões do cotidiano e cuidem da saúde mental.

Todas as atividades presenciais que participei tiveram início com a oferta de café ou lanche: e é um importante momento de integração para se conhecer novas pessoas. O uso da música, poesia, esquete, curta metragens foram instrumentos para disparar reflexões.

A participação das atividades como brincante, como, por exemplo, no Maracatu, nas rodas de samba, saraus, rodas de conversa contribuiu para me aproximar das pessoas.

Os encontros são produzidos por sujeitos sociais, em sua maioria jovens e mulheres. Mas temos pessoas de todas as idades e sexo.

A busca de informações acerca do espaço construído e das relações sociais produzidas contribuiu para identificar as potências e as fragilidades do território. Sapopemba é marcado por sua história de luta pelos direitos humanos e por moradia. E de resistência, frente à violência institucional. O observatório da violência representa essa resistência.

Sapopemba é um espaço produzido pelos movimentos sociais através de fluxos e ressignificações dos sujeitos que ocupam esse território de grande

relevância para a cidade de São Paulo. É um território com elevada densidade demográfica, que abriga 22% dos domicílios em favelas, com a menor proporção de área verde por habitante da cidade de São Paulo.

Em relação aos equipamentos, Sapopemba conta com vários equipamentos sociais, mas a demanda é maior que a oferta.

As narrativas apontam que os moradores adotam diversos significados para o lugar onde vivem, descrevendo elos afetivos e sentimentos de pertencimento. E isso se fortalece com a história e com as memórias de lutas e conquistas, que sustentam um projeto político em permanente disputa no território.

A história dos movimentos sociais é marcada pela atuação da igreja católica, por meio das comunidades eclesiais de base, no apoio ao movimento de moradia e infraestrutura urbana. Esses movimentos foram dando lugar a outras lutas, como a defesa das áreas verdes remanescentes, defesa da criança e adolescente, defesa dos direitos das pessoas privadas de liberdade, dentre outras.

Os movimentos sociais precisam estar voltados para o interesse público, e um fazer coletivo que não se limita a denunciar problemas, mas sim de apontar também caminhos para a superação. Isso caracteriza a formação dos espaços periféricos acompanhada de uma série de contradições.

Essas contradições motivaram ainda mais a necessidade de se organizar e contribuíram para formação de agentes sociais com competência para negociação de conflitos e solidariedade com as pautas das minorias.

A participação nos movimentos sociais é considerada uma forma autêntica de participação popular caracterizada pelo protesto, pela insatisfação diante das contradições existentes na sociedade capitalista.

O movimento popular de luta por moradia e infraestrutura tiveram conquistas importantes e foram se reorganizando para atender a outras pautas, como a proteção do ambiente. Outras pautas mais engajadas com a realidade da juventude periférica fomentaram os movimentos culturais, considerado como importante espaço de formação crítica, na atualidade.

As mulheres são as maiores protagonistas dos movimentos de moradia e se organizam nos coletivos apontando caminhos para o feminismo popular, para a valorização de sua arte e do seu papel nas lutas coletivas. O feminismo popular trata de uma luta que é cotidiana, é antirracista e anti-homofóbica e corrobora com as práticas artísticas e culturais de empoderamento feminino.

Os espaços de artes para corpos pretos LGBTQIAP+ e periféricos desenvolvem manifestações artísticas culturais em parceria com vários outros coletivos no território, dentre eles os serviços de atendimento médico especializado em infecções sexualmente transmissíveis.

Temos espaços de resistência e de cuidado que amparam as famílias e os egressos do sistema prisional e que discutem o encarceramento em massa do jovem preto da periferia.

As pautas da produção de alimentos e reflorestamento compõem as ações intersetoriais e multiestratégicas no território e mobilizam várias parcerias com plantio de árvores nativas e hortaliças para garantir uma alimentação mais saudável. A participação efetiva de vários membros da comunidade é essencial pela necessidade de um cuidado diário.

A implantação do Parque da Juta é importante porque é uma Reserva de Mata Atlântica e preserva várias espécies animais e vegetais importantes. A existência do Parque valoriza o espaço e amplia as possibilidades de lazer, dando outro significado a um pequeno pedaço de mata em Sapopemba de grande importância para os moradores e para a cidade de São Paulo.

A sociocracia representa a principal forma de organização dos coletivos, assegurando decisões de maneira democrática, sem critérios hierárquicos, com agentes facilitadores.

A relação dos movimentos sociais com o Estado é contraditória: de um lado a crítica que se coloca em relação da transferência de responsabilidade do Estado para os movimentos sociais; do outro a sustentabilidade de alguns projetos só foi possível por causa da parceria. Algumas organizações se afirmam como independentes, para poder se opor ao Estado, quando isso se fizer necessário.

Os editais de fomento à cultura é o que mantém a sustentabilidade de alguns projetos.

Um desafio apontado é a formação de lideranças na perspectiva de agregar novos atores com novas identidades políticas e competência de fazer um enfrentamento frente ao sistema político: líderes que representem a manifestação dos interesses dos coletivos.

O que se percebe é um pequeno número de pessoas assumindo um grande número de responsabilidades e um conjunto de voluntários flutuantes. A permanência no trabalho voluntário depende de inúmeros fatores, mas o principal são as longas jornadas de trabalho que impossibilitam a participação mais ativa nos coletivos.

O trabalho voluntário gera sentimento de solidariedade, de empatia e de pertencimento. Faz com que as pessoas se sintam responsáveis e comprometidas com o desenvolvimento de ações locais para melhoria da qualidade de vida.

A maioria das pessoas ingressaram nos movimentos através da igreja (grupos de jovens e pastorais), da participação em eventos públicos, através dos movimentos sindicais, por interesse individual e por estarem em contato com os movimentos desde a infância e adolescência.

Os sujeitos produtores de encontro no território são sujeitos periféricos que tiveram experiência de um modo de vida mais comunitário por necessitarem de uma ajuda mútua da vizinhança, principalmente para o cuidado com as crianças.

Os estudos apontam que nos últimos anos houve um aumento de atividades culturais na periferia. E essas atividades culturais são importantes para a formação de uma identidade e de se pensar outras formas de viver, por fomentar a criticidade.

Identificamos inúmeras estratégias para a mobilização comunitária e fortalecimento da comunidade utilizando uma metodologia que promova o diálogo, a emancipação, a participação e a criatividade e que contribua para a autonomia no que diz respeito à condição de sujeito de direito.

Os encontros são produzidos utilizando dinâmicas de acolhimento e de escuta qualificada. O diálogo promove um espaço de troca de experiências que

permite pensar a resolução dos problemas de forma coletiva, a partir das potências que se tem dentro do território. As relações horizontais possibilitam o reconhecimento da diversidade e fazem com que as pessoas se respeitem. A organização do espaço em círculo permite que as pessoas se sintam iguais e possam se olhar. Novos sentidos são criados e o sujeito empoderado luta pela transformação da realidade

O diálogo entre o saber popular e o saber científico está presente nas ações, garantindo os lugares de fala da comunidade e da academia.

A roda de conversa é um instrumento muito importante, pois permite compartilhar experiências e reflexões. É um espaço de diálogo e escuta, no qual o respeito às diferenças e as relações de confiança são importantes.

As oficinas permitem a construção de novos conhecimentos em um processo ativo e reflexivo, principalmente quando a relação é não hierárquica dentro do grupo e promove o sentimento de pertencimento coletivo.

As atividades culturais, como o bloco de carnaval EURECA, os saraus, as rodas de samba, o hip hop através do rap, da dança de rua e do grafite são produtores de encontro e denunciam as condições em que vive o povo da periferia. Essas ações fomentam reflexões e contribuem para a formação política cultural, estabelecem vínculos de afetividade, são construídos de maneira democrática com pautas concretas.

As feiras de economia solidária também surgem como uma potência organizada dentro do território: uma opção de enfrentamento ao sistema capitalista no qual o processo de produção e de comercialização se dá de modo diferente e o lucro não é o único objetivo e fomenta o sentimento de participação e de solidariedade.

A produção de filmes e documentários também foi uma forma de mobilizar a comunidade porque consegue narrar muitas vezes histórias de vida e de luta, bem como traz à tona temas atuais que dialogam com a realidade do território, denuncia formas existentes de opressão que incidem sobre os corpos e em outro plano apresenta as potencialidades do território.

As ações multiestratégicas e intersetoriais são estratégicas para a promoção de saúde e são desenvolvidas pelos coletivos que estão organizados em rede e se articulam com a educação, a saúde e a assistência social.

A partilha de memórias é uma possibilidade de ampliar a identidade do jovem com o território. Importante que eles saibam que grande parte das conquistas do território é fruto de luta dos movimentos populares.

A afirmação da identidade enquanto sujeito preto periférico aparece em várias falas e isso é importante para o resgate da autoestima ou chegada da autoestima. O resgate das origens e o reconhecimento no processo de formação de identidade é fundamental para o futuro da sua geração. Esse reconhecimento se dá quase que diariamente e é importante conhecer o passado para sabermos onde estamos para poder sair desse lugar que foi imposto.

Um dos efeitos desses encontros no território é a formação política desencadeada principalmente pelos coletivos artísticos culturais. Uma grande parcela dos sujeitos que mobilizam os coletivos culturais e que são educadores são frutos desses projetos do território.

Quem produz os encontros entende que os fazeres artísticos são libertadores e que é possível criar novas formas de vida na periferia, novas formas de fazer e ser.

Portanto, entendemos que os coletivos são espaços de ação política e de formação de sujeitos sociais críticos, que permite a descoberta de novas habilidades e impulsionam o ingresso no ensino superior, ampliando a leitura crítica da realidade e a promoção da autonomia e do empoderamento.

Outro ponto a considerar como resultado dos encontros no território é a solidariedade crítica que se contrapõe à solidariedade de cunho assistencialista, já que o assistencialismo não contribui para fomentar ações transformadoras. O grande desafio da mobilização é tocar a emoção das pessoas, fator determinante para a decisão de participar.

É preciso ter consciência do compromisso com o mundo e com a história, é necessário ter consciência de classe para se organizar e questionar a lógica do

capital desenfreado e de como isso impacta na vida das pessoas, como a retirada de direitos, traço estrutural do sistema capitalista na contemporaneidade.

A luta por direitos se contrapõe à cultura do clientelismo. É preciso ter consciência de que os direitos estão sendo violados e os coletivos de Sapopemba levantam essa bandeira.

A narrativa sobre esse processo de fazer-coletivo funciona como ferramenta metodológica, pois se constituiu tanto como dispositivo de comunicação, como de reflexão sobre práticas no território. E, por isso, é particularmente importante para a saúde pesquisas em que as relações entre sujeitos e coletivo, memórias e ação política aparecem como questões de especial interesse.

A realização desta pesquisa resgatou um pouco da minha história e fui muito tocada. Fortaleceu meu desejo de estar junto com meu povo que é periférico e usar o que a UFS me proporciona para tentar fazer a diferença no meu lugar de fala, que é o movimento social. Senti-me em casa, eu me vi naquelas crianças e adolescentes e naqueles educadores que conseguiram acessar o ensino superior e que nunca esqueceram suas raízes.

9. REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, A. M. DE S.; DE ALVARENGA, A. T.; RINA, S. C. DE S. A. D. Life histories stories of homeless people, social exclusion situations and transforming encounters. **Saude e Sociedade**, v. 18, n. 2, p. 259–272, 2009.
- ALVES, L. M. A. Igreja católica: imaginário, ditadura e movimentos sociais. **Caderno Espaço Feminino**, v. 26, n. 2, p. 187–208, 2013.
- ANTONIO, A. C. C.; SÁ, A. J. OS MOVIMENTOS SOCIAIS URBANOS E SUAS MANIFESTAÇÕES CONCRETAS NO BRASIL E NO RECIFE : **Revista de Geografia - UFPE**, p. 201–229, 2009.
- ARAÚJO, M. B. D. S.; ROCHA, P. D. M. Trabalho em equipe: Um desafio para a consolidação da estratégia de saúde da família. **Ciencia e Saude Coletiva**, v. 12, n. 2, p. 455–464, 2007.
- AUGUSTI, A. R. A cultura do individualismo na sociedade contemporânea e a formação das identidades. **Faro: revista teórica del Departamento de Ciencias de la Comunicación**, p. 439–454, 2005.
- BAGNO, S.; SILVA, S.; PINTO, D. Memórias, identidades e pertencimento de um grupo de moradores da comunidade do Fallet, bairro de Santa Teresa, cidade do Rio de Janeiro. **Revista Perspectivas do Desenvolvimento: um enfoque multidimensional**, v. 02, n. 03, p. 1–18, 2014.
- BARRETO, M. R.; DA SILVA, D. B. D. Resistance, survival, and associativism: Reinventing life in the territories of modern slavery (18th-20th centuries). **Tempo (Brazil)**, v. 27, n. 2, p. 379–382, 2021.
- BETTO, F. et al. Teologia da libertação: origem e desenvolvimento*. p. 185–191, 2012.
- BORNSTEIN, V. J. (ORG). **Curso de aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde - textos de apoio**. [s.l: s.n.].
- BRASIL. Política nacional de educação popular em saúde. **Ministério da Saúde**, p. 26, 2012.
- BRASIL, M. DA J. E S. P. **Dados sobre população carcerária do Brasil são atualizados**. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/justica-e-seguranca/2020/02/dados-sobre-populacao-carceraria-do-brasil-sao-atualizados>>.
- BROCA, P. V.; FERREIRA, M. DE A. Equipe de enfermagem e comunicação: contribuições para o cuidado de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 65, n. 1, p. 97–103, 2012.
- CALIXTO JÚNIOR, J. D. **OS DESDOBRAMENTOS SOCIAIS E CULTURAIS**

DAS RODAS DE SAMBA NA CIDADE DE SÃO PAULO. [s.l.] CELACC - ECA - USP (Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação), 2014.

CASTELLS, M. **O Poder Da Identidade.** [s.l: s.n.].

CAVALCANTE, C. E. MOTIVAÇÃO NO TRABALHO VOLUNTÁRIO: DELINEAMENTO DE ESTUDOS NO BRASIL. **Revista Estudos do CEPE**, p. 161–182, 2013.

COSTA, M. L.; BERNARDES, A. G. Produção de saúde como afirmação de vida. **Saude e Sociedade**, v. 21, n. 4, p. 822–835, 2012.

CRISTINA, I.; ALVES, P. Associativismo: abordagem teórica e seus princípios. n. 2013, p. 1–9, 2017.

D'ANDREA, T. P. A formação dos sujeitos periféricos: Cultura e política na periferia de São Paulo. p. 309, 2013.

DO NASCIMENTO, M. V. N.; DE OLIVEIRA, I. F. As práticas integrativas e complementares grupais e sua inserção nos serviços de saúde da atenção básica. **Estudos de Psicologia**, v. 21, n. 3, p. 272–281, 2016.

DOS SANTOS, G. M. et al. TOPOFILIA E TOPOFOBIA NOS PROCESSOS DE REALOCAÇÃO: ESTUDO DE CASO DA VILA BECKER – PARANAGUÁ, PARANÁ. **Revista Mundi Meio Ambiente e Agrárias (ISSN: 2525-4790)**, v. 4, n. 2, p. 98–122, 2020.

FARIA, L. S. P. DE. Etnografia na pandemia :: algumas experiências de trabalho de campo. p. 1–9, 2022.

FARIA, R. M. DE; BORTOLOZZI, A. Espaço, território e saúde: Milton Santos. **Editora UFPR**, n. 17, p. 31–42, 2009.

FERREIRA, D. **FAZENDA DA JUTA/SP: uma trilha entre o rural e o urbano – trajetória de luta e resistência no assentamento de um povo.** [s.l.] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO/PUC-SP 1, 2018.

FERREIRA, D. DA S. **Território, Territorialidade e seus múltiplos enfoques na ciência geográfica.** [s.l: s.n.].

FIGUEIRÓ, R. DE A.; FIGUEIRÓ, M. E. S. DA S.; MINCHONI, T. **Saúde e Sistema Prisional: impasses e possibilidades no Rio Grande do Norte.** [s.l: s.n.].

FLICK, Uwe. Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa. 5ª Edição, Sage Publications, Londres, 2014.

FONSECA, C. Concepções de família e práticas de intervenção : uma

contribuição antropológica Family conceptions and practices of intervention : an anthropological contribution Família versus Indivíduo. **Saúde e Sociedade**, v. 14, n. 2, p. 50–59, 2005.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, n. 1, p. 17–27, 2008.

FONTES, L. DE O. From cultural formation to social mobilization: Spaces for formation and mobilization over three generations in the Sao Paulo outskirts. **Lua Nova**, n. 109, p. 51–101, 1 jan. 2020.

FREIRE, P. **Educação como prática da Liberdade**. 1. ed. Rio de Janeiro: EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1967.

FREIRE, P. Conscientização: Teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. In: MORAES, C. E (Ed.). São Paulo: [s.n.].

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, J. S. DE; ALMEIDA, M. G. DE. Ser ou estar no lugar?: Um ensaio sobre espacialidades, memórias e identidades. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 38, n. 2, p. 233, 2016.

GARRAFA, V.; SOARES, S. P. O princípio da solidariedade e cooperação na perspectiva bioética. **Revista Bioethikos**, v. 7, n. 3, p. 247–258, 2013.

GOMES, M. P. C.; MERHY, E. E. **Coleção Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde**. [s.l: s.n.].

GONÇALVES, A. G. B. et al. Encontros Desiguais: convivendo nas fronteiras. **Ponto Urbe**, n. 17, 2015.

GONÇALVES, F. M. D. A. **Cadeia e Correção: sistema prisional e população carcerária na cidade de São**. [s.l.] UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL FLÁVIA, 2010.

GUIMARÃES, M.; DAS MERCÊS VASCONCELLOS, M. N. Relações entre educação. v. 27, p. 147, 2006.

HABERLAND, R. et al. O fazer coletivo nas políticas de saúde da FÓ/Brasilândia (SP): fóruns, redes, grupalidades. **Distúrbios da Comunicação**, v. 29, n. 4, p. 793, 27 dez. 2017.

INSTITUTO CIDADES SAUDÁVEIS. Mapa da desigualdade. **on-Line**, 2019.

KABASHIMA, Y. et al. SISTEMAS AGROFLORESTAIS EM ÁREAS URBANAS. **Revista da Sociedade Brasileira de Arborização Urbana**, v. 4, n. 3, p. 01, 2019.

LACERDA, R. S. **TERRITORIALIDADE, SAÚDE E MEIO AMBIENTE: CONEXÕES, SABERES E PRÁTICAS EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE SERGIPE**. [s.l.] UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, 2017.

LÜCHMANN, L. H. H.; SCHAEFER, M. I.; NICOLETTI, A. S. Associativismo e repertórios de ação político-institucional. **Opinio Publica**, v. 23, n. 2, p. 361–396, 2017.

MACHADO, A. H. A influência dos setores católicos na formação do Partido dos Trabalhadores. p. 1–10, 2009.

MAGRO, V. M. DE M. Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop. **Cadernos CEDES**, v. 22, n. 57, p. 63–75, 2002.

MALTA, D. C.; MERHY, E. E. A micropolítica do processo de trabalho em saúde: revendo alguns conceitos. **REME rev. min. enferm**, v. 7, n. 1, p. 61–66, 2003.

MALVASI, P. A.; DANTAS, H. DE S.; MANZALLI, S. F. Human rights and health: reflections on life and politics in the context of the incarcerated population. **Saude e Sociedade**, v. 31, n. 2, 2022.

MARIA, S.; SIQUEIRA, M. O papel dos movimentos sociais na construção de outra sociabilidade. v. 2, p. 1–15, 1997.

MAYNART, W. H. DA C. et al. A escuta qualificada e o acolhimento na atenção psicossocial. **Acta Paul Enferm**, v. 27, n. 4, p. 300–3, 2014.

MEINEM, E.; PORT, M. **Cooperativismo Financeiro: percurso histórico, perspectivas e desafios**. Brasília: [s.n.].

MELLEIRO, M. M.; GUALDA, D. M. R. Exploring the photovoice in an ethnographic research: a strategy for data collection. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 58, n. 2, p. 191–193, 2005.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Caderno de Educação Popular e Saúde**. [s.l.: s.n.].
MOREIRA, R. **A Natureza do Espaço. Técnica e tempo, razão e emoção**. [s.l.: s.n.]. v. 1

MOURA A; LIMA, M. A reinvenção da Roda: Roda de conversa: Um instrumento metodológico possível. The reinvention of the wheel: the Conversation Circle: a methodologically possible instrument. **Revista Temas em Educação**, v. 1, p. 98–106, 2014.

NASCIMENTO, E. B. V. Desafios da Pesquisa em tempos de Pandemia. v. 17, n. 2, p. 2128–2129, 2021.

NUNES, J. M. et al. Prática Educativa Com Mulheres Da Comunidade : Educational Practice With Women in the Community : Prevention of Pregnancy in Adolescence. **Texto Contexto Enferm**, v. 23, n. 3, p. 791–798, 2014.

NUNES, K. F. DA LUTA AO LUTO: nossos corpos são políticos e alvo da morte. **III SINESPP**, 2020.

OLIVEIRA, E. R. **Permanência e desistência de indivíduos no voluntariado: variáveis disposicionais e organizacionais**. [s.l.] Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2022.

OLIVEIRA, V. H. N. Desafios para a pesquisa no campo das ciências humanas em tempos de pandemia da COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 5, n. 14, p. 93–101, 2021.

PACHECO, T. Expressões da luta de coletivos culturais nas periferias de São Paulo em tempos de pandemia. **Revista Extraprensa**, v. 15, n. Especial, p. 420–441, 31 maio 2022.

PEDREIRA, B. et al. Emergência Política na Periferia. **Instituto Update**, 2018.
PEIXOTO, J. Relações entre sujeitos sociais e objetos técnicos: Uma reflexão necessária para investigar os processos educativos mediados por tecnologias. **Revista Brasileira de Educaçao**, v. 20, n. 61, p. 317–332, 2015.

PEREIRA, S. S.; CURI, R. C. Meio Ambiente, Impacto Ambiental E Desenvolvimento Sustentável: Conceituações Teóricas Sobre O Despertar Da Consciência Ambiental. **REUNIR: Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade**, v. 2, n. 4, p. 35, 2012.

PLACENCIA, Jaqueline Garza. Espaços periféricos: política, violência e território nas bordas da cidade. São Carlos: EdUFSCar, 2021. 270 p.

PRATES, A. A. P. Redes sociais em comunidades de baixa renda: os efeitos diferenciais dos laços fracos e dos laços fortes. **Revista de Administração Pública**, v. 43, n. 5, p. 1117–1146, 2009.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Caderno de Propostas dos Planos Regionais das Subprefeituras - Quadro Analítico Sapopemba**. , 2016.

RAFFESTIN, C. **Parte III – O Território e o Poder - Capítulo 1 – O que é território?** [s.l: s.n.].

RODRIGUES, E. C. IDENTIDADE MOBILIZADORA, LIDERANÇA E EDUCAÇÃO: FATORES QUE INTER-RELACIONAM. **Opará - Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação, Paulo Afonso**, 2013.

ROLNIK, R. Morar, atuar e viver. **Teoria e Debate**, 1990.

SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª edição 2001

SALES, A. DO A.; TORRES, I. C. Mulheres Na Luta Por Moradia: Um Olhar Sustentável Sobre a Atuação Do Movimento Orquídeas. p. 1888–1900, 2014.

SALGADO, A. C. S.; PENA, R. S.; CALDEIRA, L. W. D. Apoio institucional e militância no Sistema Único de Saúde (SUS): Refletindo os desafios da mobilização dos sujeitos na produção de saúde. **Interface: Communication, Health, Education**, v. 18, p. 909–918, 2014.

SANTOS, A. L. T. A prática dos movimentos de moradia na produção do espaço da cidade de São Paulo: os limites da participação e a (im)possibilidade de emancipação. p. 454, 2010.

SANTOS, C. M. DOS; PEREIRA, J. M. ETNOGRAFIA VIRTUAL: UMA ALTERNATIVA DE CAMPO EM TEMPOS DE PANDEMIA. **Revista São Luis Orione**, v. 2, p. 53–64, 2021.

SANTOS, J. A. DOS. Arte urbana no capitalismo em chamas: pixo e grafite em explosão. 2019.

SANTOS, J. F. A. DOS. Mobilização comunitária e comunicação de risco para a redução de riscos de desastres Mobilização comunitária e comunicação de risco para a. 2012.

SANTOS, M. DOS; MACHADO, M. C. M. Agricultura Urbana e Periurbana. **Segurança Alimentar e Nutricional**, v. 27, p. e020010, 2 dez. 2019.

SANTOS, G. B. OS PROCESSOS DE NEGAÇÃO DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE NEGRA EM “ A MÁSCARA ” DE GRADA KILOMBA. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação- REASE**, p. 475–484, 2020.

SANTOS, M. Espaço & método. p. 1–65, 1988.

SCHMIDT, M. L. S.; MAHFOUD, M. **2-Halbwachs: memoria coletiva e experiencia. Psicol. USP**, 1993.

SEGATA, J. A pandemia e o Digital. **Imagens do pensamento: sociedade hipercomplexa e educação remota**, p. 134–149, 2020.

SELLI, L.; GARRAFA, V. Bioética, solidariedade crítica e voluntariado orgânico. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 3, p. 473–478, 2005.

SILVA, C. S. M. DA. **Movimento de mulheres, movimento feminista e participação de mulheres populares: processo de constituição de um feminismo antissistêmico e popular**. [s.l.] Universidade Federal De

Pernambuco, 2016.

SILVA, D. G. DA. **A efetividade dos mecanismos de prevenção e punição de execuções sumárias: vivências do CDHS de Sapopemba.** [s.l.] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, 2022.

SOARES, G. S. **Lideranças e movimentos sociais no cenário sociopolítico da cidade de São Paulo: experiências coletivizadas no Observatório dos Direitos do Cidadão entre os anos 2001 e 2009.** [s.l.] PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO PUC, 2010.

SOARES, S. J. P. Documentário e Roteiro de Cinema: da pré-produção à pós-produção. p. 250, 2007.

SORJ, B.; CARDOSO, F. H.; FRONT, M. **Economia e movimentos sociais na América Latina.** [s.l: s.n.].

STRAPPAZZON, A. L.; MAHEIRIE, K. “Bons encontros” como composições: Experiências em um contexto comunitário. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 68, n. 2, p. 114–127, 2016.

SUPLICY, M. **Lei do vai.** , 2003.

TATAGIBA, L.; ABERS, R.; SILVA, M. K. Movimentos sociais e políticas públicas: ideias e experiências na construção de modelos alternativos. **Burocracia e políticas públicas no Brasil: interseções analíticas.**, p. 105–138, 2018.

TATAGIBA, L.; TEIXEIRA, A. C. C. Efeitos combinados dos movimentos de moradia sobre os programas habitacionais autogestionários. **Revista de Sociologia e Política**, v. 24, n. 58, p. 85–102, 2016.

TENINNA, L. **Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos.** Brasília: [s.n.].

TORTORELLA, A. O fundamento ético de Gramsci. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, 1997.

TOURAINÉ, Alain. Um novo paradigma. Ed. Vozes, 2006, p. 180.

TOZZI, G. F. Relações de gênero e luta por moradia segundo a experiência de mulheres do MST-Leste 1. p. 99–113, 2019.

VASCONCELOS, E. M.; CRUZ, P. J. S. C. **Educação Popular na Formação Universitária: reflexões com base em uma experiência.** HUCITEC ed. São Paulo: [s.n.].

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa: **“ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA MOBILIZAR A COMUNIDADE E ATIVAR BONS ENCONTROS EM ESPAÇOS POTENCIALMENTE PRODUTORES DE SAÚDE”**. Esse projeto tem como analisar as estratégias utilizadas para mobilizar a comunidade e ativar bons encontros em espaços potencialmente produtores de saúde. O cenário dessa pesquisa serão os espaços potencialmente produtores de saúde que mobilizem a comunidade e promovam encontros periódicos. Para alcançar os objetivos da pesquisa, utilizaremos a técnica de entrevistas narrativas. Toda a pesquisa com seres humanos envolve riscos, mas na presente o risco é mínimo: não há riscos à integridade física e a participação na pesquisa não traz implicações legais. Há, no entanto, a possibilidade de desconfortos relacionados a aspectos psicológicos que a produção que a narrativa estimula, já que durante seu desenvolvimento a participante é convidada a resgatar momentos que marcaram sua trajetória, o que pode desencadear diferentes reflexões, as quais podem deixar o participante emocionado ou e/triste. Caso essa situação ocorra o pesquisador estará prontamente disponível para resolver da melhor forma possível, encaminhando, caso necessário, para profissionais capacitados ou aplicando orientações, sempre que for necessário. Espera-se a partir dos resultados dessa pesquisa apontar a capacidade dos "bons encontros" como possibilidades para se aumentar a potência de vida das pessoas, produzindo lugares saudáveis em contextos de experiências coletivas e comunitárias. O Sr(a) será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. O Sr(a) é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a sua recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de qualquer benefício, você possui garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa que absorverá qualquer gasto relacionado garantindo assim não oneração de serviços de saúde. Os pesquisadores irão tratar a sua identidade com respeito e seguirão padrões profissionais de sigilo, assegurando e garantindo o sigilo e confidencialidade dos dados pessoais dos participantes de pesquisa. Seu nome, ou qualquer material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. O Sr(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma **via** assinada deste termo de consentimento livre e esclarecido será arquivada no _____ e outra será fornecida ao Sr(a). O estudo poderá ser interrompido mediante aprovação prévia do CEP quanto à interrupção ou quando for necessário, para que seja salvaguardado o participante da pesquisa.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Eu, _____,
 RG. _____ fui informada(o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações para motivar minha decisão, se assim o desejar. A pesquisadora Rosiane Dantas Pacheco certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais e somente os pesquisadores terão acesso. Também sei que caso existam gastos, estes serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa. Em caso de dúvidas poderei chamar a pesquisadora Rosiane Dantas Pacheco no telefone 11964678502.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo também poderá ser consultado para dúvidas/denúncias relacionadas à Ética da Pesquisa e localiza-se na Av. Dr. Arnaldo, 715, Cerqueira César – São Paulo, SP, horário de atendimento: de segunda a sexta-feira, das 9h às 12h e das 13h às 15h telefone, (11) 3061-7779, e-mail: coep@fsp.usp.br, que tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Assinei duas vias deste termo de consentimento livre e esclarecido, o qual também foi assinado pelo pesquisador que me fez o convite e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Uma via deste documento, devidamente assinada foi deixada comigo. Declaro que concordo em participar desse estudo.

Nome	Assinatura do Participante	Data

Pesquisador	Assinatura do Pesquisador	Data

AUTORIZAÇÃO/CESSÃO DE USO DE IMAGEM E SOM

Eu, _____, portador(a) da cédula de identidade nº _____, autorizo a pesquisadora Rosiane Dantas Pacheco a gravar em vídeo e veicular minha imagem somente para fins de pesquisa e divulgação de conhecimento científico, sem qualquer ônus e restrições no âmbito de minha participação na pesquisa “ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PARA MOBILIZAR A COMUNIDADE E ATIVAR BONS ENCONTROS EM ESPAÇOS POTENCIALMENTE PRODUTORES DE SAÚDE”.

São Paulo, ____ / ____ / _____

 Assinatura